

JORGE RIZZINI

Em Busca

da VERDADE

PERDIDA NO TEMPO...

*Descobertas da história
recente do Espiritismo:
da missão de Allan Kardec
aos dias de hoje*



Depois de prever o seu sacrifício na cruz, o Cristo fez a seguinte promessa aos apóstolos: “Se me amais, guardai os meus mandamentos e eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique eternamente convosco: o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós. E o Consolador, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”.

Em 1848, nos EUA, as irmãs Fox popularizaram as sessões com a “mesa girante”, fenômeno que se produzirá na Europa a partir de 1854. Foi por essa época que o professor Denizard Hippolyte León Rivail tomou conhecimento do que se tornaria um divertimento de salão. A promessa de Jesus começava a se cumprir.

O professor Denizard começa a frequentar reuniões na residência da família Baudin em agosto de 1855, onde as irmãs Julie e Caroline faziam a escrita com uma pequena cesta que tinha um lápis preso numa de suas extremidades. A conclusão do professor Denizard: “era uma inteligência estranha que produzia os fenômenos”.

Em Busca da Verdade Perdida no Tempo...

Jorge Rizzini

REPRODUÇÃO (AUTOR DESCONHECIDO)



Allan Kardec (Denizard Hippolyte León Rivail)
3/10/1804 – 31/3/1869

Jorge Rizzini

Em Busca da Verdade Perdida no Tempo...

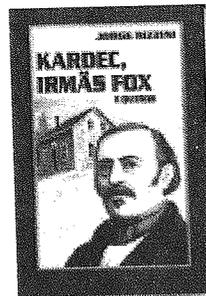
*Nosso tempo, nossa vida, todas as
nossas forças físicas e intelectuais
pertencem à Doutrina.*

(Allan Kardec,
em "Obras Póstumas")

Nota Explicativa

A fim de esclarecer o leitor, informamos que a segunda edição deste livro foi impressa pela *Editora EME* e com a capa exibida ao lado. Em caso de dúvida, favor entrar em contato conosco.

OS EDITORES.



Em Busca da Verdade Perdida no Tempo...

Copyright © 2001 by Jorge Rizzini

Direção Editorial
José Carlos de Carvalho

Coordenação Editorial
José Renato de Carvalho

Supervisão Editorial
Caio Bastos Toledo

Assistência Editorial
Margot Laine Gaspar

Capa
Depto. de Arte DPL

Revisão Final
Jorge Rizzini

Editoração Eletrônica
Depto. Editorial DPL

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados pela:

DPL - EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA.

Rua Cinco de Julho, 59 - São Paulo - SP

Cep. 04281-000 Fone/Fax: (11) 5061-8955

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 42467 - CEP 04218-970 - SP

Internet: www.dpl.com.br • E-mail: dpl@dpl.com.br

Índice

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS À “VIDA MISSIONÁRIA DE ALLAN KARDEC”	09
2. A VIDA MISSIONÁRIA DE ALLAN KARDEC	23
3. ATENTADO AO TÚMULO DE ALLAN KARDEC	41
4. AS MÉDIUNS IRMÃS FOX.	45
5. A MÉDIUM EUSÁPIA PALADINO	59
6. A MÉDIUM SRA. PIPER	75
7. O MÉDIUM FERNANDO DE LACERDA	89
8. O MÉDIUM MIRABELLI	103
9. A MÉDIUM YVONNE A. PEREIRA	117
10. DUAS MÉDIUNS PICTÓGRAFAS E UMA MENSAGEM ESPECULAR	129
11. O INCRÍVEL CORNÉLIO PIRES	133
12. CAMINHOS ESPIRITUAIS NA EUROPA E ÁSIA MENOR	141
13. DUAS CARTAS DE RHINE, O PAI DA PARAPSIKOLOGIA	153
14. HUMBERTO MARIOTTI: CONVICÇÃO E CONSCIÊNCIA DOCTRINÁRIAS	159
15. GIANNINI, “HERÓI DA CODIFICAÇÃO”	165
16. 1º CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISTAS E ESCRITORES ESPÍRITAS	167
17. REMINISCÊNCIAS DO ESPIRITISMO EM PORTUGAL	177
18. RELIGIÃO ESPÍRITA (E A FALANGE DA VERDADE)	185

1

NOTAS INTRODUTÓRIAS À “VIDA MISSIONÁRIA DE ALLAN KARDEC”

Faz mais de um século que Allan Kardec regressou à Pátria Espiritual; mas, triste é confessar, apenas uma minoria lhe assimilou as obras e tem visão perfeita da posição do Mestre no painel da História. Por isso mesmo, achamos por bem colocar ao alcance do público este trabalho biográfico, que, por ser sintético, poderá, talvez, prestar bom serviço.

A vida do Codificador reconstituída por nós é o resultado de pesquisas exaustivas em jornais e livros, nacionais e estrangeiros; e de pesquisas diretas quando visitamos Lião e Paris em 1970 e 1974, a fim de realizar trabalho pioneiro: filmar e fotografar os locais onde viveu Allan Kardec; inclusive, o prédio em que desencarnou e a quadra 44 do cemitério Père-Lachaise, onde se encontram o corpo do Mestre e o de sua esposa, Amélie Boudet. O documentário cinematográfico em cores (feito em 1970) é único em todo o mundo e já não é possível conseguir um outro completo pelo fato de que o prédio onde estava instalado o Instituto Técnico Rivail, na rua de Sèvres, 35, no distrito de Luxemburgo, foi demolido em 1974. Em seu lugar foi construída a sede de uma companhia de seguros. Tanto as pesquisas em Lião e Paris como a redação do texto biográfico tiveram a orientação de Manuel de Abreu, nosso querido Mentor Espiritual. Impossível não registrar sua participação providencial, para nós tão evidente!

A biografia de Allan Kardec é, pois, aqui reconstruída com absoluta veracidade. E, para que ressaltasse com maior vigor a figu-

ra do Mestre, colhemos frases suas e as colocamos em alguns diálogos. E mais: retratamos, embora com pinceladas rápidas, os flagrantes decisivos da política francesa ocorridos na época de Kardec. Por exemplo: o Mestre foi testemunha, em Paris, onde viveu mais de quarenta anos, da revolução de 1848 que culminou com a proclamação da Segunda República Francesa. Essas pinceladas históricas servem de cenário e situam o Codificador.

O NOME CIVIL DE ALLAN KARDEC

Alguns esclarecimentos ainda. O nome civil do Codificador, encontramos-lo, assim, nos autores mais categorizados: Léon Hippolyte Denizard Rivail; Hippolyte Léon Denizard Rivail; e Denizard Hippolyte Léon Rivail.

Qual o certo?

Evidentemente, o que consta na certidão de nascimento, ou seja, *Denizard Hippolyte Léon Rivail*, embora o Mestre assinasse de outra maneira. Trata-se de um documento oficial e nele, pois, é que devemos basear-nos. É curioso, porém, que no registro de batismo conste “Hippolyte Léon Denizard Rivail”. Poderá alguém perguntar: será o registro de batismo anterior à certidão de nascimento?

Não. O pai de Denizard, aliás, um magistrado, registrou o menino no dia seguinte ao do nascimento e o batismo só foi feito onze meses depois na igreja de Saint-Denis de la Croix Rousse. O fato, portanto, de aparecer trocado o nome do Codificador no registro de batismo só pode ser atribuído a um engano do padre.

Quer Zeus Wantuil que o nome civil de Kardec seja “Hippolyte Léon Denizard Rivail”. Entre seus argumentos destaca o registro de batismo e o de casamento. O primeiro nada representa, afirmemos logo. A certidão de nascimento, sim, pois é expedida pelas autoridades do país. Ninguém pode provar a filiação e a autenticidade de seu nome senão através da certidão de nascimento; com ela é que se obtêm os demais documentos.

Resta a certidão de casamento, na qual, muito estranhamente, se apóia Zeus Wantuil – estranhamente, repetimos, porque ninguém, quer no Brasil quer no estrangeiro divulgou-a. Mas, é óbvio, Allan Kardec não poderia casar-se no civil sem antes apresentar sua certidão de nascimento; mesmo que se casasse na igreja teria de fazê-lo.

Assim, na certidão de casamento de Kardec há de constar, também, seu verdadeiro nome: *Denizard Hippolyte Léon Rivail*.

ESPÍRITO DE (OU DA) VERDADE?

Quanto ao pseudônimo “Espírito de Verdade” aparece na literatura espírita brasileira grafado de duas maneiras: ora com uma contração ora com preposição. Afinal, o certo é DA VERDADE ou DE VERDADE?

Preferimos a tradição evangélica: “Espírito de Verdade”. Além da tradição histórica, acrescentemos este fato decisivo: em uma das mensagens em língua francesa dirigidas a Allan Kardec o pseudônimo da Entidade crística aparece com a preposição, ou seja, *Espírito de Verdade*, de conformidade com o Novo Testamento (vide “Obras Póstumas”, editora Edicel, pág. 257, tradução de Sylvia Mele Pereira da Silva sob a supervisão de J. Herculano Pires e a 10ª edição da FEB, pág. 278, tradução de Guillon Ribeiro).

ESPÍRITO DE VERDADE É UMA FALANGE?

Agora uma questão de maior importância: “Espírito de Verdade” é o pseudônimo de uma falange de espíritos? Não. O insigne Espírito de Verdade é uma individualidade! Lembremo-nos de que em sua primeira mensagem (psicografada em 1856 em Paris pelas irmãs Baudin) a Entidade afirmou, dirigindo-se a Allan Kardec:

“— Para ti, eu me chamarei A VERDADE...”

Note-se que a Entidade não escreveu: “Nós” e sim, conforme se lê em “Obras Póstumas”: “Eu me chamarei A VERDADE”.

Outra prova da sua individualidade está no fato de que seu pseudônimo aparece nos prolegômenos de “O Livro dos Espíritos” entre os nomes Sócrates, Platão, Fénelon, Santo Agostinho, Erasto etc. Ofereçamos, ainda, outra prova que reputamos, também, inquestionável. Abramos o livro “O Céu e o Inferno”, edição da Edicel, página 167. Em uma sessão mediúmica dirigida por Allan Kardec e realizada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas manifestou-se o Espírito Jobard, o qual fora presidente honorário daquela instituição e amigo particular do próprio Kardec. À certa altura do diálogo com Jobard perguntou Kardec:

“— Vedes os Espíritos que aqui se encontram conosco?”

“— Vejo, sobretudo, Lázaro e Erasto. Depois, mais distanciado, o Espírito de Verdade que paira no espaço.”

Aí está! O Espírito de Verdade é, pois, uma individualidade e, não, pseudônimo de uma coletividade.

O ESPÍRITO DE VERDADE É O CRISTO?

Não. Se fosse, jamais teria dito aos apóstolos: “...eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade...”.

A semelhança de personalidade, e até de linguagem (uma é reflexo da outra) explica-se pelo fato de que a evolução de ambos pode apresentar o mesmo nível ou quase o mesmo. Recordemos que Jesus não disse que enviaria o Espírito de Verdade; o que o Mestre disse, e com ênfase, é que *rogaria* a Deus e o Pai, então, enviaria o Espírito de Verdade à Terra. O Espírito de Verdade foi um ilustre filósofo da Antiguidade. E, por ser puro, é que o insigne Espírito foi porta-voz do Cristo ao trazer para nosso planeta o Espiritismo (o novo Consolador) e a belíssima mensagem contida no capítulo VI de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em cujas primeiras frases Jesus, assim, se identifica:

“Venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz germinar as plantas e levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; e, como um segador, liguei em feixes o bem esparso pela Humanidade e disse: ‘Vinde a mim, todos vós que sofreis!’”

Essa mensagem foi transmitida em Paris pelo Espírito de Verdade em 1860, mas é de autoria de Jesus. Foi publicada pela primeira vez em 1861 e está inserida no capítulo XXXI de “O Livro dos Médiuns”. Quem a psicografou? Diz o Codificador, apenas, que fora *obtida por um dos melhores médiuns* da Sociedade Espírita de Paris, o que faz supor que se trata de Ermance Dufaux, na época uma menina de, apenas, catorze anos de idade e que já havia psicografado “História de Joana D’Arc”, “História de Luís XI” e “Vida de Carlos VIII”. Obras de imenso valor histórico e literário que Allan Kardec

elogiou. A menina Ermance Dufaux freqüentava a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. A mensagem em questão, posteriormente, foi um pouco reduzida e incluída em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”; trazendo, porém, desta vez, a assinatura do Espírito de Verdade. O fato parece-nos explicável : Allan Kardec, preocupado porque *já muito se abusou deste nome* (o de Jesus) *em comunicações, evidentemente, apócrifas* (são palavras dele em “O Livro dos Médiuns”), achou por bem consultar o Guia. E o Espírito de Verdade, então, assinou-a, o que deixa patente que fora ele mesmo quem trouxera à Terra, visto que não havia, é claro, necessidade da presença de Jesus para que fosse transmitida. O Codificador, notemos bem, não diz que a referida mensagem é do Cristo; mas, perguntamos, se fosse apócrifa o Espírito de Verdade a teria assinado? E mais: se não fosse autêntica, Allan Kardec, com seu bom senso, a publicaria em dois livros da Codificação? E, mais ainda: o Codificador, anos depois, transcreveria essa mensagem em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, obra que trata, *especificamente*, dos ensinamentos de Jesus Cristo?

Observemos, agora, que as três mensagens finais do VI capítulo, a última do capítulo XX e a que serviu de prefácio para “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, não obstante a linguagem que nos recorda a de Jesus, essas, sim, são de autoria do Espírito de Verdade. A semelhança de linguagem, já o dissemos, pode ser atribuída à afinidade entre o Espírito de Verdade e Jesus. Tenhamos sempre em mente que o Espírito de Verdade foi enviado à Terra a pedido do próprio Cristo! Fiel porta-voz das Verdades Divinas, ele merecia, realmente, o pseudônimo que Jesus lhe deu: *Espírito de Verdade*. Que linguagem poderia ter um Espírito em tais condições, senão a sublime, principalmente ao tratar de temas evangélicos? Creemos, no entanto, que a análise poderia mostrar que a linguagem de Jesus e a do Espírito de Verdade não são absolutamente idênticas. Porque similitude não é igualdade.

Dissemos que o Espírito de Verdade é um filósofo da Antiguidade. Essa informação encontra-se em uma obra de Kardec publicada em 1858 e que o Codificador jamais reeditou. Refiro-me ao livro “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”. Examine o leitor as páginas 227-228 do volume “Iniciação Espírita”, das Obras Completas de Allan Kardec (1ª edição) lançadas pela Edicel Ltda., ou a

página 91 da 2ª edição de “Instruções Práticas” publicada pela Livraria O Clarim, então sob a direção de Cairbar Schutel. Eis aí a revelação que Allan Kardec nos faz sobre o Espírito de Verdade:

“Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube, depois, por outros Espíritos, que fora o de um ilustre filósofo da Antiguidade).”

A PROVA DE QUE KARDEC NÃO FOI MÉDICO

Outra questão que incomoda os pesquisadores: Allan Kardec doutorou-se em medicina?

O escritor francês André Moreil, biógrafo de Allan Kardec, não sabe informar. É verdade que no capítulo “O Aluno de Pestalozzi” (veja-se a primeira edição brasileira de “Vida e Obra de Allan Kardec”, 1961, editora Edicel, pág.23) André Moreil escreveu o seguinte:

“...fez (Kardec) estudos médicos como os primeiros Pestalozzi originários de Lyon e colheu em seus estudos sobre a eletricidade provas da ciência espírita”.

No entanto, no segundo capítulo Moreil já não afirma que Kardec fez estudos médicos... Eis o que se lê na pág. 32:

“Consta que teria estudado medicina e até mesmo sustentado tese, aliás com muito brilho. Para nós, subsiste a dúvida. É certo que o jovem Rivail tinha boa cultura humanista, e grande desejo de aprender. Interessava-se pelas ‘humanidades’, como pelas ‘ciências’; entre estas, a física, a química e a geologia; a biologia também, com certeza. Mas isso não autoriza dizer que estudou medicina e defendeu tese”.

Mais um comentário a respeito de Moreil. Em seu citado livro diz ele à pág.32 que Kardec “Apenas uma vez, ao tratar do magnetismo animal, declarou que o estudo da medicina o interessara, trinta anos antes, o que corresponde ao seu período estudantil”.

Desfaçamos logo a confusão. Allan Kardec não se referiu ao “estudo da medicina” e, sim, ao magnetismo. Na “Revista Espírita”, nº 6, referente a junho de 1858, no artigo “Os Banquetes Magnéticos” (pág.183 da primeira edição brasileira) lê-se a seguinte frase escrita por Kardec: “Em nossa opinião a ciência magnética, que professamos há 35 anos...”.

Como se vê, Kardec não escreveu “estudo da medicina” e, sim, “ciência magnética”, que professara há 35 anos; e não há 30 anos, como também deseja Moreil...

Quanto a Zeus Wantuil, em seu trabalho “Kardec teria sido médico?”, estampado em “O Reformador” (número de março de 1958) apoiou-se em vários documentos e autores, inclusive, em Albert L. Caillet, para provar que Allan Kardec não se diplomara em Medicina; mas, no final, declarou:

“É certo que os outros documentos que apresentamos apoiaram o pronunciamento de Caillet, mas, com sinceridade, julgamos ainda insuficientes”.

Para nós, porém, não há dúvida: o Codificador não possuía o diploma de médico, não obstante queira o contrário o francês Leymarie, pioneiro do Espiritismo.

Mas vejamos o início da controvérsia.

Pierre-Gaetan Leymarie foi quem, pela primeira vez, afirmou que o Mestre era médico; e, notemos, no “Primeiro Congresso Internacional Espiritista” realizado na Espanha, na cidade de Barcelona, em 1888. Estimulado pelo fato de que nenhum congressista lhe pedira provas, um ano depois, por ocasião do “Congresso Espírita e Espiritualista Internacional”, realizado em Paris e por ele organizado, voltou ao assunto; agora, porém, afirmando, peremptoriamente, que além de médico Allan Kardec fora... advogado! É evidente que Amèlie Boudet já havia desencarnado. Entre os espíritas de projeção na época foi Henri Sausse o único a repetir que o Codificador fizera o curso de Medicina. Eis o que se lê em sua conferência pronunciada em 1896, em Lyon, sobre Allan Kardec:

“...doutorara-se em medicina, após completar todos os estudos médicos e defender com brilhantismo a sua tese”.

Tal informação, porém, não tem o menor valor porque (conforme ele próprio confessou em uma nova edição feita em 1910 da referida conferência) lhe fora transmitida por... Leymarie. Ora, há de se perguntar, então: por que Henri Sausse, visto que se baseara, exclusivamente, em Leymarie, não divulgou que Kardec também “fizera” o curso de Direito? Preferiu calar-se; mas a respeito do curso médico acrescentara que Kardec defendera uma tese, e com brilhantismo! E uma nova pergunta nos ocorre: será admissível que Sausse, nesse

encontro com Leymarie, não lhe perguntasse sobre o conteúdo da tese defendida “com brilhantismo”? O nome da faculdade de medicina e o da cidade em que estava ela situada? O ano da matrícula? Ou, pelo menos, a data em que Allan Kardec teria concluído o curso médico? É óbvio que perguntou, pois pretendia escrever uma conferência sobre Allan Kardec. Essas perguntas, todavia, ficaram sem respostas como também as que, fatalmente, fizera sobre o curso de Direito e, não obstante o silêncio de Leymarie, não titubeou em afirmar que Kardec doutorara-se em Medicina... Poderá alguém nos objetar que após a conversa com Leymarie, talvez haja ele realizado uma pesquisa junto às Faculdades... Sim, era o que lhe competia fazer, o que, aliás, seria muito fácil em 1896. Mas o próprio Sausse incumbiu-se de informar que não deu um passo nesse sentido. O motivo há de transparecer na seqüência deste trabalho...

Chamamos agora a atenção dos leitores para um detalhe que passou despercebido pelos historiadores e que nos afigura decisivo nesta questão.

Em 1875, ou seja, seis anos após o desencarne de Allan Kardec, foi instaurado em Paris pelo Ministério Público um rumoroso processo criminal sobre fotografias transcendentais obtidas por Édouard Buguet, fotógrafo e médium belga que, na ausência dos Espíritos, mistificava. Toda a imprensa de França explorou o assunto, visando liquidar com o Movimento Espírita, e o escândalo repercutiu em inúmeros países. Basta dizer que mais de cinquenta pessoas testemunharam no Tribunal perante o temível Juiz Millet; inclusive, Amélie Boudet, viúva de Allan Kardec, já quase com oitenta anos de idade. Leymarie, então gerente da “Revue Spirite” e da Sociedade para a continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec, não obstante totalmente inocente, conforme provam os próprios autos do processo, fora indiciado como conivente e, ao final, recolhido à prisão, onde ficou por mais de um ano. Foi ele, pois, uma vítima da Justiça. Pode-se mesmo dizer, um mártir do Espiritismo. Pois bem. Relembramos o doloroso caso porque, durante o interrogatório no Tribunal, respondendo à pergunta capciosa do Juiz Millet sobre as atividades de Allan Kardec, esclareceu, finalmente, Leymarie (vide “Processo dos Espíritos”, de autoria da Sra. P. G. Leymarie, edição da FEB, pág. 48):

“— *Ele era escritor; escrevia livros destinados, principalmente, às moças, aos jovens; há, de sua autoria, obras clássicas*”.

E Leymarie acrescentou:

“— *Com o senhor Lévi-Alvarès, dava cursos que eram assistidos por toda a juventude parisiense do bairro de Saint-Germain*”.

Quer dizer, Allan Kardec, além de escritor era professor, pois ensinava os jovens, juntamente com o senhor Lévi-Alvarès. Declaração de Leymarie perante a justiça francesa. Como explicar, então, que em dois congressos espíritas (um deles realizado em Paris!) viesse a proclamar que Allan Kardec era médico? E mais: médico e advogado?

Ah, eu posso bem compreender Leymarie. Ele falseou a verdade, é inegável, mas o fez, unicamente, por muito amar a Doutrina Espírita! Deu a Kardec o título de médico e o de advogado porque a imprensa leiga e confrades invejosos haviam divulgado calúnias sobre a vida do Codificador; inclusive, que o Mestre fora vendedor de bilhetes de um teatro livre... Podemos dizer que no movimento doutrinário mundial, então, incipiente e entrosado com o de França, e que já havia sofrido com o escandaloso processo criminal poderia, roubando-se agora a autoridade moral e intelectual de Allan Kardec, ruir, talvez... É evidente que a atitude de Leymarie foi extrema; mas me interrogo se, em circunstâncias tão graves, não faríamos todos nós o mesmo?...

É oportuno ressaltar, embora já desnecessário, que logo após o desenlace de Kardec foram publicados diversos artigos a seu respeito, quase todos contendo referências biográficas, mas, nem um, sequer, sugerindo que o Mestre fora médico. O próprio Flammarion, em seu discurso à beira do túmulo de Allan Kardec, afirmou que bom era que o Codificador não houvesse sido o que se chama homem de ciência, ou seja, físico, naturalista, astrônomo... e poderia ter acrescentado: médico. Eis suas palavras: “*Fora Allan Kardec um homem de ciência e de certo não houvera podido prestar este primeiro serviço (o de codificar a Doutrina Espírita) e dilatá-lo até muito longe, como um convite a todos os corações*”. E Flammarion tinha razão: se a Codificação houvesse sido realizada por um físico, químico, naturalista (ou médico) fatalmente não se tornaria um “con-

vite a todos os corações”— uma parte da humanidade, apenas, a entenderia por razões óbvias. É fácil, aliás, de notar-se, que na Codificação não aparece, em nem um momento, sequer, a *garra* característica do médico e, sim, e a todo instante, a do pedagogo, mesmo quando o tema tratado tem alguma ligação com a medicina. É preciso considerar que a missão de Allan Kardec, além de fatores outros, destacando-se os espirituais, exigia, não o conhecimento médico (tão precário, aliás, no século dezanove), mas a técnica de um educador experimentado, a fim de que pudesse a Doutrina dos Espíritos ser transmitida de maneira acessível ao povo e, o que se nos afigura ainda mais importante, sem o perigo de dupla interpretação! Allan Kardec não foi médico e, sim, pedagogo e escritor — o que, frisemos, não aumenta nem diminui a intensidade da luz que deixou, generosamente, para a humanidade.

O DISCURSO QUE KARDEC NÃO FEZ

Tendo por preocupação constante a Verdade, alguns documentos que se querem atribuir a Allan Kardec foram por nós rejeitados. Por exemplo: o discurso que o Mestre *não fez* em 18 de abril de 1857 por ocasião do lançamento de “O Livro dos Espíritos”. Publicado pela primeira vez em março de 1954 por Paulo Alves Godoy em “Unificação”, então o órgão oficial da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (jornal que, esse confrade dirigia) foi em abril de 1976 republicado pelo mesmo órgão paulista. E mais! O jornal da Federação Espírita do Estado de São Paulo, “O Semeador”, ao tempo em que Paulo Alves Godoy estava na direção, divulgou-o duas vezes(...) e, embora tivesse o cuidado de esclarecer, desta vez, que se tratava de “*um trabalho elaborado pelo Dr. Silvino Canuto de Abreu*”, um jornal do sul transcreveu-o em várias edições, e em uma delas não citou a autoria de Canuto de Abreu... Enganos dessa natureza não podem se perpetuar. Ora, Kardec não fez nenhum discurso por ocasião do lançamento de “O Livro dos Espíritos”. A peça literária, ilustrada com uma fotografia de Kardec, repitamos, foi escrita por Canuto de Abreu, fato que ele próprio me confirmou dois meses antes de desencarnar. Mas não havia necessidade da confissão, porque algumas frases que Canuto de Abreu colocou nos lábios do Codificador apresentam erros bio-

gráficos e doutrinários; como o que se vai ler abaixo:

“Eu tinha pois dado um avanço para a Verdade e, sem o perceber, passado de armas e bagagens da Escola Naturalista, em que vivia, para a Espiritualista que, em Magnetismo, como Vocês sabem, vai mais longe do que a Animista. Admite, no fenômeno magnético, a intervenção de Anjos Bons e Anjos Maus”.

Anjos Bons e Anjos Maus e com as iniciais maiúsculas! Kardec jamais empregaria tais expressões. O Mestre diria “espíritos bons” e “espíritos maus”, que são expressões rigorosamente doutrinárias.

Apontemos ainda outro erro:

“Foi Carlotti o segundo elo da corrente que me levou ao Espiritismo. Foi quem, primeiro, em janeiro de 1855, me falou da intervenção das Almas no fenômeno da ‘Mesa’”.

Ora, Carlotti não falou da “intervenção das Almas” no fenômeno da mesa girante e, sim, da “intervenção dos Espíritos” (vide “Obras Póstumas”, capítulo “A minha iniciação no Espiritismo”).

E mais esta palavra antidoutrinária colocada nos lábios do sábio Codificador :

“...e eu, Magnetista CURANDEIRO, que também sou...”

Allan Kardec curandeiro!

Finalizando estas notas apontemos mais um equívoco no discurso que Allan Kardec *não fez* e que ocupa três páginas dos jornais “Unificação” e “O Semeador”, de São Paulo. Esse equívoco — e apenas ele! — destrói toda a *peça* em questão. Leiamos esta frase atribuída ao Codificador:

“...Gabi e eu comemoramos no mês passado nossas bodas de prata”.

Ora, se o discurso foi pronunciado em abril de 1857 (por ocasião do lançamento de “O Livro dos Espíritos”) logo o mês passado só podia ser março. Então, perguntamos: Allan Kardec comemoraria as bodas de prata em março? Mas o seu casamento com Gabi fora realizado em fevereiro. Exatamente no dia seis de fevereiro de 1832... O erro é evidente.

Desta vez não é, apenas, a mão da sombra obsessora que aparece no discurso, mas o corpo inteiro!

Não há necessidade de prosseguir; todavia, queremos recordar aos leitores que nas milhares de páginas exemplares da Codificação

jamais Allan Kardec cometeu um engano ou escreveu uma só frase com duplo sentido. Por isso, foi chamado “o bom senso encarnado”.

Bem sabemos que a intenção de Canuto de Abreu ao redigir o discurso foi de enaltecer Allan Kardec; mas, é inegável que deixou o Mestre na condição de discípulo... É preciso que os espíritas do futuro não permitam que tais documentos, que, periodicamente, hão de aparecer, se incorporem ao acervo do Codificador!

O VERDADEIRO RETRATO DE KARDEC

A título de curiosidade, vejamos como Canuto de Abreu (“O Semeador”, pág. 3, número de abril de 1976) descreve o rosto de Allan Kardec.

O retrato é impressionante:

“...o rosto sempre pálido, chupado”.

E a pele do Mestre:

“...pele sardenta, castigada de rugas e verrugas”.

E os olhos:

“...olhos pequenos e afundados, com olheiras e pápulas (borbulhas)”.

E o olhar:

“O que nele mais impressionava era o olhar estranho e misterioso...”

Rosto pálido, chupado, pele sardenta, rugas e verrugas, olhos afundados, olheiras e pápulas, o olhar estranho e misterioso... Como perceberam os leitores não são os traços do rosto de Allan Kardec que Canuto de Abreu acreditou descrever e, sim, os de um sinistro espírito umbralino...

Felizmente, Conan Doyle em sua monumental “História do Espiritismo”, que Júlio Abreu Filho traduziu e a Editora “O Pensamento” editou, transcreve o fiel retrato físico e psicológico de Allan Kardec feito pela inglesa Anna Blackwell. Esta senhora, que traduziu para o inglês vários livros de Kardec, conheceu o Codificador em Paris. Vejamos como descreve o Mestre:

“Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Complexão forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas

de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo... Grave, lento no falar, modesto nas maneiras embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava a discussão, mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo a perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, conquanto tal fosse sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada. Entre as milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras pessoas de alta posição social, literária, artística e científica. O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era mistério para ninguém, procurou-o várias vezes e teve longas palestras com ele nas Tuileries, sobre a doutrina de ‘O Livro dos Espíritos’.”

Eis a verdade! O verdadeiro retrato de Kardec.(1)

(1) Não apenas a figura e a obra de Kardec sofrem agressões por parte de alguns confrades. Examinei o livro “Quem pergunta quer saber”, de autoria de Carlos de Brito Imbassahy, em cujo texto encontrei afirmações levianas sobre a esposa de Kardec. Leio que ela era “profundamente católica”, “jamais se separou da Igreja” e que “recebera a extrema unção”. As provas? Brito Imbassahy não as tem. Confessa ele que “não garanto a confirmação por falta de meios; é, porém, de supor que seja verdadeiro”... Protestei, enviando-lhe uma carta. E ele, na 2ª edição de seu livro, registrou minha ressalva. Menos mal!

2

A VIDA MISSIONÁRIA DE ALLAN KARDEC

“Seu nome (Allan Kardec) se perpetuará como um dos mais ilustres da França e da Humanidade e sua obra, também, subsistirá para atestar o poder de sua lógica e o fulgor de seu gênio.”

(León Denis)

C

I

erta vez, o Cristo, depois de prever sua crucificação, fez a seguinte promessa aos apóstolos:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos e eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique eternamente convosco:

o Espírito de Verdade, a quem o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós. E o Consolador, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.”

Essa promessa do Mestre iria agora ser cumprida. Na camada mais elevada da Espiritualidade já se encontrava uma gloriosa falange de Espíritos, dela fazendo parte Joana D’Arc, Sócrates, Platão, João (o Evangelista), Cáritas, Vicente de Paulo. E o Espírito de Verdade, que iria presidir a reunião, ao adentrar no ambiente resplandecia como o sol!

— É o Espírito de Verdade!

— Sim, é ele! Ouçamos sua mensagem.

E disse o Espírito de Verdade:

— Meus irmãos. Aproxima-se o momento sublime de ser levado à Terra o Consolador prometido pelo Cristo. O Consolador, deveis sabê-lo, é a Doutrina de Jesus. Só ela, espalhada pela Terra, poderá consolar a humanidade e dirigi-la até Deus. Minha missão, com a colaboração de todos vós, será a de restabelecer as verdades do Cristianismo, deturpadas pelo clero e acrescentar tudo aquilo que Jesus não pôde dizer devido ao atraso intelectual da humanidade. Para abrir o caminho e facilitar nossa missão, Espíritos com alto nível evolutivo já reencarnaram ou estão reencarnando: Pestalozzi... Édison... Darwin... Pasteur... Renan... Comte... Spencer... Todas as áreas do conhecimento receberão novo impulso no século dezenove; inclusive a música, com Wagner, Verdi, Gounod, Rossini e Berlioz. Haverá na Terra uma revolução de idéias novas. Então, desceremos para implantar a Doutrina completa de Jesus. No entanto, meus irmãos... para atingirmos o objetivo...



Allan Kardec à época que iniciou suas pesquisas psíquicas.

— O que é preciso, Senhor? Alguém perguntou.

— Que um de vós reencarne já.

— Com qual missão?

— A de receber a Doutrina que transmitiremos através de médiuns escolhidos. E mais: divulgá-la em livros que hão de espalhar-se como sementes por todo o globo terrestre. Mas, eu vos aviso, essa missão será, muitas vezes, coroada de espinhos...

— Permitti, Senhor, que eu faça o sacrifício!

— Pois tendes o meu assentimento. Já fostes um apóstolo e sereis, agora, o meu na Terra. Reencarnareis, e mais tarde, quando soar a hora, havemos de nos reencontrar. Vinde comigo. Jesus nos aguarda.

E, na França, na cidade de Lião, no dia três de outubro de 1804 nasce o menino Denizard, que mais tarde se tornaria conhecido em todo o mundo com o pseudônimo de “Allan Kardec”. A certidão de nascimento, assinada por duas testemunhas e pelo presidente do Tribunal, esclarece que o parto foi realizado pelo médico Pierre Radamel e que o menino nascera às sete horas da noite, na rua Sala, 76, residência dos pais. O mesmo documento esclarece ainda que o nome correto do recém-nascido era *Denizard Hippolyte León Rivail* e que seus pais se chamavam Dr. Jean Baptiste Antoine Rivail (era ele magistrado, um juiz) e Jeanne Duhamel.

Assistido pela falange do Espírito de Verdade, assim que Denizard Hippolyte León Rivail completou seis anos de idade (era filho único) seus pais o matricularam na escola primária mais próxima. Os cursos elementar e médio duravam quatro anos. O menino ao concluí-los, pois, em fins de 1814, tinha dez anos de idade. Alguns de seus parentes haviam se dedicado à advocacia e à magistratura (como seu próprio pai), mas Denizard já mostrava interesse pelo estudo das ciências e da filosofia. E, enquanto o imperador Napoleão Bonaparte seguia preso para a ilha de Santa Helena, após ser derrotado em Waterloo, o menino Denizard viajava em companhia de seus pais para a tranqüila cidade de Yverdun, na Suíça, a fim de estudar no instituto dirigido pelo famoso educador Henri Pestalozzi.

Pestalozzi fazia parte da falange do Espírito de Verdade. Ele reencarnara em 1746, na Suíça e com apenas 21 anos de idade divulgara pela imprensa uma série de artigos sobre a depravação geral dos costumes e o despotismo da nobreza sobre as classes mais humildes. Mas sua grande preocupação era a educação; principalmente a das crianças pobres, então abandonadas pelos governos aristocratas, E o educador, dotado de comovedora bondade inicia, em 1775, o seu apostolado, recolhendo das ruas cinquenta crianças órfãs de pai e mãe. Crianças mendigas, cobertas de trapos, sarna e outros parasitos. E o sublime educador, com enorme dificuldade material, mas transbordando amor, deu-lhes teto, alimento e instrução. Ensi-

nou-lhes, inclusive, o trabalho manual. E tão amado era pelas crianças, que elas o chamavam de “Pai Pestalozzi”. Mas o educador, ao fim de alguns anos, viu-se obrigado a fechar as portas de seu primeiro instituto. Mais tarde, ele confessaria:

“Vivi, durante anos inteiros, rodeado por mais de cinqüenta crianças mendigas; dividi com elas o meu pão; vivi por minha vez, como um mendigo, para ensinar os mendigos a viver como homens.”

Em outra cidade, Pestalozzi repetiu o exemplo, recolhendo das ruas cento e cinqüenta crianças totalmente desamparadas. Entre seus princípios pedagógicos destacava-se “o respeito pela individualidade da criança”. E proclamava que o relacionamento entre o professor e o aluno devia ser baseado não no medo, mas no amor — isso, o mestre o disse numa época em que se impunha aos alunos castigos corporais. Espírito notável, ele usava a educação, inclusive, como meio de reforma social. Gênio, foi Pestalozzi o fundador da educação popular moderna e da pedagogia social. Dos seus livros é que, mais tarde, surgiu a idéia da criação de instituições pré-escolares, parques infantis, jardins da infância, escolas maternais, maternidades e lactários!

O instituto de Pestalozzi funcionou em diversas cidades e instalou-se em Yverdun, somente em 1805, tendo as portas abertas para as crianças pobres e ricas. Além de instrução, transmitia Pestalozzi às crianças educação moral, procurando despertar-lhes o sentimento religioso sem, no entanto, impor dogmas. Entre seus alunos destacou-se o alemão Carlos Ritter, que se tornou sábio e ficou na história da ciência como precursor da antropogeografia.

Quando o menino Denizard Hippolyte León Rivail atravessou os grandes jardins floridos do castelo de Loheringen, onde funcionava o instituto, a fim de ser matriculado como pensionista, Pestalozzi já tinha cinqüenta e oito anos de idade. O mestre admirou-se da facilidade com que o novo aluno assimilava os conhecimentos. E Denizard ao completar quatorze anos de idade foi incumbido de dar aula aos seus colegas menos adiantados. Alguns anos depois, merecendo de Pestalozzi absoluta confiança, passou a substituí-lo na direção do instituto quando o velho mestre saía pela Europa a criar, a pedido dos governos, escolas semelhantes à de Yverdun.

Bacharel em ciências e letras, sabendo falar e escrever o alemão, o inglês, o espanhol, o italiano e o holandês, Denizard Hippolyte León Rivail, no portão do castelo, despediu-se de Pestalozzi como quem se despede de um pai.

Apertou-lhe a mão, abraçou-o e, comovido, beijou-lhe a face.

— Adeus, meu mestre!

— Adeus, meu filho!

— Prometo enviar notícias, pois é desejo meu criar na França um instituto igual ao seu.

— As crianças francesas, certamente, hão de agradecer-lhe! Que Deus o ampare na vida que vai iniciar, meu filho!

E o jovem pedagogo regressou a França em 1824 e conseguiu em Lião a isenção do serviço militar.

Com Napoleão Bonaparte prisioneiro na ilha de Santa Helena a partir de 1815, onde viria a desencarnar em 1821, voltara a monarquia a instalar-se na França. Luís XVIII fora colocado no trono pelos exércitos aliados e para agradar ao partido do reacionarismo extremo, que o clero dirigia, havia entregue aos padres a educação popular. E a educação na França, ao invés de receber o influxo renovador das idéias pestalozzianas, continuou estagnada...

O professor Denizard, agora, vivia em Paris, então o maior centro cultural do mundo. E, com menos de vinte anos de idade, já começava a escrever seu primeiro livro— um curso de aritmética para as crianças, segundo Pestalozzi, mas com modificações. O livro, editado em Paris, teve duas edições no ano de seu lançamento.

Em 1824 morreu o monarca Luís XVIII e foi elevado ao trono da França seu irmão Carlos X, cujo reinado se caracterizou desde logo pela incapacidade e violência. O descontentamento era geral. Mas o professor Denizard continuava trabalhando pela infância e juventude e edita em Paris seu segundo livro: “Plano de uma Escola Graduada, segundo o Método de Pestalozzi”. Seu grande ideal, porém, era montar um instituto semelhante ao de Yverdun.

E, no silêncio de seu quarto, refletia:

“Um instituto em Paris! Eis o que é necessário! Os educadores, visitando-o, criariam outros iguais... E, assim, as idéias de Pestalozzi se imporiam mais rapidamente na França...”

Mas o professor Denizard Rivail não tinha capital. Fazia-se

necessário um sócio capitalista. E recordou-se de um tio, irmão de sua mãe, o qual concordou com a idéia. E foi instalado o “Instituto Técnico Rivail” na rua Sévres, 35, no elegante distrito de Luxemburgo. No ano seguinte, 1827, Pestalozzi desencarnaria.

Denizard tinha agora três ocupações: lecionava, dirigia o instituto e escrevia livros. Em 1828, não tendo ainda vinte e cinco anos completos, publicou um “Plano para a melhoria da Educação Pública”, no qual propôs a criação de uma “Escola Teórica e Prática de Pedagogia”, inexistente em França. E remeteu o plano aos membros do Parlamento.

A situação política, no entanto, agravara-se. O rei Carlos X, obcecado pelo absolutismo real, amordaçou a imprensa, investiu contra o alistamento eleitoral e dissolveu as Câmaras, impedindo que duzentos e setenta deputados da oposição tomassem posse. A insurreição de Paris era iminente. E, em julho de 1830, estala a Segunda Revolução francesa, tramada nas sociedades secretas do país. Baricadas foram erguidas nas ruas e praças de Paris. Foram três dias de pavor com a ação da artilharia e fuzilaria. E Carlos X foge para a Inglaterra antes mesmo de as tropas reais serem vencidas. E a coroa da França é colocada na cabeça de Luís Felipe, que a sustentou durante dezoito anos. É absolutamente certo que Denizard, ao contrário da juventude francesa, não participou da Revolução. Sua formação baseava-se no amor universal. A fraternidade para o jovem professor não era, apenas, uma palavra — era uma filosofia de vida. E, com a instalação da monarquia liberal, que deu tranqüilidade à França, voltou Denizard a abrir a porta de seu instituto.

Corria o ano de 1831 e o professor deu à publicidade, quase que simultaneamente, três novos trabalhos, que firmaram seu nome na área da Pedagogia. O primeiro, “Memória sobre a instrução pública”, ele enviou à comissão encarregada pelo governo de preparar um projeto de lei sobre o ensino. O segundo, uma “Gramática Francesa Clássica, de acordo com um plano novo”, em cujas páginas revelara profundo conhecimento lingüístico. E o terceiro, “Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades”, enviado à Real Academia de Ciências de Arrás, foi premiado.

Neste mesmo ano foi que o professor Denizard Hippolyte León Rivail conheceu aquela que seria sua companheira. Tinha ela estatu-

ra média, as feições belas, os olhos claros e serenos.

— Meu nome é Amèlie.

— Amèlie?

— Amèlie- Gabrielle Boudet. E sou sua admiradora. Li todos os seus livros.

— É uma satisfação saber que a senhorita os leu. Por que se interessa tanto pela pedagogia?

— Como o senhor sou, também, professora...

— Ah, sim?

— Mas deixei de lecionar. E escrevi três livros.

— É, também, autora? Mas, que interessante... E que livros publicou?

— O primeiro foi publicado há seis anos, em 1825, e se chama “Contos Primavera”; o segundo, “Noções de Desenho” (eu gosto muito de desenho e de pintura) em 1826; e o terceiro, “O essencial em Belas Artes”, em 1828.

— É curioso, senhorita Amèlie... Estamos nos conhecendo agora, no entanto... tenho a sensação de que a conheço há tanto tempo! É um sensação muito estranha...

— Bem, senhor Denizard... Já que me fez essa confissão... devo lhe dizer que sinto a mesma coisa... Passe a me chamar de Gabi... É como os amigos me tratam.

Amèlie Boudet nascera em Paris no dia 23 de novembro de 1795. Tinha, pois, nove anos a mais que o professor Denizard. Mas aparentavam a mesma idade. Culta, inteligente, professora e autora de livros, numa época em que poucas mulheres dedicavam-se ao estudo, Amèlie não poderia jamais aceitar como esposo quem não correspondesse, francamente, aos seus ideais. Por isso mesmo, recusara alguns pretendentes. O professor Denizard, porém, lhe parecia o homem certo, não obstante mais moço. E aceitou seu pedido de casamento. E, meses depois, no dia seis de fevereiro de 1832, assinaram eles o contrato matrimonial. E passaram a residir no prédio onde estava instalado o Instituto Técnico Rivail. O casal não teve filhos.

O tempo corria e, três anos depois, em 1835, a vida econômica da Denizard sofreu um abalo. Seu tio tornara-se um jogador inveterado. O instituto, à beira da falência, entrou em liquidação, cabendo a cada sócio 45.000 francos. Essa quantia Denizard e Amèlie confiaram a

um amigo negociante e... o segundo abalo não demorou! O amigo, realizando maus negócios, deixou o casal sem um centavo. Dir-se-ia que a Espiritualidade experimentava a fibra de ambos... Mas, o professor, amparado pela esposa, entregou-se, tenazmente, ao trabalho. Passou o dia a cuidar da contabilidade de três firmas e, à noite, a escrever livros pedagógicos. Fez, também, traduções de obras clássicas, alemãs e inglesas. Sua vida profissional equilibrou-se e, mais tarde, passou a organizar os cursos que o professor Lévi-Alvarès, seu grande amigo, dava no bairro de Saint-Germain. Em parceria com ele escreveu duas obras. Logo depois começava a lecionar no Liceu Polimático. E, em seguida, sua carreira pedagógica foi coroada: *a Universidade de França adotara seus livros!* E o professor Denizard, reconhecido, publicamente, como educador emérito, começou a ministrar em sua própria residência cursos gratuitos de química, física, astronomia etc.

A atmosfera política, no entanto, novamente estava pesada. A revolução era premente. Os escândalos na administração do rei Luís Felipe provocavam conspirações e levantes operários. E, em fevereiro de 1848, instigado pelos socialistas e republicanos, o povo colocou, mais uma vez, barricadas nas ruas de Paris. Foram momentos de terror! Luís Felipe, vendo que até a Guarda Nacional, que devia protegê-lo, confraternizava-se com a revolta, renunciou em favor de seu neto, mas o povo invadiu, inclusive, a Câmara dos Deputados e a família do rei fugiu para a costa da Normandia. Em março de 1848 foi proclamada a Segunda República Francesa. Mas o país não ficou em paz. Os revolucionários socialistas, querendo as rédeas do governo incitaram o povo. Cinquenta mil operários saíram armados às ruas de Paris — e foram esmagados pelas tropas legais. E, em dezembro, o povo elegeu presidente da França Luís Napoleão, sobrinho de Napoleão Bonaparte. Três anos depois, o novo presidente deu um golpe de Estado e dissolveu a Assembléia. No ano seguinte, proclamou-se imperador com o nome de Napoleão III. Sua ascensão, no entanto, foi providencial pelo fato de que acreditava na comunicação dos Espíritos.

Aproximava-se, agora, o momento de o professor desempenhar sua missão espiritual. Estamos em 1854. O professor Denizard Hippolyte León Rivail tem cinquenta anos de idade, é membro de

diversas instituições culturais, destacando-se a Sociedade das Ciências Naturais de França. Sua cultura é enciclopédica, pois, possuindo uma natural curiosidade científica, lera, sem ser médico, Tratados de Fisiologia e Anatomia e, inclusive, interessara-se pelo magnetismo, a partir dos dezenove anos de idade. Essa curiosidade científica é que serviria de alavanca para os Espíritos do Senhor levarem o professor ao exame dos fenômenos da mediunidade.

II

As sessões com a “mesa girante” popularizaram-se nos Estados Unidos devido às célebres irmãs Fox. Seis anos depois, em 1854, se tornariam um divertimento de salão em toda a Europa. Quem primeiro falou da “mesa girante” ao professor Denizard foi Fortier, um magnetizador⁽¹⁾:

“— Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas, também, as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade.”

“— Mas isso não me parece impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer com que eles se movam.”

Semanas depois Fortier tornou a encontrar o professor Denizard. E disse:

“— Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde através de batidas.”

“— Isto agora é outra questão! Só acreditarei vendo e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé.”

Resposta de um homem cético. Mas, em janeiro de 1855, o professor encontrou-se com um velho conhecido chamado Carlotti. E, pela primeira vez, ouviu dizer que a mesa era movida pelos Espíritos.

(1) Vide “Obras Póstumas”.

tos; Carlotti, porém, falara com muito entusiasmo e o professor acautelou-se... Em maio desse mesmo ano eis que a Falange do Espírito de Verdade apertou o cerco. O professor Denizard fora levado por Fortier à casa da sonâmbula Sra. Roger. E lá encontraram o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que também lhe disseram que os fenômenos com a mesa eram produzidos pelos Espíritos. O professor sabia que o Sr. Pâtier era possuidor de muita cultura e aceitou o convite para participar das experiências que se faziam na residência da Sra. Plainemaison, na rua Grange-Batelière, nº 18. O professor foi na terça-feira seguinte em companhia de Amélie Boudet.

— O prédio é este.

— Muito elegante, observou Amélie.

— Vejamos o que vai acontecer.

— Estou emocionada!

— A emoção dificulta a análise dos fatos. Fique tranqüila. Subamos a escada, Gabi.

Ao regressarem à casa o professor já não duvidava do fenômeno, mas, não admitia, ainda, fosse produzido pelos Espíritos. De



A localização, fotos e filmagem dos locais em que viveu Allan Kardec são um trabalho pioneiro realizado pelo autor deste livro no ano de 1970. Neste prédio de quatro andares na Rua dos Mártires, nº 8 (fundos), em Paris, viveu o Mestre, onde se vê a janela central semi-aberta e a barra de ferro. Ai, pela primeira vez, manifestou-se o insigne Espírito de Verdade.

qualquer forma, pressentiu no passatempo que faziam daquelas sessões como que “a revelação de uma nova lei”, que resolveu estudar a fundo. O cerco da Espiritualidade Superior fechava-se cada vez mais e Denizard Hippolyte León Rivail já não podia deixar suas pesquisas. Voltou inúmeras vezes à residência da senhora Plainemaison e ficou conhecendo o senhor Baudin, que o convidou a assistir às sessões semanais efetuadas em sua casa. As mé-

diuns eram as irmãs Baudin.

— A rua Rochechouard é continuação da rua Cadet. Uns quinze minutos a pé, professor.

— Como é seu nome?

— Caroline Baudin. Tenho dezesseis anos de idade.

— E a senhorinha?

— Julie. Somos irmãs. Eu tenho quatorze anos, professor. Os Espíritos escrevem numa lousa quando eu e Caroline pomos os dedos na borda de uma cesta bem pequenina com um lápis preso num dos cantos.

O professor Denizard começou a freqüentar as reuniões da família Baudin em agosto de 1855. A escrita com a cesta era feita com a participação das duas meninas a um só tempo e as respostas, com muita rapidez, eram redigidas no idioma em que a pergunta havia sido formulada. E, mais: os Espíritos respondiam, inclusive, às perguntas mentais. E cada um deles apresentava uma caligrafia. O professor já não tinha dúvidas: *era uma inteligência estranha que produzia os fenômenos*. Mais tarde, o Mestre diria: — “Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida”.

Com o método científico empregado pelo professor Denizard as sessões tomaram novo rumo. Não mais se faziam perguntas fúteis aos Espíritos. O professor levava para cada sessão uma série de perguntas relacionadas à filosofia, à psicologia e à natureza do mundo espiritual e obtinha sempre respostas com “precisão, profundidade e lógica”, surpreendendo os assistentes. Mais tarde, ele receberia de médiuns espalhados por quase todo o globo mensagens com igual conteúdo, provando, assim, os Espíritos, *a autenticidade de seus ensinios*.

O Espírito de Verdade, no entanto, não havia ainda se revelado. Mas, no ano seguinte, às nove horas da noite de 24 de março de 1856, estando o professor a escrever sobre os Espíritos e suas manifestações, ouviu, de súbito, pancadas estranhas... Ele morava, então, na rua dos Mártires, nº 8, segundo andar (um pequeno prédio erguido no fundo de um pátio). O professor levantou-se e examinou ambos os lados da parede. E nada descobriu. Mas, toda vez em que tornava a

escrever, os ruídos recomeçavam. Às dez horas Amèlie Boudet regressou à casa e, admirada, disse:

— Que batidas são essas?

— Não sei. Faz uma hora que começaram...

As batidas só pararam quando o professor foi dormir. No dia seguinte, na sessão com as meninas Baudin, perguntou:

“— Meu espírito familiar, quem quer que tu sejas, agradeço-te por teres vindo visitar-me. Consentirás em dizer-me quem és?”

“— Para ti, chamar-me-ei VERDADE e, todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição.”

“— Ontem, quando batestes, estando eu a trabalhar, tinhas alguma coisa particular a dizer-me?”

“— O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas; desagradava-me o que escrevias e quis fazer com que o abandonasses.”

“— A tua desaprovação era referente ao capítulo que eu escrevia ou ao conjunto do trabalho?”

“— Ao capítulo de ontem; submeto-o ao teu juízo; se o releses, reconhecerás tuas faltas e as corrigirás.”

“— Eu mesmo não me sentia satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?”

“— Está melhor, mas ainda não satisfaz. Relê da terceira a trigésima linha e com um grave erro depararás.”

“— Rasguei o que escrevera ontem.”

“— Não importa! Isso não impediu que a falta continuasse. Relê e verás.”

De regresso à casa o professor examinou o capítulo. E espantou-se de haver cometido na trigésima linha um erro grave. Mas ficou satisfeito; tinha agora a certeza de que todos os seus escritos eram analisados, frase por frase, pela Espiritualidade Superior.

Por essa época já ele participava, também, das sessões com a Srta. Japhet, médium sonâmbula e notável psicógrafa. As comunicações eram transmitidas através da então chamada “cesta de bico”. Foi numa dessas sessões que pela primeira vez ouviu dizer de sua missão, embora de maneira vaga:

“Deixará de haver religiões, mas uma se fará necessária, verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Seus primeiros alicerces já foram colocados... Quanto a ti, Rivail, a tua missão é aí!”

E a cesta, agora sem contato, bruscamente voltou-se para seu lado, como o teria feito uma pessoa que o apontasse com o dedo, o que deixou o professor e os assistentes emocionados. Na semana seguinte, em sete de maio de 1856, a missão foi confirmada pelo Espírito Hahnemann:

“...se observares as tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. Tens de cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo. É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia!”

A confirmação definitiva da missão somente poderia ser dada pelo ínclito Espírito de Verdade. E, no dia 12 de junho de 1856, tendo por médium a Srta. Aline Carlotti, o grande Espírito transmitiu ao professor a seguinte mensagem psicografada:

“Confirmo o que te foi dito, mas recomendo-te muita discrição, se quiseres sair-te bem”.

E acrescentou:

“...a missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; hás de te ver a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com o sacrifício de teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo”.

Diante do professor o futuro estava escrito com letras de fogo. E o Espírito de Verdade ouviu de seus lábios a resposta *que já sabia de antemão*:

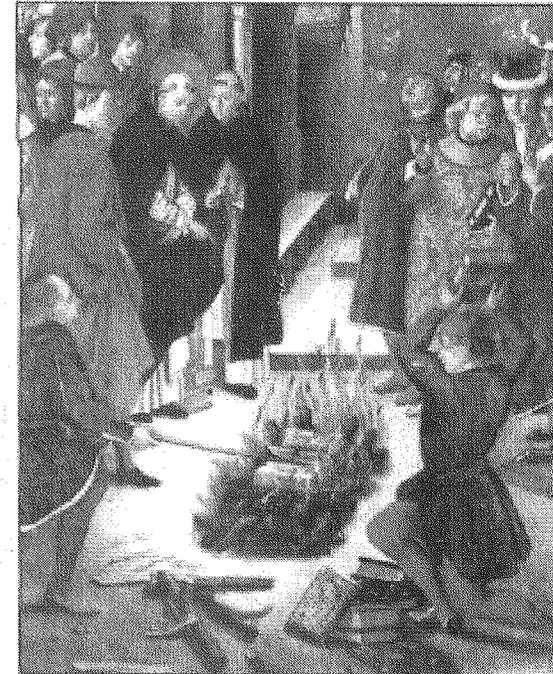
“— Espírito de Verdade, agradeço os teus sábios conselhos. Aceito tudo, sem restrição e sem idéia preconcebida”.

E, profundamente emocionado, cheio de humildade, orou:

“*Senhor! Pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim*”

para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa vontade não desfalecerá; as forças, porém, talvez me traiam. Supre a minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis, e com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo farei para corresponder aos teus desígnios". (1).

As palavras do Espírito de Verdade eram proféticas; mais tarde o missionário experimentaria todas as vicissitudes previstas! Em fins de 1856 os originais de "O Livro dos Espíritos" ficaram concluídos; faltava, apenas, a revisão, que foi feita, inclusive, pelos Espíritos, os quais se serviram de diversos médiuns; primeiro, de Caroline e Julie Baudin, que paralisaram o trabalho por se haverem casado e deixado Paris; depois, da Srta. Japhet. Pronta a obra, restava, agora, colocar na capa o nome do responsável. E o professor Denizard Hippolyte León Rivail, ao invés de seu nome assinou "Allan Kardec" — nome que tivera em outra existência, nas Gálias, entre os druidas. E, no dia 18 de abril de 1857 foi lançado "O Livro dos Espíritos", cumprindo-se, assim, a promessa de Jesus de enviar o Consolador. Esse livro, revelando e esclarecendo, racionalmente, o mundo dos espíritos e as leis morais que nos regem — ao mesmo tempo em que oferece esperanças e consolações, inaugurou em nosso planeta a *Era do Espírito*. Nele se encontram todos os princípios da verdadeira Doutrina do Cristo. Mas a missão não estava concluída. O próprio Espírito de Verdade havia dito a Allan Kardec que o trabalho assumiria proporções que ele, então, estava longe de perceber. E, meses depois, foi lançada, em primeiro de janeiro de 1858, a "Revista Espírita", que se tornou o *complemento indispensável das obras de Codificação*. E, ainda em 1858, no dia primeiro de abril, Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, que orientaria o movimento espírita não apenas da França e que teve entre seus médiuns a notável menina Ermance Dufaux: com quatorze anos de idade, apenas, havia ela psicografado: "História de Joana D'Arc", "His-



tória de Luís XI" e "Vida de Carlos VIII".(2)

O trabalho era extenuante, mas o missionário não esmorecia. Ele residia agora na Passage Saint-Anne, nº 59, no bairro Ópera. E, em setembro de 1860, faz sua primeira viagem doutrinária. Destino: Lião, sua cidade natal. De regresso a Paris recorda-se da casa onde nascera e que não

podera rever: havia sido derrubada em 1840 devido à inundação do rio Rhone.

Assinala o ano seguinte, 1861, três fatos históricos. Em 15 de janeiro lança Allan Kardec "O Livro dos Médiuns", que trata do aspecto científico do Espiritismo, colocando ao alcance da humanidade os meios de comunicação com os Espíritos. E, em setembro, o Mestre visita com Amélie Boudet vinte cidades, presidindo a cinquenta reuniões em sete semanas!

O terceiro fato teria grande repercussão. Kardec remetera ao escritor e livreiro francês Maurice Lachâtre, residente, então, em Barcelona, trezentos livros espíritos. O bispo, porém, fez confiscar a encomenda e não a devolveu a Paris. E, querendo restaurar a Inquisição na Espanha, ordenou fossem queimados os trezentos volu-

(1) Vide "Obras Póstumas".

(2) "Vida de Joana D'Arc", psicografada diante de Allan Kardec, foi editada pela Livraria E. DENTU em 1858 (a mesma livraria que lançou a 1ª edição de "O Livro dos Espíritos"). "A Vida de Luís XI" foi publicada em 1864, em capítulos, no diário espírita "A Verdade". Quanto "A Vida de Carlos VIII" ficou inédita — lamentavelmente.

mes no local público onde os condenados eram executados. Allan Kardec, então, pela “Revista Espírita”, que já tinha assinantes em quase todo o mundo, proclamou:

“Espíritas de todos os países! Não esqueçais a data de 9 de outubro de 1861. Será marcada nos anais do Espiritismo; que ela seja para vós um dia de festa, e não de luto, porque é o penhor de vosso próximo triunfo!”

Três anos depois do auto-de-fé de Barcelona, as obras de Kardec foram condenadas pelo Santo Ofício por decreto de 20 de abril de 1864.

E em abril de 1864 é oferecido à humanidade “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que com seu lema “fora da caridade não há salvação” deixa evidente que a moral pregada pela Doutrina Espírita é a do Cristo. Nesse livro luminoso Allan Kardec transcreve, no capítulo “O Cristo Consolador”, uma sublime mensagem trazida pelo Espírito de Verdade e cujo conteúdo é do próprio Cristo:

“Venho, como outrora entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar as plantas e que levanta as ondas. Eu revelei a Doutrina Divina; e, como um ceifador, liguei em feixe o bem esparso pela humanidade, e disse: ‘Vinde a mim, todos vós, que sofreis!’ Mas os homens ingratos se desviaram da estrada larga e reta que conduz ao Reino de meu Pai, perdendo-se nas ásperas veredas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana. Ele quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, ou seja, mortos segundo a carne,



Esta passagem encontra-se na Rua Santa Ana, 59, no bairro Ópera, em Paris. Dentro da galeria existe uma escadaria que dá acesso aos apartamentos. Kardec viveu aí mais de dez anos, onde desencarnou. A redação da “Revue Spirite” e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas funcionavam nesse local, onde Kardec, às sextas-feiras, à noite, dirigia sessões mediúnicas, tendo como médiuns Victorien Sardou, Alexandre Delanne e sua esposa, Flammarion, Leymarie e, entre outros, a adolescente Ermance Dufaux, psicógrafa de Joana D’arc.

porque a morte não existe, sejais socorridos, e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que se foram, faça-se ouvir para vos gritar: Crede e orai! Porque a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida, durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e desenvolver-se como o cedro.”

“Homens fracos, que vos limitais às trevas de vossa inteligência, não afasteis a tocha que a clemência divina vos coloca nas mãos, para iluminar vossa rota e vos reconduzir, crianças perdidas, ao regaço de meu Pai.”

“Estou demasiadamente tocado de compaixão pelas vossas misérias, por vossa imensa fraqueza, para não estender a mão em socorro aos infelizes extraviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre todas as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio ao trigo, as utopias com as verdades.”

“Espíritas: amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana; e eis que, de além-túmulo, que acreditáveis vazio, vozes vos clamam: Irmãos! Nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal; sede vós os vencedores da impiedade!”

Um ano depois de lançado o Evangelho, eis que no dia 17 de setembro de 1865 é fundado no Brasil, na cidade de Salvador, o primeiro centro espírita: o “Grupo Familiar do Espiritismo”.

O quarto livro da Codificação, “O Céu e o Inferno”, foi lançado em primeiro de agosto de 1865. Baseado em comunicações mediúnicas recebidas no mundo inteiro e com idêntico teor, ele põe por terra o dogma das penas eternas.

Allan Kardec continua firme em seu trabalho apostolar. Faz viagens doutrinárias, dirige a Sociedade de Estudos Espíritas e a “Revista Espírita”, responde a centenas de cartas que lhe chegam, inclusive, do outro lado do globo, escreve livros e com artigos magistras refuta os principais opositores da Doutrina. Os Espíritos recomendam-lhe repouso, mas ele continua a levantar-se às quatro e meia da madrugada, mesmo no inverno, pois já fora avisado que não ficaria na Terra por muitos anos mais. E em janeiro de 1868 publica o quinto e último livro da Codificação: “A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo”. E sentindo próximo o desenlace redige um

projeto para a constituição do Espiritismo. Estava concluída sua missão, ou seja, *restabelecer na Terra o Cristianismo em espírito e verdade*. E, na manhã de 31 de março de 1869, entre onze e doze horas, em sua casa, de súbito o Codificador desencarna em consequência da ruptura de um aneurisma. Tinha 65 anos incompletos. O corpo de Allan Kardec foi enterrado no cemitério de Montmartre e depois trasladado para o Père-Lachaise, mas seu Espírito havia sido levado pela gloriosa Falange do Espírito de Verdade às mais resplendentes regiões para rever Jesus. O Mestre se foi, mas ficaram suas obras de valor eterno que constituem *o maior patrimônio da humanidade!*

3

ATENTADO AO TÚMULO DE ALLAN KARDEC

N

o dia 2 de julho de 1989, domingo, na calada da noite, terroristas pularam o muro do famoso Cemitério Père-Lachaise, em Paris, com o objetivo de fazer explodir o túmulo de Allan Kardec, que abriga, também, os restos físicos de Amèlie Boudet, sua esposa e colaboradora.⁽¹⁾

O dólmen de granito de Allan Kardec, desenhado por M. Ernest Sébille e construído por M. Pègard, é um monumento druídico formado por quatro enormes pedras (três verticais e uma horizontal que serve de teto), pesando, aproximadamente, dezoito toneladas. Embaixo, no centro, sobre um pedestal de um metro de altura, também de granito, vê-se o busto em bronze de Kardec esculpido por Capellaro. O dólmen foi edificado um ano após o desenlace do Codificador, ou seja, em 31 de março de 1870 e está situado na divisão 44, próximo dos túmulos de Gabriel Delanne e da célebre Sarah Bernhardt, considerada por muitos críticos a mais notável atriz dramática de todos os

(1) Amèlie Boudet desencarnou em 21 de janeiro de 1883. Mas, é curioso, o dia de seu nascimento gravado na coluna que sustenta o busto de Kardec (21 de novembro de 1795) não confere com a informação do primeiro biógrafo do Codificador, Henri Sausse: dia 23 de novembro de 1795... A razão está com Sausse; mas, ele se enganou ao afirmar na biografia de Kardec que os adeptos do Mestre se reúnem, uma vez por ano, no Père-Lachaise, desde 1869; ora, em 1869 o corpo de Kardec estava, ainda, no Cemitério de Montmartre...

tempos e que, por sinal, foi médium e interpretou uma peça espírita de Victorien Sardou. Os terroristas, que eram profissionais, colocaram na tumba do Codificador cargas de explosivo em pontos estratégicos, visando fazer desabar a imensa pedra horizontal, cujo peso é de quatro toneladas e onde Pègard gravou o famoso distico: *Naitre, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi* (Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei). E acenderam o pavio! Ao passar junto ao túmulo do missionário Gabriel Delanne — o consolidador do Espiritismo, juntamente com León Denis — os vândalos destruíram com uma barra de ferro a lápide com seu retrato, nome e datas! O sinistro bando, paradoxalmente, se autodenominava “Movimento pela Supremacia da Razão” — como se fosse “razoável” depredar e fazer explodir sepulturas! Como se a Doutrina Espírita não fosse a essência da própria Razão!

Foi, precisamente, às duas horas e quinze minutos da madrugada que se ouviu a explosão. Tão violenta foi que o pesado busto em bronze de Kardec desabou com o pedestal de granito e um dos monólitos verticais, pesando toneladas, deslizou cerca de vinte centímetros! E mais este detalhe chocante ocultado por razões óbvias à imprensa mundial: além de rachar a base granítica o monólito afundou um pouco e atingiu parte dos restos do caixão onde se encontravam os ossos do Codificador. Digo “restos do caixão” porque, segundo me informou Roger Perez (presidente da União Espírita Francesa), “havia ainda um pouco de madeira dura”, não obstante decorridos cento e vinte anos! Os ossos que pertenciam a Allan Kardec, assim como os de sua esposa Amèlie Boudet, encontram-se em uma nova caixa devidamente resguardada no célebre túmulo druídico, que as autoridades parisienses fizeram restaurar em curtíssimo tempo devido à pressão constante de Roger Perez e Louis Serre, vice-presidente da Confederação Espírita Européia. Foram momentos dolorosos que viveram ambos ao lado de outros companheiros, cujos nomes lamentavelmente, ignoramos.

A polícia não localizou os criminosos.

O ultraje à memória de Allan Kardec teve repercussão na imprensa mundial. Mas, tanto na França quanto no Brasil, existem jornalistas, mesmo trabalhando em periódicos de projeção internacional, que ignoram a Cultura Espírita. Misturam Espiritismo com esoterismo,



O túmulo druídico de Allan Kardec no Cemitério Père-Lachaise, em Paris. Nele encontram-se, também, os restos físicos de sua esposa, Amèlie Boudet.

quando não suprem a ignorância com piadas e com ofensas à Doutrina e aos próprios espíritas.

O jornal parisiense "Le Monde", noticiando a violação do túmulo afirma que Kardec foi "inventor do Espiritismo" e o "fundador da Ciência Oculta". É, realmente, ignorância demais! Note o leitor atento que estamos a citar um jornal mundialmente conhecido. O diário "France-Soir", por sua vez, publicou sobre o atentado uma enorme matéria, ocupando quatro colunas e ilustrada com uma foto, mas, o texto de Renaud Vincent chega a ser torpe. E, por isso mesmo, Louis Serre e Roger Perez entraram em contato com o diretor do "France-Soir", solicitando publicasse um "Esclarecimento da União Espírita Francesa". Era, certamente, um direito assegurado, mas o diretor exigiu 38.500 francos (cerca de oito mil dólares!) pela pequena publicação além de uma absurda taxa de... 65 francos por palavra! Quer dizer: os espíritas franceses se viram obrigados a aceitar em silêncio as injúrias daquele jornal.

Havia no túmulo de Allan Kardec diversas placas comemorativas, inclusive, a da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, afixada em 1982 e duas dos espíritas belgas. O túmulo, após a explosão, tem apenas uma feita pela União Espírita Francesa, que é responsável pela sua conservação junto à administração do cemitério. Essa placa (disse-nos Roger Perez) não tem conotação com a idéia de que, simbolicamente, o dólmen do Codificador seja "propriedade francesa", visto ser Allan Kardec patrimônio internacional. A placa é, apenas, "kardecista" (acrescentou Roger Perez), já que informa sobre a vida e a obra de Allan Kardec e reprova as manifestações de idolatria diante do busto do insigne Mestre.(2)

(2) O Cemitério Père-Lachaise abriga, também, os restos físicos de Chopin, Rossini, Cherubini, Bizet, Bellini, Oscar Wilde, Musset, Vitor Hugo, Adelina Patti, Molière, Proust, Auguste Comte, La Fontaine, Delacroix e de outros grandes vultos da História. Uma curiosidade: o Cemitério Père-Lachaise foi inaugurado em 1804, ano em que nasceu Allan Kardec.

4

AS MÉDIUNS IRMÃS FOX

As Irmãs Fox são um marco na história da mediunidade. Graças a elas, pela primeira vez o fenômeno mediúnico chamou a atenção dos homens de cultura. E mais: a imprensa americana e a europeia, enfocando as irmãs Fox, induziram milhares de pessoas a praticar a mediunidade. Foi esse fato que levou Allan Kardec, na França, a realizar uma ampla e profunda pesquisa sobre a fenomenologia mediúnica, que culminou na codificação do Espiritismo. Mas, a vida dessas três moças foi dramática, cheia de lances dolorosos, exatamente por terem sido veículos de fenômenos, então, vinculados pela Igreja à figura simbólica do Diabo... Psiquistas de



Da esquerda para a direita: Katerine Fox, Margareth Fox e Leah Fox.

projeção internacional trataram deste assunto; inclusive, o médico e célebre novelista inglês “Sir” Conan Doyle, o criador da personagem Sherlock Holmes. O tema, portanto, parecia totalmente esgotado; mas, em 1965, o autor destas linhas esteve em Nova Iorque (parte do cenário onde atuaram as Fox) e efetuou uma pesquisa em museus, jornais, bibliotecas públicas, cemitérios e obteve novas informações, algumas preciosas, pois, esclarecem certos detalhes até então obscuros. Nossa pesquisa iniciou-se ao lado de Chico Xavier e Waldo Vieira, mas ambos logo se desligaram por questões editoriais e o trabalho foi realizado em companhia do porto-riquenho espírita Victor Cerezo, residente nos Estados Unidos.

Ao contrário do que se julga no Brasil e no estrangeiro, as irmãs Fox não eram norte-americanas. Os Arquivos Históricos da Cidade de Nova Iorque (por nós consultados) atestam que a médium Margareth Fox nascera em Bath, uma vila próxima da cidade de Kingston, na província de Ontário, no dia 7 de outubro de 1833. Era ela, pois, canadense como seus irmãos (seis ao todo, contando David, o único varão). Os fenômenos mediúnicos só começaram a se produzir alguns meses depois de chegarem à aldeia de Hydesville. Margareth Fox tinha, então, catorze anos de idade e Katerine, a mais nova dos irmãos, onze. A terceira irmã, de nome Leah, também depoente importante instalou-se em Rochester, cidade nova na época e que dista uns trinta quilômetros de Hydesville. Era ela vinte e três anos mais velha que Margareth e lecionava piano. E aqui entra outra informação colhida nos Arquivos Históricos de Nova Iorque – John D. Fox era campesino e pastor da Igreja Episcopal Metodista. Sua família canadense e protestante desembarcou em Hydesville, no Condado de Wayne, Estado de Nova Iorque, no dia 11 de dezembro de 1847 e John Fox acomodou-a em uma casa de madeira idêntica a quase todas da humilde povoação.

DOIS DEPOIMENTOS SOBRE A CASA DOS FOX

A casa não era bem vista pela população de Hydesville. Diziam-na “assombrada”. A verdade é que inquilinos anteriores haviam ouvido em seus compartimentos ruídos estranhos e visto móveis se moverem sem contato humano, vultos etc. Conan Doyle em seu no-

tável livro “História do Espiritismo” cita o testemunho da ex-inquilina Hannah Weeckman, do qual extraímos o seguinte trecho:

“Meu marido, eu e a empregada nos levantamos imediatamente para ver o que se passava. Ela sentou-se na cama em prantos e nós custamos a verificar o que se passava. Disse ela que algo se movimentava acima de sua cabeça e que sentia um frio sem saber o que era. Disse havê-lo sentido sobre ela toda, mas que ficara mais alarmada ao senti-lo sobre o rosto.”

Lucretia Pulver, que em 1844 fora empregada do casal Bell, que habitara a casa, deu, também, seu testemunho:

“A Srta. Aurélia Losey ficou comigo naquela noite; ela, também, ouviu o barulho e ambas ficamos muito assustadas; levantamo-nos e fechamos as janelas e trancamos a porta. Parece que alguém andava pela despensa, na adega, e até no porão, onde o barulho cessava.”

Tal era a situação da casa, quando o pastor John D. Fox instalou nela a sua família.

ESTRANHOS ACONTECIMENTOS NA NOITE DE 31 DE MARÇO

Os primeiros ruídos eram espaçados e John Fox os atribuía a dois fatos – a casa era de madeira e na adega havia ratos. Mas, na noite de 31 de março foram ouvidos com maior intensidade por toda a casa e, no dizer da própria Sra. Fox, “produziam um certo movimento nas camas e cadeiras, a ponto de notarmos quando deitadas”. O pastor John Fox, acreditando que alguém estivesse a pilheriar consigo, saiu pé ante pé e examinou a casa pelo lado de fora e, depois, intrigado, os compartimentos – cantos e paredes. Tudo normal, mas os ruídos prosseguiram e todos podiam ouvir, inclusive, passos. Como não era a primeira vez que o fato acontecia (sem causar nenhum dano, aliás) a menina Katerine, de onze anos de idade, disse:

— Fazei como eu! Imitai-me!

E bateu um certo número de palmas. O Espírito fez soar na parede o mesmo número de pancadas.

Estabelecera-se, assim, a *telegrafia espiritual*. A Sra. Fox, então, tendo ao lado seu marido, pediu ao visitante dissesse a idade de cada um de seus filhos. O resultado do teste espantou a todos.

Batidas se fizeram ouvir, fazendo o Espírito uma pausa entre uma idade e outra

— É um ser humano quem conversa comigo? insistiu a Sra. Fox.

Silêncio angustiante.

— Será, então, um Espírito?

Batidas fortes repercutiram por toda a casa.

— Se for o Espírito de um assassinado dê duas pancadas.

Dois pancadas foram dadas.

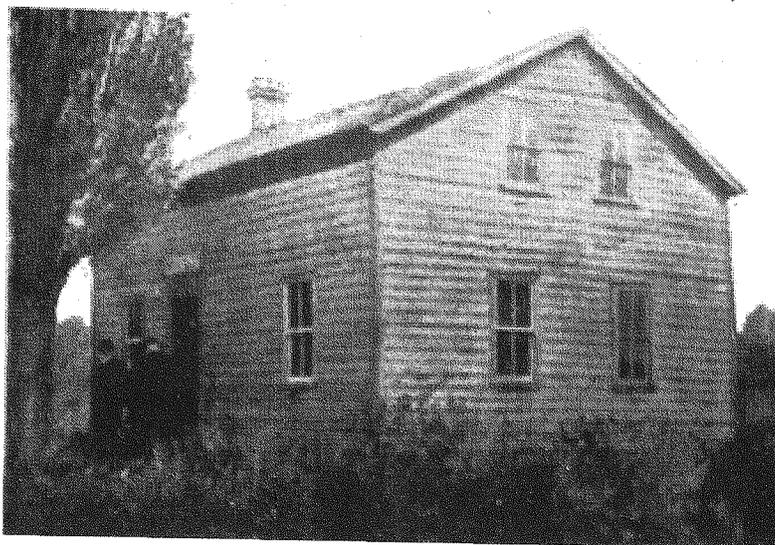
— O crime foi cometido nesta casa?

Novas pancadas ecoaram.

— Se eu chamar os vizinhos para que também escutem continuará a bater?

Resposta afirmativa. John Fox, rápido, foi buscar a Sra. Redfield, que morava próximo. As batidas continuavam. A Sra. Redfield fez um novo teste; perguntou que idade tinha ela e, surpresa, obteve do Espírito a resposta correta. Em seguida, entrou na casa o casal Duesler e informações foram conseguidas através de um código — a letra A correspondia a uma pancada, a B a duas, e assim por diante.

O Espírito se chamava Charles B. Rosma; fora mascate; seu



A casa em Hydesville onde vivia a família Fox.

assassino chamava-se Bell, antigo morador daquela casa; assassinara-o para roubar quinhentos dólares, com uma faca de açougueiro, dando-lhe um golpe na garganta; o corpo fora levado à adega e, na noite seguinte, enterrado, ali mesmo.

Aos poucos foi formada à porta da residência de John Fox uma fila com mais de trezentas pessoas e o Espírito Charles Rosma, pacientemente, deu provas de sua presença. No dia seguinte, as primeiras escavações foram feitas e descobriram-se ossos e cabelos. E, longo tempo depois, encontrou-se um esqueleto humano ao lado de uma lata de mascate. (1)

DEMONSTRAÇÃO PÚBLICA DA MEDIUNIDADE DAS FOX

A família do pastor não tinha mais descanso. E John Fox removeu suas filhas para Rochester; Margareth ficou na casa de David, seu irmão, e Katerine, a mais nova, na de Leah, a professora de piano. Mas os fenômenos continuaram e verificou-se que Leah era também dotada de mediunidade. E, fato notável, esses fenômenos foram constatados, dias depois, também na residência do ministro metodista A. H. Jervis e, de forma impetuosa, na do diácono Hale.

“As comunicações (havam dito os Espíritos) não se limitarão a um local; espalhar-se-ão pelo mundo.”

“Haverá grandes mudanças no século dezenove. Fatos que, atualmente, parecem obscuros e misteriosos para vocês, tornar-se-ão claros aos seus olhos. Os mistérios vão ser revelados. O mundo será esclarecido.”

Essas mensagens obtidas com as Fox através da tiptologia continham uma grande verdade.

Como vimos, Charles B. Rosma, que escancarara, ruidosamente, a porta que separa dois mundos, já havia cedido seu lugar a Entidades mais evoluídas. Uma dessas Entidades era Benjamin Franklin, o inventor do pára-raios.

(1) Benjamin F. Bartlett transportou em 1916 para a cidade de Lily Dale, no Estado de Nova Iorque, o que sobrou da casa dos Fox e reconstruiu-a. Passou a ser um pequenino museu que guardava os ossos, a lata do mascate Charles B. Rosma etc. Em 1965, porém, fomos informados de que ela havia sido incendiada por fanáticos!

Para que os mistérios fossem revelados era necessário causar impactos, e cada vez mais fortes. Os Espíritos sugeriram, então, que as Fox se apresentassem, publicamente, no Corinthian Hall, o maior auditório de Rochester. A proposta espantou as meninas, mas, Leah, que via nos fenômenos o lado divino, concordou e convenceu as irmãs. A apresentação verificou-se no dia 14 de novembro, vinte meses após a turbulenta noite em Hydesville. A sessão foi aberta com um discurso do escritor W. Capron. Mas já se havia formado uma comissão para desmascarar os “possíveis fenômenos”. O discurso inicial foi ouvido em silêncio, mas quando os componentes da comissão proclamaram que “*não puderam descobrir nenhum processo pelo qual foram as batidas produzidas*” no soalho, portas e paredes, teto, provocando uma forte vibração, o público rebelou-se. E exigiu nova comissão, que foi formada pelos mais rebeldes. Dela fez parte o Dr. Langworthy, a fim de examinar se as batidas eram produzidas pela ventriloquia... O relatório favorável às Fox exaltou, ainda mais, os ânimos. E foi constituída uma terceira comissão. Aventada a hipótese de que as médiuns poderiam ocultar algo no corpo, Leah, — já uma mulher de trinta anos, e suas duas irmãs foram postas nuas e examinadas por três senhoras. Nada foi encontrado, mas as batidas repercutiram, violentas, no chão e nas paredes. Nesse dia até perguntas mentais formuladas pela comissão foram respondidas pelos Espíritos.

Do púlpito parte do clero ataçava o povo contra as irmãs Fox, embora os reverendos Brittain e Griswold, A. H. Jervis e Hale as defendessem. E, durante uma outra exibição pública no Corinthian Hall houve um grande tumulto — o povo, indignado com as comissões, quis linchar as médiuns, o que teria acontecido se Georges Willets, um corajoso quaker, não tivesse gritado do palco:

— Só massacrarão as meninas depois de passarem por cima do meu cadáver!

Novo tumulto, mas as garotas já haviam desaparecido pelas portas do fundo.

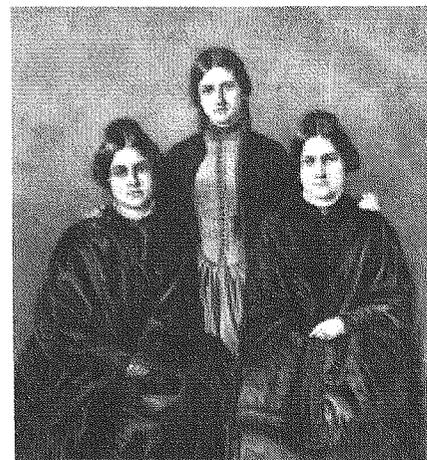
MATERIALIZAÇÕES DE ESTELLE LIVERMORE

Meses depois as irmãs Fox mudaram-se para Nova Iorque. E fizeram sessões ao lado de grandes homens, convencendo-os da

comunicabilidade dos Espíritos. Dessas sessões participaram o romancista Fenimore Cooper; Bryant, notável poeta; Bancroft, historiador; o célebre general Lymann; o governador e ex-senador Tallmadge; Horace Greeley, posteriormente candidato à presidência dos Estados Unidos. Elas fizeram, ainda, demonstrações públicas da mediunidade em todos os Estados do oeste americano, o que ocasionou a fundação de centenas de centros espíritas, lá conhecidos como “templos espiritualistas”.

Foi em Nova Iorque que Katerine Fox travou conhecimento com o banqueiro Livermore. A médium tinha, então, vinte e cinco anos de idade. Sua mediunidade, como a de suas irmãs, estava no apogeu e apresentava impressionantes fenômenos ectoplásmicos. Livermore procurou-a pelo fato de que sua esposa, Estelle, durante a agonia prometera que se existisse vida após a morte voltaria a vê-lo. Era uma promessa vaga, pois, Livermore como Estelle eram materialistas. De qualquer forma, Livermore foi procurar Katerine Fox, a conselho, aliás, do Dr. John F. Gray, médico da falecida Estelle.

No espaço de quase seis anos fez Katerine Fox trezentas e oitenta e oito sessões para Charles F. Livermore! Ele teve, de 23 de janeiro de 1861 a 2 de abril de 1866, as mais notáveis provas de identidade de sua esposa — materializações parciais e totais de seu Espírito, além da escrita direta (sem contato) com a letra de Estelle



As Fox (litografia em 1850).

quando viva e em papéis anteriormente rubricados; mensagens em francês e alemão corretos, línguas desconhecidas pela médium. Sessões em sua própria casa, só estando presentes na sala ele e Katerine. Porta e janela lacradas pelo próprio banqueiro.

Impossível dar uma idéia completa do que foram essas 388 sessões. Mas, citemos uma, pondo em relevo este detalhe importante — nem sempre Katerine Fox caía

em transe inconsciente e, pois, testemunhava, também, os acontecimentos ao lado do banqueiro.

A princípio, Estelle materializou, lentamente, a cabeça, depois o corpo inteiro. Mas ouçamos o próprio Livermore:

“Após estar absolutamente seguro no que se referia a portas e janelas, assentamo-nos e esperamos cerca de meia hora. Minha fé ia-se enfraquecendo, quando fomos sobressaltados ouvindo tremenda pancada na pesada mesa central, de acajú, que, então, levantou-se e caiu. A porta foi violentamente abalada; as janelas abriram-se e fecharam-se; e todos os móveis da sala pareceram mover-se. As perguntas eram respondidas por fortes pancadas nas portas, nos vidros das janelas e no teto, por toda a parte.”

“Uma substância luminosa lembrando a gaze (ectoplasma) levantou-se do solo por detrás de nós, moveu-se pela sala e parou à nossa frente. A gaze luminosa tinha a aparência de pano que se prendia ao pescoço. Tocou-me, afastou-se e aproximou-se de novo. Reconheci um corpo oblongo, côncavo do lado voltado para nós, sendo nessa cavidade a luz muito brilhante. Encarei-a, fixamente, mas não tinha as feições de uma pessoa. Ela recuou e de novo se aproximou; pude, então, distinguir um olho. Pela terceira vez ela moveu-se para longe, acompanhada por uns sons mediúnicos, e quando veio para junto de mim sua luz era mais viva, a gaze tinha mudado de forma, parecendo segura por mão de mulher, que com ela escondia a parte inferior do rosto, deixando descoberta a parte superior. Era a própria Estelle; eram seus olhos, suas feições, sua expressão...”

E Livermore acrescenta:

“A figura reapareceu muitas vezes, tornando-se o seu reconhecimento cada vez mais perfeito. Depois sua cabeça apoiou-se na minha, caindo-lhe os cabelos sobre a minha face.”

Em uma das atas frisou o banqueiro:

“Segurei nesses cabelos que pelo tacto me pareceram idênticos aos humanos; mas, depois de algum tempo, *eles se dissolveram, nada me deixando na mão*”. Nessas sessões com Livermore aparecia, também, o Espírito Benjamin Franklin, a fim de ajudar Estelle a materializar-se.

LEAH FOX FOI MÉDIUM DE EFEITOS FÍSICOS

Todos os psiquistas que escreveram sobre as Fox põem em destaque Katerine e Margareth e pouca ou nenhuma importância dão à mediunidade de Leah. Ora, a verdade é que a irmã mais velha foi uma poderosíssima médium de efeitos físicos, e não mera coadjuvante nas sessões em que se apresentava ao lado de suas irmãs. Robert Dale Owen, diplomata americano (ex-embaixador dos Estados Unidos, em Nápoles) fez em 1860 uma série de experiências com ela. Leah já era esposa do Dr. Daniel Underwill, magnata de seguros, em Wall Street. Uma dessas experiências foi realizada na praia de Long Island Sound, quando a médium, a pedido de Owen provocou batidas *no interior de um enorme rochedo*.

Conta Dale Owen em seu livro “Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro” (pág.288, edição da FEB):

“...e eu, buscando a parte mais baixa do rochedo, apliquei o ouvido contra o solo e, dentro de poucos segundos, os golpes foram ouvidos, como vindos do interior da própria substância da rocha, abaixo do meu ouvido. Busquei verificar o fato pelo tacto, e colocando a mão no solo, a uma distância de poucos pés do lugar em que se achava a Sra. Underwill, ouvi os ruídos e ao mesmo tempo senti, a cada golpe, uma ligeira mas bem distinta vibração, ou estremezimento do rochedo.”

Leah, como suas irmãs mais novas, durante a fenomenologia ficava totalmente consciente, mesmo nas sessões de materialização. Era, a um só tempo, médium e observadora.

Leia-se este relato do próprio Dale Owen:

“Depois de algum tempo, vi a figura (ectoplásmica) passar por detrás da Sra. Underwill e conservar-se, por alguns minutos, junto de seu marido; em seguida, veio colocar-se à minha esquerda. Pude ver o contorno da cabeça e da face, mas, ainda como anteriormente, ela estava coberta com um véu que lhe não deixava perceber as feições. Contudo, vi alguma coisa, não observada antes, semelhante a tranças de cabelos negros, caídos de um e outro lado da face, e o contorno mal definido de um braço que por mais de uma vez se moveu para lançar

para trás a trança que caía para a frente, parecendo com isso chamar minha atenção.”

E prossegue o diplomata, sempre minucioso:

“Depois, a figura colocou-se atrás de mim. Eu estava inclinado sobre a mesa para evitar que o Sr. Underwill ficasse em posição forçada para alcançar as minhas mãos. Senti beijarem-me os ombros, depois meus dois ombros foram simultaneamente tocados, e, afinal, por cima das costas da cadeira, puxaram-me docemente para trás, comprimindo-me de encontro a uma forma que me pareceu material. Quase ao mesmo tempo beijaram-me a mão. O Sr. Underwill disse, então: ‘Ah! Vós o estais puxando para trás’. E a Sra. Underwill, um pouco incomodada, acrescentou: ‘Todos são tocados, menos eu. Não quereis saber de mim?’ Apenas tinha pronunciado essas palavras, quando, assustada, deu um grito, pois que, inesperadamente, tinham-na beijado na testa. Cessaram, então, as manifestações. Não mais se percebeu na sala nenhum objeto luminoso, nenhum toque, nenhum ruído ou som de qualquer espécie.”

O PARECER DE WILLIAM CROOKES

Voltemos a Katerine Fox. Em novembro de 1871 seguiu ela em missão espiritual para a Inglaterra às expensas do banqueiro Livermore. Recomendando-a a Benjamim Coleman, frisou o banqueiro que não fizessem com ela sessões no escuro, pois a médium irritava-se com a “suspeita dos cétricos, dos simples curiosos”.

...A mediunidade de Katerine – convém frisar, foi experimentada durante quase dez anos consecutivos na Inglaterra, principalmente, em Londres; e por grandes homens, destacando-se o engenheiro Cromwell Varley, inventor do cabo submarino, e William Crookes, um dos mais notáveis químicos e físicos da época, descobridor dos raios catódicos.

O sábio Crookes, que pesquisou ao mesmo tempo Katerine e Daniel D. Home (outro médium notável) afirmou que os ruídos provocados pela médium canadense se faziam ouvir “como um triplo choque, algumas vezes com bastante força para serem ouvidos através de vários aposentos”.

O cientista se deteve no exame desses ruídos:

“...ouvi esses ruídos saírem do soalho, das paredes etc., quan-

do a médium tinha as mãos e os pés ligados; quando estava em pé sobre uma cadeira; quando se achava em uma balança suspensa do teto etc”.

Materializações parciais, inclusive, observou o químico:

“Uma luminosa mão desceu do alto da sala e, depois de oscilar perto de mim durante alguns segundos, tomou o lápis de minha mão e escreveu rapidamente numa folha de papel, largou o lápis e ergueu-se sobre as nossas cabeças, dissolvendo-se gradativamente na escuridão.”

Temos, aqui, além da materialização parcial, a escrita direta.

Um ano após estar na Inglaterra casou-se Katerine com o famoso advogado londrino H. D. Jencken, secretário-geral honorário da Associação para a Reforma e Codificação do Direito Internacional, espírita confesso; nove anos depois, porém, ficou viúva com dois filhos.

O TRISTE EPÍLOGO DAS FOX

Chegamos, agora, ao ponto crucial deste caso singular que arrebatou o mundo – a confissão e retratação das Fox. Antes, lembremo-nos de uma mensagem dada através de batidas e dirigida à própria Margareth Fox, três anos antes de viajar para Londres, a fim de viver com Katerine:

“Quando as trevas descerem sobre você, pense no lado mais luminoso.”

Essa mensagem profética iria cumprir-se agora, quinze anos depois.

Ora, foi em 1876 que Margareth seguiu para Londres. Era, desde 1857, viúva do médico Elisha Kent Kane, que se tornara célebre como explorador do oceano Ártico. Ambas as irmãs, então, ingenuamente procuravam no vinho um estimulante para o excesso de trabalho – e o vinho faria descer as trevas a que a mensagem se referia...

Leah, a irmã mais velha, e que sempre vira nos fenômenos o aspecto religioso, recriminou-as, violentamente, ameaçando separar Katerine dos filhos... E, ao que parece, denunciou-a, pois a Sociedade Para a Prevenção de Crueldade às Crianças por alguns meses tomou a si os dois meninos de Katerine, Purdy e Henry, ambos ingleses.

O pavio curto estava aceso e Margareth ficou do lado de



Cripta nº 8.840, seção 89, no cemitério Greenwood, em Nova Iorque, que abrigou o corpo de Margareth Fox. (foto de Rizzini)

Katerine. Mas, a bomba só explodiria em 1888, em Nova Iorque. Anotemos este detalhe precioso: Margareth foi a primeira a regressar aos Estados Unidos e, sozinha, desligada de Leah, apresentou-se em várias cidades e na Academia de Música de Nova Iorque em sessões memoráveis. O pavio, porém, agora chegava ao fim e as irmãs não se entendiam. Margareth, envenenada, visando Leah, converteu-se à Igreja Católica Romana e deu uma entrevista ao diário “New York Herald” (dia 24 de setembro de 1888) agredindo a moral impoluta da irmã e ameaçando apresentar-se em um auditório, a fim de arrasar com a mediunidade, o que, realmente, fez no palco da própria Academia de Música de Nova Iorque para a satisfação do esperto Cardeal Manning... Uma outra entrevista de Margareth e

que não é citada nem mesmo por Conan Doyle, e com o mesmo sentido e cuja fotocópia possuímos, trazendo a assinatura da médium, foi divulgada pelo jornal “The World” de 21 de outubro, ocupando quase duas páginas...

Katerine, por sua vez, vingou-se de Leah, e pelas colunas do “New York Herald” de 10 de outubro, após afirmar “com sentida sinceridade que acabou para sempre com seu vício de outrora” (o álcool) prometia, também, vir a público com sua irmã para uma “confissão”... Mas não teve coragem de subir no palco; ficou na obscuridade de um camarote, assistindo ao triste papel de Margareth...

REAÇÃO DOS ESPÍRITOS

O impacto dessas três entrevistas foi tremendo em todo o país, principalmente, no coração de Leah. As trevas haviam descido. Cumprira-se a profecia. Mas as luzes do Alto voltaram um ano depois e Margareth (fato notável) recebeu a advertência de seu Espírito Guia (através de batidas, como as de Hydesville, que ela quarenta anos depois dissera ser “estalos dos pés”!) que se retratasse perante o povo... E Margareth Fox, corajosamente, no dia 20 de novembro de 1889 fez uma declaração pela imprensa.

— “Havia alguma verdade nas acusações que a senhora fez contra o Espiritismo?” – perguntou o repórter.

— “Aqueles acusações eram falsas em todas as minúcias. Não hesito em dizê-lo... Não. Minha crença no Espiritismo não sofreu mudanças. Quando fiz aquelas terríveis declarações não era responsável por minhas palavras. Sua autenticidade é um fato incontroverso. Nem todos os Hermanns vivos (mágicos de palco) serão capazes de reproduzir as maravilhas que se produzem através de alguns médiuns. Pela habilidade manual e por meio de espertezas podem escrever em papéis e lousas, mas, mesmo assim, não resistem a uma investigação séria. A produção de materialização está acima de seu calibre mental e *desafio a quem quer que seja a produzir batidas nas condições em que as produzo.*”

— “Que diz sua irmã Katerine de sua presente atitude?”

— “Está de pleno acordo. Katerine não concordou com a minha atitude no passado.”

— “Pretende fazer sessões?” – perguntou o repórter.

— “Não. Pretendo dedicar-me a trabalhos de propaganda na tribuna pública, pois, assim, terei melhor oportunidade de refutar as calúnias lançadas por mim contra o Espiritismo.”

E foi o que fez Margareth por longos anos.

Margareth Fox, já idosa e sem recursos, viveu os últimos anos de sua vida com uma amiga reconhecida, Emily B. Ruggles, na State Street, 492, no Brooklyn. Morreu na quarta-feira de 8 de março de 1893, vítima de uma síncope cardíaca, às oito horas da manhã, quando contava quase sessenta anos de idade. Três dias depois o corpo seguiu para o cemitério de Greenwood, onde colhemos estas últimas informações. E aqui topamos com um caso misterioso... O corpo de Margareth ficou na cripta nº 8.840, seção 89. No dia 13 de dezembro, porém, — nove meses depois, foi ele removido pelo agente funerário M. Henry e Filho — mas os documentos do cemitério não nos contam “por ordem de quem” nem “para onde”... E acresce que os agentes funerários M. Henry e Filho de há muito morreram. Onde está o corpo de Margareth Fox?

O caso, realmente, intriga, já que os demais cemitérios de Nova Iorque foram por nós vasculhados.(1)

(1) Nossa pesquisa foi, também, filmada.

5

A MÉDIUM EUSÁPIA PALADINO

Eusápia Paladino nasceu a 21 de janeiro de 1854 na aldeia de Minervino Murge, próxima de Bari (Itália). A mãe morreu semanas depois. Sua infância foi extremamente infeliz. Antes de completar um ano de idade sofreu uma queda que lhe causou uma brecha na cabeça e aos oito viu seu pai ser barbaramente assassinado por bandidos. Maltratada pela avó, a pequena órfã foi enviada à residência de um conterrâneo seu em Nápoles, que a entregou a uma família estrangeira e abastada, que, no entanto, não conseguiu educá-la. Eusápia não sabia ler, e por muito tempo, já moça, só se exprimia em dialeto napolitano. Com a idade de quatorze anos sua poderosa mediunidade de efeitos físicos aflorou. Certa noite, as pessoas com as quais vivia fizeram uma experiência de tiptologia; sentaram-se em torno à mesa na esperança de que, através de batidas ou estalos, esta respondesse às perguntas — cada batida corresponderia a uma letra do alfabeto. Mas a mesa manteve-se em silêncio. Eusápia, então, foi convidada a participar da experimentação. E, mal colocou as mãos abertas sobre a mesa, esta levantou-se, balançou, enquanto as pesadas cortinas de veludo na sala faziam o mesmo e as campainhas retiniram, sem contato humano. A menina Eusápia não gostou da experiência, mas, passou a fazê-la todas as noites, a fim de não ser enviada a um convento... Quatro anos depois, aos dezoito anos de idade, houve um episódio que marcou sua vida de médium e que precisa, aqui, ser relatado. Havia em Nápoles um senhor chamado Damiani, casado com uma inglesa. O casal fazia no lar sessões mediúnicas. Em uma delas foram aconselhados através da tiptologia, por um Espírito que dizia chamar-se John King, a procurar em deter-

minada rua de Nápoles (e deu o número) uma jovem de nome Eusápia Paladino, através de quem desejava, também, comunicar-se. O casal nunca havia ouvido falar de Eusápia. Mas a esposa de Damiani foi ao endereço e, surpresa, defrontou-se com a jovem médium. Nesse mesmo dia fizeram uma sessão, e John King, revelando que fora pai de Eusápia na vida anterior, prometeu realizar com ela fenômenos que abalariam o mundo. Lembra Conan Doyle que John King manifestou-se nos Estados Unidos e na Inglaterra através de vários médiuns e que, materializado, “tem a aparência de um homem alto, moreno, uma cabeça nobre e grande barba negra. Sua voz é alta e profunda, tendo sido experimentado nas línguas mais originais, como o georgiano, e nunca foi pilhado em erro”. John King, lembremos, ainda, dizia haver sido pai de Katie King, Espírito que se materializou durante três anos no laboratório do físico inglês William Crookes. Eusápia Paladino teria sido, então, irmã de Katie King em uma vida passada.

O DESAFIO DE CHIAIA A CÉSAR LOMBROSO

Foi Damiani quem apresentou Eusápia ao professor de Medicina Ercole Chiaia, residente em Nápoles, (1) o qual constatou uma longa série de fenômenos durante anos de experimentação com a médium. Quando Eusápia tinha trinta anos de idade e seus dons pareciam estar no apogeu, Chiaia publicou no jornal de Roma, “*Il Fanfulla Della Domenica*” (nº 34, ano X) uma carta aberta dirigida a César Lombroso, desafiando o sábio italiano a um encontro com a sensitiva de Nápoles... Fundador da antropologia criminal e um dos inspiradores da escola positiva de criminologia e direito penal, Lombroso, materialista, era, então, uma das glórias da ciência. A carta de Chiaia foi publicada em 9 de agosto de 1888 e informava a Lombroso que “Eusápia Paladino tem cerca de trinta anos e é

(1) Chiaia nasceu em março de 1836, em Brindisi, e desencarnou, serenamente, aos 69 anos de idade. Era casado com a Sra. Júlia Bressi, distinta espírita com quem “dividiu os heroísmos da luta pela Verdade”.

muito ignorante; seu olhar nem é fascinante nem dotado daquele poder que os modernos criminalistas chamam irresistível. Mas, quando ela quer, seja dia ou noite, pode divertir um grupo durante uma hora ou mais, com os mais curiosos fenômenos. Tanto amarrada a uma cadeira, quanto segura pelas mãos dos assistentes, atrai a si móveis e objetos que a cercam, levanta-os, mantendo-os suspensos no ar, fá-los descer novamente com um movimento ondulatório, como se obedecessem à sua vontade. Aumenta ou diminui à vontade o seu peso. Ouvem-se arranhaduras e batidas nas paredes, no teto, no soalho, com muito ritmo e cadência. Em resposta às perguntas dos assistentes, algo como jatos de eletricidade emana de seu corpo e a envolve ou aos espectadores dessas cenas maravilhosas. Desenha sobre cartões, que os outros seguram, aquilo que se deseja – figuras, assinaturas, números, sentenças – apenas estirando a mão na direção indicada. Se colocar num canto da sala uma bacia contendo uma camada fina de cal, no fim de algum tempo aí se encontra a impressão de uma pequena ou de uma grande mão, um rosto, de frente ou de perfil, do qual se poderia tirar um molde. Assim têm sido conservados retratos tirados de vários ângulos e os que desejam podem fazer sérios estudos. Essa mulher ergue-se no ar, sejam quais forem as amarras que a sustentam. Parece librar-se no ar como se sobre um colchão, contrariando todas as leis da gravidade. Toca instrumentos de música – órgão, sinos, tamborins – como se eles tivessem sido tocados por suas mãos ou movidos pelo sopro de invisíveis gnomos... Essa mulher por vezes aumenta a sua estatura de mais de dez centímetros.”

E Chiaia faz o desafio:

“Quando dispuserdes de uma semana de repouso, para vos distrairdes dos estudos que vos são tão caros, ao invés de empreenderdes, na próxima estação, uma vilegiatura, dignai-vos de marcar-me um lugar de encontro que poderá ser em Nápoles ou Roma, ou, se preferirdes, Turim, e eu lá irei apresentar-vos a minha feiticeira.”

A carta aberta fez, certamente, Lombroso sorrir. E aceitou o desafio; mas a experiência deveria ser realizada à luz do sol. Como era isso impossível, o assunto pareceu encerrado. A carta fora comentada em toda a Itália e repercutiu no estrangeiro, atraindo a Nápoles Angelo Brofferio, lente de filosofia, e Giorgio Finzi, professor

de física, e ambos constataram a realidade das incríveis afirmações de Chiaia.

O ENCONTRO DE LOMBROSO COM EUSÁPIA PALADINO

O encontro de César Lombroso (então professor de Medicina Legal e Antropologia Criminal da Universidade de Turim) verificou-se em março de 1891 e a experiência acabou sendo realizada em pleno dia. O sábio havia ido a Nápoles por questões profissionais e, avistando-se com Chiaia, marcou dia, hora e local para o esperado encontro com a médium. Participaria da experiência, apenas, a equipe de Lombroso – os professores Tamburini, Vizioli, Ascensi e o engenheiro Ciolfi, todos materialistas. A sessão foi feita em um quarto do Hotel de Genebra e os cientistas viram, estando Eusápia em transe, objetos pesadíssimos, sem contato, soerguerem-se. O fato bastou para que Lombroso concordasse em estudar a médium. E fez publicar pela imprensa a seguinte declaração: “*Estou muito envergonhado e aflito por haver combatido, com grande tenacidade, a possibilidade dos fatos chamados espíritas. Digo dos fatos, pois, quanto à teoria, continuo a ser-lhe contrário. Mas os fatos existem e eu me glorifico de ser escravo dos fatos*”.

Um ano depois, porém, admitia Lombroso que somente a teoria espírita poderia explicar certos fenômenos.

EXPERIÊNCIAS COM EUSÁPIA EM MILÃO

Em 1892, em Milão, realizou Lombroso com Eusápia Paladino dezessete sessões. Participaram delas, além de Lombroso, Charles Richet (professor da Universidade de Paris), Aksakof (da Academia de Leipzig), G. B. Ermacora e Giuseppe Gerosa (catedráticos de Física), Giovanni Schiaparelli (diretor do Observatório Astronômico de Milão), Charles Du-Prel (doutor em Filosofia, de Munique), Angelo Broffério e Giorgio Finzi. As dezessete sessões foram realizadas na residência do professor Finzi e os mais impressionantes fenômenos de efeitos físicos foram, então, constatados. Eusápia teve, nessas sessões, mãos e pés ligados pelos experimentadores e suas vestes foram trocadas. Enrico Morselli (catedrático de Neurologia e Psiqui-

atria da Universidade de Gênova) e César Lombroso examinaram, de forma exaustiva, o transe em Eusápia, e ambos informam que no começo da sessão “sua voz é rouca; todos as secreções, suor, lágrimas, e até o catamênio, aumentam; sua hiperestesia se transforma, principalmente à esquerda, em anestesia; falham os reflexos pupilares e tendôneos; ela tem tremores, paresia, principalmente à direita. Diminui-lhe a respiração, passando de 28 inspirações a 15 e a 12 por minuto, enquanto o coração passa de 70 a 90 e mesmo a 120 pulsações; as mãos tremem, as articulações dos pés e mãos têm movimentos de flexão e extensão, e se tornam rígidas. Em começo de transe empalidece, convulsiona os olhos, agita a cabeça para os lados e depois fica estática; tem muitos dos gestos freqüentes no acesso histérico; bocejos, risos espasmódicos, mastigação freqüente, visão à distância, linguagem muitas vezes escolhida e mesmo científica, ideação rápida; apanha o conceito dos presentes, mesmo não expresso em voz alta, ou emitido, de forma misteriosa. No transe exterioriza a sua motricidade, tem sensações visuais e táteis, sem a intervenção dos órgãos ordinários dos sentidos específicos; percebe o que se passa em torno de nós, longe de sua vista, ou a de qualquer outro, o que depois se verifica; mostra conhecimentos que não possui em estado normal; conserva-se durante a sessão em contínua relação com os presentes, exprime suas opiniões e a sua vontade, ou à viva voz, ou pronunciando mal as palavras, como um paralítico progressivo, ou com as pancadas provenientes da mesa ou de outros objetos, ou em língua italiana ou em língua estrangeira. Para o fim do transe quando sucedem os fenômenos mais importantes, experimenta uma grande sede, entra em verdadeiras convulsões e grita como em trabalhos de parto. Cai, enfim, em sono profundo, e da fenda do parietal (ocasionada pela queda quando tinha um ano de idade) se lhe evapora um fluido quente sensível ao tato. Depois da sessão, nota-se-lhe sensibilidade mórbida, hiperestesia, fotofobia, muitas vezes alucinações e delírio; pede que a vigiem, para que não lhe façam mal e sofre de graves distúrbios digestivos; vomita se comeu antes da sessão, tem paresia nas pernas, precisando que outros a levem e dispam”.

Foram registrados com Eusápia Paladino quarenta e quatro fenômenos diferentes, sendo a maioria pertencente à área dos efei-



Eusápia Paladino.

tos físicos. Impossível descrevê-los a todos, mas poremos em relevo as levitações verificadas em Milão. Esse fenômeno, aliás, era comum com ela.

“Depois de alguns minutos (narra Finzi, o professor de Física) a mesa oscila lateralmente, ergue-se, ora à direita, ora à esquerda, levanta-se nos quatro pés, coloca-se horizontalmente no ar, como se flutuasse em um líquido, eleva-se a 10 e 20 centímetros, poucas vezes 60 a 70, para cair, ao mesmo tempo, sobre os quatro pés.”

Agora, a levitação da médium sentada na cadeira. É ainda Finzi quem narra:

“Na tarde de 28 de setembro, com as mãos presas entre as de Richet e Lombroso, queixou-se das que a apertavam sob os braços (mãos invisíveis) e depois, em transe, com a voz mudada, como sempre acontecia, Eusápia avisou: Agora eu vou pôr a minha médium na mesa. Após dois ou três segundos, a cadeira com a médium foi não lançada, mas soerguida sem artifício e deposta na mesa”.

Depois de alguns segundos, sempre com a voz mudada a médium anunciou a sua descida, o que se verificou “com a mesma segurança e precisão”. Toda a série de fenômenos com Eusápia em Milão foi obtida com a luz infra-vermelha dirigida para a médium e fotos foram conseguidas.

MATERIALIZAÇÃO DA MÃE DE LOMBROSO

César Lombroso sabia que nas sessões com Eusápia Paladino o fenômeno mais espantoso, de súbito, poderia verificar-se. E, realmente! Em Nápoles, por exemplo, um ano após as experimentações em Milão, no quarto do hotel, uma grande cortina que estava a um metro de distância de Eusápia balançou e dirigiu-se ao encontro do sábio, envolvendo-o e apertando-o tanto, que dificilmente Lombroso

conseguiu desembaraçar-se. Os professores Bianchi, Tamburini, Vizioli e Ascenci estavam presentes. De outra feita (conta Lombroso) “acesa a luz e quando estavam todos para retirar-se, viu-se um grande armário, colocado atrás da alcova, cerca de dois metros de distância de nós, mover-se lentamente ao nosso encontro; parecia um grande paquiderme, caminhando a passos lentos para nos atacar”...

Mas, o fato mais impressionante verificou-se em Gênova; em 1902. Lombroso pedira a Eusápia Paladino, antes da sessão, que “fizesse mover em plena luz um pesado tinteiro de cristal, ao que a médium respondeu: *Por que essa bagatela se sou capaz de muito mais? Se posso mostrar tua mãe? Nisso é que devias pensar!* Sugestionado pela promessa (é Lombroso quem narra) “depois de meia hora de sessão, fui tomado do vivíssimo desejo de vê-la realizada, e a mesa imediatamente assentiu ao meu pensamento com os seus movimentos habituais. Estávamos em meia obscuridade, à luz vermelha, quando vi destacar-se da cortina uma figura velada, um tanto baixa *como a de minha mãe* (Eusápia, no momento, estava segura pelas mãos de duas pessoas e tinha uma estatura pelo menos de dez centímetros mais alta que minha mãe): deu a volta completa da mesa até mim, sussurrando palavras que outros ouviram, mas que não pude apanhar por causa de minha meia-surdez; cheio de profunda emoção supliquei que repetisse, ela disse: — *César, fio mio*, o que confesso não era hábito seu, pois costumava dizer em sua linguagem veneziana — *mio fiol*. Pouco depois, a meu pedido, refez a volta da mesa e retirando um pouco o véu do rosto, envia-me um beijo”.

E César Lombroso acrescenta que sua mãe lhe apareceu, totalmente materializada, falando e beijando-o, em oito sessões, em Milão e Turim. A respeito dessas materializações (algumas contrárias à vontade dos parentes e que por isso mesmo, repugnavam ao professor Morselli...) escreveu Lombroso:

“Confesso que não só não concordo, mas que, ao contrário, quando novamente vi minha mãe, senti uma das mais agradáveis sensações íntimas de minha vida, um prazer que era quase um espasmo, que despertou uma sensação, não de ressentimento, mas de gratidão à médium que novamente lançou minha mãe em meus braços depois de tantos anos. E esse acontecimento me fez esquecer, não uma vez, mas muitas vezes a humilde postura de Eusápia, que tinha feito para

mim, ainda que de maneira puramente automática, aquilo que nenhum gigante em força ou em pensamento jamais teria podido fazer”.

Além de César Lombroso, outros experimentadores presenciaram a materialização de parentes. A Enrico Morselli, contra a sua vontade(...) por diversas vezes apareceu materializada a sua progenitora; Francesco Porro (da Universidade de Gênova) viu sua filha materializar-se em sessão memorável com Eusápia. E, entre outros exemplos de materialização de parentes ou conhecidos dos assistentes, destaquemos o ocorrido em Paris em uma sessão com Eusápia, estando presente o célebre astrônomo Flammarion. O Sr. Le Bocain falou em árabe a um Espírito materializado: “*Rosália, se és tu que te encontras entre nós, puxa-me três vezes o cabelo na parte posterior da cabeça*”. Ao contrário do que supunha, o Espírito atendeu-lhe o pedido. É evidente que Eusápia Paladino desconhecia o árabe, e que, pois, o Espírito materializado independia de sua mente.

AS PESQUISAS DE CHARLES RICHEL

“Fui testemunha atenta em Milão, Roma, Carqueiranne, na ilha Roubaud e em Paris; posso, portanto, falar com conhecimento de causa, tendo assistido a mais de uma centena de sessões.” Essas palavras são de Charles Richet, detentor do Prêmio Nobel de Medicina. Cada sessão com Eusápia tinha a duração aproximada de três horas. Cem sessões, portanto, equivalem a trezentas horas de pesquisa direta. Logo, o depoimento de Richet tem um valor inestimável e coincide, em tudo, com o de César Lombroso e outros pesquisadores. Eis o que o sábio francês nos conta em seu “Tratado de Metapsíquica”:

“A ilha Roubaud, onde possui uma pequena vivenda, é uma ilha mediterrânea deserta, habitada apenas pelo guarda do farol e sua mulher. Mande trazer Eusápia. Depois, pedi a Ochorowicz para que viesse ter comigo, a fim de seguir de perto as experimentações. De fato, durante três meses, em perfeita intimidade, Ochorowicz e eu, três vezes por semana, experimentamos e num grande número de vezes constatamos com toda a evidência movimentos de objetos sem contato como muitos outros fenômenos dos quais voltarei a falar.

Após haver verificado o sucesso de nossas experiências, solicitei a presença dos meus amigos Myers, Oliver Lodge e Schering-Notzing, bem como o Sr. e a Sra. H. Sidgwick, para virem à ilha Roubaud para julgar “*de visu*.”

Sir Oliver Lodge, posteriormente, publicou no “Jornal da Sociedade de Investigações Psíquicas” (Londres, novembro de 1894) o relato dos fenômenos observados na ilha:

- 1) Deslocamento de uma cadeira em pleno ar, sem que pudessem ter havido contato direto.
- 2) Agitação permanente e clara de uma cortina de janela, sem causa ostensiva, visto não haver o menor sopro de vento.
- 3) Deslocamento sem contato e toque de uma caixa de música.
- 4) Toque de piano e de harmônica sem que alguém pegasse nos instrumentos.
- 5) Transporte, para a mesa, da chave que fechava interiormente a porta e viagem em sentido inverso.
- 6) Movimento sem contato de pesada mesa colocada atrás da médium e fora da corrente estabelecida pelos assistentes, a qual foi virada de pés para cima.
- 7) Levitação visível da pesada mesa, em condições que seriam impossíveis no estado normal.
- 8) Aparição de sinais azuis em superfície branca, sem intervenção aparente.
- 9) Apalpadelas, apertos e empuxões na minha cabeça, nos meus braços e nas minhas costas, ao mesmo tempo em que as mãos e os pés da médium eram rigorosamente controlados e estavam fora do meu alcance.

Nessas sessões na ilha Roubaud um fenômeno singular foi constatado e dele Oliver Lodge faz referência no item oito; mas Richet nos oferece estes preciosos detalhes: — “... em plena luz, nós todos vimos a mão esquerda de Eusápia erguida no ar, segurando um lápis. Eusápia, então, diz que vai fazer a substância azul do lápis passar para meu dedo indicador. E, com efeito, com meu dedo sobre um papel branco, posso traçar linhas como se tivesse um lápis na mão. Vejo, ainda, nessa experiência extraordinária, diante de uma vela colocada sobre a mesa, a alguns centímetros de distância, Ochorowicz

e Myers (Myers com seu Iorgnon) olhando de muito perto os traços azuis que meu dedo indicador fazia ao passar por sobre o papel.”

Outro fenômeno, também, singular foi observado por Charles Richet na residência de Flammarion:

“Eu segurava a mão direita de Eusápia e Flammarion a esquerda. Digo, então: *Dê-me um alfinete, quero ver se John (John King) é sensível*, e com o alfinete espeto o pretense membro de John através da cortina. Mas, não continuei, porque à medida que eu esperava, parecia que um alfinete entrava no alto de meu braço, magoando-me bastante, o que fez Eusápia rir muito.”

Entre os fenômenos inusitados há de destacar-se, também, este, citado por César Lombroso: ao final de uma sessão, Eusápia Paladino “de canhota que era, tornou-se destra e o Professor Morselli passou a canhoto transitório” (Hipnotismo e Espiritismo, pág. 169). E nessa mesma obra conta Lombroso na página 282 que através da médium Paladino materializou-se o espírito da esposa de Ernesto Bozzano (professor da Universidade de Turim), que em vida tanto o fizera sofrer. E mais: “Ela lhe falou em dialeto genovês, que Eusápia não conhecia”.

SUSPEITAS E REALIDADE

Alguns críticos afirmam que “determinados fenômenos” eram produzidos porque Eusápia Paladino libertava uma das mãos, enganando, assim, não o público leigo, para quem, aliás, jamais fez sessões, mas os grandes homens de ciência. Ora, Eusápia sujeitou-se às experiências durante vinte anos seguidos. Acreditar que a médium de Nápoles, analfabeta, enganou um detentor do Prêmio Nobel durante trezentas horas é ser ingênuo demais. E, além de Richet, havia uma plêiade internacional de cientistas. É verdade que, por vezes, Eusápia procurava libertar as mãos, obedecendo a um automatismo inconsciente, mas, Lombroso, em Gênova, lhe amarrou os pés e as mãos e o psiquiatra Morselli colocou-lhe uma faixa à semelhança de camisa de força que impedia o menor movimento do corpo e, todavia... a mesa pesada moveu-se, luzes espirituais surgiram, objetos levitaram!

“Em uma experiência que foi muito brilhante (conta Richet) em minha casa em Carqueiranne, a Sra. Sidgwick segurava a mão esquerda de Eusápia; meu sábio e pranteado amigo Segard, médico-chefe da marinha, segurava a mão direita. Perguntei-lhe no momento em que o piano, colocado a 35 cm. de Eusápia havia soado: ‘Está certo de que segura bem a mão, e a mesma mão?’ E sobre sua afirmação, acrescentei: ‘Tome cuidado para que não se engane, porque será cumplicidade’. Nessa experiência Oliver Lodge segurava os pés. H. Sidgwick declarou que a experiência estava irrepreensível, mas que um objeto podia ser seguro por Eusápia entre os dentes e tocar as teclas do piano. Então, coloquei minha mão na boca de Eusápia e houve ainda sons de piano...”

No Instituto Geral Psicológico de Paris, onde Eusápia sujeitou-se a experimentações em 1905, 1906 e 1907, teve ela os pés presos aos pés da cadeira e os punhos amarrados aos dos pesquisadores, à sua direita e à sua esquerda, e que eram Feilding e o célebre Pierre Curie (esposo de Mme. Curie). Mas, como os fenômenos eram produzidos pelo Espírito John King, um velador de três pés, que estava distante de Eusápia cerca de um metro, avançou, recuou, e subiu até a altura dos ombros de Pierre Curie; depois, ainda no ar, virou-se e desceu, suavemente, sobre a mesa das experiências. Pierre Curie exclamou, então:

“O que é assombroso é a precisão com que o velador chegou sem tocar em ninguém. Ele fez uma curva suave e nem me tocou”. O objeto pesava um quilo e duzentos e cinquenta gramas e media cinquenta e cinco centímetros de altura. Além da Sra. Curie, Pierre Curie e Feilding, presenciaram o fenômeno outras personalidades célebres do mundo científico. Nessas sessões no Instituto Psicológico de Paris (informa-nos ainda o “Bulletin” de dezembro de 1908 desse Instituto) uma mesa foi levitada, e como Dubierne perguntasse a John King se era capaz de quebrá-la, imediatamente o pé foi partido. E depois de provocar à distância o rompimento de um tubo de borracha ligado em uma balança, pediu Eusápia, em transe, que lhe dessem um lápis, e este partiu-se em dois pedaços ao ser tocado pela médium. Nessa mesma sessão uma mesa de madeira, colocada atrás da cadeira onde Eusápia estava sentada, foi partida em três pedaços; a

médium, sem olhar para trás, disse a quantos pedaços fora a mesa reduzida... E, ainda mais! O casal Curie e os demais experimentadores viram sair de uma máquina elétrica, estando a médium a dois metros de distância, três faíscas que vieram ter sobre sua cabeça para, em seguida, surgirem nas mãos e por entre os cabelos de alguns cientistas.

AS MÃOS E OS PÉS ECTOPLÁSMICOS

Ao contrário da maioria dos médiuns de efeitos físicos, Eusápia Paladino não ficava nas sessões encerrada em uma cabine; ela ficava entre os experimentadores. A pequena cabine tinha a finalidade de armazenar o ectoplasma. Por isso mesmo podia Eusápia ser rigorosamente controlada. E todos os cientistas se convenceram dos fenômenos; inclusive, do corpo de Eusápia saíam membros fantasmáticos, o que explica, aliás, os fenômenos simultâneos e incapazes de serem simulados por uma só pessoa. Esses braços e pés ectoplásmicos tornavam-se, às vezes, tangíveis. Mas, mesmo invisíveis, davam provas de sua realidade... Como no seguinte caso narrado por César Lombroso:

“A seguir, Morselli adverte que há, além da cortina, uma pessoa; sente que o corpo se apóia nele e nós lhe vemos o braço envolto na cortina. Bozzano põe a cabeça, repentinamente, na abertura da cortina para olhar a cabine, e a nota vazia. Aquilo que, de um lado, parece o relevo de um corpo humano que se move coberto pela cortina, do outro é uma cavidade no pano, uma espécie de moldagem. Dir-se-ia, o homem invisível de Wells”.

Em outras sessões, porém, esses membros ectoplásmicos puderam ser perfeitamente observados por Filipe e Bottazzi (diretor do Instituto de Fisiologia de Nápoles). Conta ele em seu livro “Regione Inesplorata della Biologia” que viu sair um punho da cortina que separava a cabine dos assistentes e que uma senhora o sentiu tocar na face e na nuca. Nessa mesma sessão Galeoti viu saírem de Eusápia, do lado esquerdo, dois braços iguais – o verdadeiro estava seguro pelos pesquisadores, mas, o outro, o fantasmático, prolongou-se, regrediu e fundiu-se no corpo da médium em transe. Bottazzi conta, ainda, que “de outra feita, a mesma mão se colocou sobre o meu antebraço direito, sem fazer pressão. Nessa ocasião não só levei a mão esquerda para o lugar, como olhei, de modo que podia ver e

sentir ao mesmo tempo: e vi uma mão humana, de cor natural, e com os meus dedos senti os dedos e as costas de uma mão tépida e áspera. A mão se dissolveu – eu vi com os próprios olhos – retraindo-se como se para dentro do corpo da Sra. Paladino, descrevendo uma curva”.

Ernesto Bozzano narra que viu formar-se um braço suplementar no ombro direito para ir, prolongando-se buscar um copo cheio de água, que levou à boca de Eusápia. Enrico Morselli, que participava da experiência, disse, então, em outra sessão: “Tenho sede”. E, imediatamente, uma mão misteriosa trouxe uma garrafa de água com um copo e deu de beber a cada um dos cientistas. Lombroso observou, em plena luz, que esses ocasionais membros suplementares possuíam pouca resistência — “como gás numa bexiga”, mas chegavam a ter um metro e meio de comprimento!

É muito compreensível, pois, que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas, da Inglaterra, haja nomeado em 1909 uma comissão de três hábeis céticos para desmascarar Eusápia Paladino e, assim, salvaguardar a honorabilidade da ciência. A comissão era composta por Everard Feilding, secretário honorário da Sociedade, W. Baggaly, membro do Conselho e mestre em prestidigitação (tinha ele já por trinta e cinco anos experimentado os médiuns e, como seus dois colegas, nunca havia visto um fenômeno físico que o convencesse...) e Hereward Carrington, também ilusionista e com uma experiência de dez anos na investigação psíquica. Seguiram os três para Nápoles, mas Eusápia Paladino com seu Espírito Protetor John King lhes destruíram os sonhos materialistas. E para sempre!

RETRATO PSICOLÓGICO

Eusápia Paladino submeteu suas faculdades medianímicas ao exame dos cientistas durante vinte anos. E nunca reclamou das condições impostas, às vezes, vexatórias. Foi a médium mais pesquisada na história da Metapsíquica.

Ela costumava dizer: “Reis, rainhas e príncipes existem muitos, mas, Eusápia, é uma só”. A frase ficou célebre, mas, ao contrário do que faz supor, a médium não era orgulhosa. Conta Richet que Eusápia sempre demonstrou “afabilidade inesgotável”. Era uma mulher simples e tinha, às vezes, algo de infantil, que enternecia. Quando ficou

noventa dias na pequena ilha Roubaud, na vivenda de Richet, onde se submeteu a experimentações ectoplásmicas, deu-lhe o cientista três galinhas poedeiras, a fim de Eusápia ter a impressão de que estava em Nápoles, em sua própria casa... Ela ficou encantada e, realmente, tratou das aves com carinho

Lombroso, por sua vez, fala sobre a bondade de Eusápia: “Ela dispensava o que ganhava, aliviando a miséria dos pobres e das crianças, e tinha pelos velhos e pelos fracos uma piedade infinita, que a fazia, até, perder o sono”.

Eusápia Paladino, quando ficou dois meses realizando sessões em Turim, fez-se amiga de Paola Lombroso, autora do livro “A Vida das Crianças” e filha de César Lombroso. Assim Paola descreve Eusápia:

“O seu aspecto e a sua palavra se apresentam, absolutamente, verídicos e sinceros: ela não tem inclinação para fazer pose, nem para fingir, nem para enganar o próximo; tem a virtude ou a habilidade, bastante rara de resto, de conservar-se como a Natureza a fez: franca, sincera, instintiva.”

E mais:

“De sua beleza, ou pelo menos de uma certa feminilidade, conserva, ainda, vivos alguns traços: tem olhos belíssimos, negros, ágeis, diabólicos; e agora põe à mostra, com um quê de coqueteria, no meio dos cabelos negros, aquela sua célebre mecha branca”. (A mecha branca nasceu onde ela feriu o crânio, quando tinha menos de um ano de idade.)

“As suas mãos são bonitas, e os pés, pequenos, ela os tem sempre um pouco fora da saia, para mostrar que são calçados com botinas envernizadas, bem ajustadas...”

Eusápia Paladino não suportava a presença de jornalistas. Dizia, e com razão, que a maioria deles mentia. Quando César Lombroso convidou-a pela primeira vez para almoçar, respondeu com a habitual sinceridade:

“Bem, aceito, mas não como uma feiticeira, e sim como uma hóspede para conhecer a vossa família; e não quero, ao meu redor, nem repórteres, nem jornalistas, nem fotógrafos”.

E, de outra feita, disse a Paola:

“A minha história é longa, e nela há muito de incrível. Apraz-me contá-la, se bem que haja muitos que pretendem conhecê-la, os

jornalistas, compreende? Nada sabendo dela, desenrolam sobre a minha vida uma porção de mentiras”.⁽¹⁾

Eusápia Paladino só deixou as experimentações científicas com a exaustão de suas forças medianímicas — e não saiu mais de Nápoles. Sobre sua mediunidade existe uma vastíssima bibliografia científica mundial, trazendo a assinatura de eminentes homens de ciência, mas a notável napolitana jamais leu o que se escrevia a seu respeito — era analfabeta.

Eusápia Paladino (seu nome devia ser escrito com letras de ouro) desencarnou a 16 de maio de 1918 com a idade de sessenta e quatro anos.

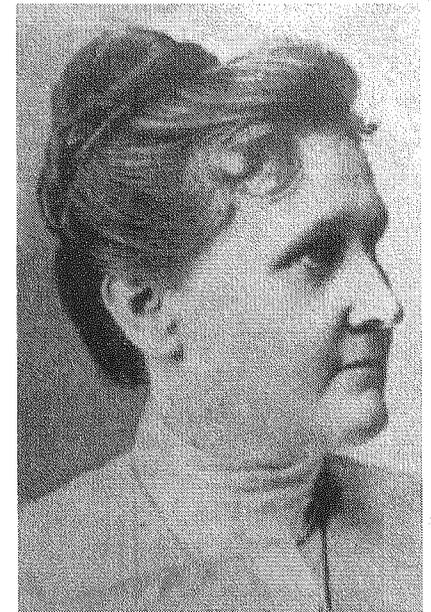
(1) Vide “Leitura”, mês de maio de 1907 e “O Reformador” de novembro de 1960.

6

A MÉDIUM SRA. PIPER

As faculdades mediúnicas de Leonor Piper parecem haver desabrochado logo após um acidente de trem em 1884 que lhe ocasionou um ferimento na cabeça. Mas sua saúde se mostrou excelente durante os noventa e poucos anos em que viveu, dos quais dedicou quarenta à mediunidade, servindo como material de pesquisa aos cientistas.

Quem descobriu os incríveis poderes psíquicos da Sra. Piper foi I. R. Croke, um vidente norte-americano também residente em Boston. Ela o havia visitado e, inesperadamente, entrou em transe caracterizado por convulsões seguidas de estupor e estertores. Em estado de inconsciência total ela revelou-se telepata, clarividente, capaz de fazer diagnósticos médicos rigorosamente corretos, além de psicografar com ambas as mãos a um só tempo e falar em diversos idiomas que desconhecia em estado normal. O primeiro homem de ciência a examiná-la foi o célebre psicólogo e filósofo



Sra. Piper, nome glorioso na história mundial da mediunidade.

William James, professor da Universidade de Harvard. Parentas suas haviam assistido a uma sessão com a Sra. Piper e estavam admiradas da revelação de fatos íntimos que a médium lhes fizera. Até amigos mortos se haviam manifestado e dado provas de identidade. William James, sorrindo, explicou-lhes que a médium, fatalmente, buscava informações em cemitérios e livros de endereço — e decidiu provar isso. Mas, logo na primeira experiência com a Sra. Piper o filósofo ficou perplexo...

O DEPOIMENTO DE WILLIAM JAMES

Ao lhe surgir a mediunidade ostensiva a Sra. Piper já era casada e tinha uma filha. Representava o tipo clássico da mãe norte-americana do século dezenove — suave e sem preocupações culturais. Doze sessões fez William James no outono de 1885 com a Sra. Piper. No relatório que enviou à “Society for Psychical Research” (SPR) conta ele que fora, incógnito, em companhia de sua esposa conhecer a médium; no entanto, assim que esta mergulhou em transe sonambúlico a identidade sua fora revelada pelo Dr. Jean Phinuit Sciville — um Espírito que dizia haver sido médico francês na última encarnação e que servia de intermediário entre os vivos e os mortos nos trabalhos mediúnicos da Sra. Piper. William James, para ter certeza de que não havia farsa, com o consentimento de Phinuit fez uma pequena incisão no pulso esquerdo da médium — mas o transe era autêntico. A Sra. Piper não sentiu dor. Outros fatos também levaram o filósofo à perplexidade. Narra ele que a sua sogra havia perdido o talão de cheques ao regressar da Europa e que Phinuit a socorreu, indicando-lhe o exato lugar onde se encontrava. Em outra sessão, Phinuit revelou, de súbito, que a tia da Sra. James (a tia Kate) iria morrer dentro de horas. Ao chegar em casa (escreveu William James) encontramos um telegrama que continha a seguinte notícia: Tia Kate faleceu alguns minutos depois da meia-noite. Mas, Phinuit acrescentara à esposa do filósofo que receberia ela dentro de dias uma carta de despedida de sua tia Kate, o que também se verificou. E ainda mais: o conteúdo da carta, de caráter íntimo, também fora previsto. No início de uma outra sessão Phinuit, aborrecido, disse a William James: “O senhor acaba de matar com éter um gato. Ele tinha o pêlo cinzento e branco. O infeliz animal andou à volta longo tempo antes

de morrer”. A observação era correta.

Um ano depois, em 1886, escreveria William James que “os fenômenos de transe, dos quais tenho falado, destruíram em meu espírito as fronteiras da ordem natural admitida. Eu desejava que a ciência lhes desse um lugar definitivo. Dessa maneira, satisfaria uma das minhas mais urgentes necessidades intelectuais. A ciência, como a vida, nutre-se das suas próprias ruínas. Os fatos novos quebram as velhas regras e as concepções recentemente consagradas vêm reconciliar, então, numa mesma lei, as teorias passadas com as presentes”.

HODGSON, TÉCNICO EM DESMASCARAMENTO

O relatório que William James enviara sobre a Sra. Piper à “Society for Psychical Research”, de Londres, fora muito discutido; não devido à fenomenologia apresentada pela médium, mas porque o filósofo, fatalmente, fora ludibriado... Embora pareça estranho, o Conselho da SPR era constituído, nesse tempo, quase que totalmente por homens que não admitiam a realidade dos fenômenos. Essa é, pelo menos, a opinião de Oliver Lodge e Conan Doyle (o precursor da polícia científica), ambos da SPR... Era, pois, necessário desmascarar a Sra. Piper e, para isso, o Conselho da Sociedade londrina enviou a Boston o Dr. Richard Hodgson — o mais temível inimigo dos médiuns. Basta recordar que ele impugnara os fenômenos de ectoplasma produzidos por Eusábia Paladino, em Cambridge, o que levou Charles Richet (Prêmio Nobel) a chamá-lo de leviano. Era um autêntico Saulo a perseguir os cristãos, no dizer de E. Dawson Rogers, presidente da London Spiritualist Alliance. Richard Hodgson, australiano, era formado pela Universidade de Cambridge e conhecia todos os truques empregados pelos mágicos profissionais; desmascarou alguns que se diziam médiuns e, na Índia, a serviço da SPR, pôs em dúvida a sessão a que assistira tendo a baronesa Blavatsky como médium...

Ao chegar a Boston procurou William James e pediu que o apresentasse como “Mr. Smith” à Sra. Piper. Esse pedido era uma prova evidente de que não acreditava, sequer, no fenômeno telepático... Para ele, a farsa começaria, pois, com o transe. E estando a médium já em fase sonambúlica colocou-lhe, de súbito, sob as narinas um frasco aberto contendo amoníaco... Mas a cabeça da Sra.

Piper não teve a menor reação. E, em seguida, manifestou-se Phinuit com sua voz potente, chamando-o pelo nome verdadeiro. E falou-lhe da mãe, de um seu primo de nome Fred com quem Hodgson havia estudado em um colégio na Austrália, do pai e do irmão mais jovem, ambos mortos... Richard Hodgson, porém, ao invés de admirar-se pensou: “Essa mulher é mais esperta do que eu julgava!”. E contratou detetives para vigiá-la. Mas a fonte de informações precisas da Sra. Piper continuou um mistério para ele...

DOIS CASOS DE ALOSCOPIA COM DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO

Aloscopia é a faculdade mediúnica que permite a certos médiuns verem, subjetivamente, os órgãos internos. A Sra. Piper, porém, não somente os via como era capaz de dizer qual deles estava enfermo. E ainda mais – sem a presença do doente, que poderia estar à longa distância e ser desconhecido da sensitiva. Só a tese espírita pode explicar tamanho complexo fenomênico. Richard Hodgson presenciou uma quantidade enorme de casos de aloscopia com diagnóstico e prognóstico à longa distância verificados com a Sra. Piper durante os doze anos em que a experimentou. Esses casos fazem parte dos “Proceedings of the S.P.R.”. Os que abaixo oferecemos aos leitores foram extraídos por nós dos “Annales des Sciences Psychiques”, de 1906; trata-se de uma publicação francesa dirigida por X. Dariex e Charles Richet e de cuja comissão de redação faziam parte, inclusive, César Lombroso, Flammarion e William Crookes, gênios da ciência.

1º caso) Uma profecia (narra Richard Hodgson) foi feita, a da morte de um de meus irmãos, o qual nunca assistiu uma sessão. Ele sofria de asma crônica. Na sessão de 10 de maio de 1892 Phinuit disse que seus rins estavam atingidos e que ele morreria dentro de seis meses ou um ano, e, em resposta a um nosso pedido, acrescentou: “Ele dormirá, e quando acordar se encontrará no mundo dos Espíritos; seu coração descansará”. A 22 de maio a data da morte foi fixada para “seis meses ou um pouco antes ou um pouco mais”. Ora, com efeito ele veio a morrer durante o sono pela parada do coração no dia 3 de setembro.

2º caso) Na primavera do ano de 1888, uma pessoa de nosso conhecimento, M. S., sofria de uma doença muito dolorosa. Não havia nenhuma probabilidade de cura; tinha-se, porém, esperança de que suas torturas diminuíssem. Uma consulta aos médicos havia diagnosticado a continuação de seus sofrimentos durante muitos anos ainda e com probabilidade de decadência mental. A filha de M. S., presa de inquietação, estava a ponto de cair doente por seu turno. Eu perguntei, então, a Phinuit: “Como deverei fazer para ajudá-la a encontrar um pouco de repouso?” Ele me respondeu: “Ela não abandonará a cabeceira de seu pai; mas os sofrimentos não durarão por muito tempo. Os médicos se enganaram. Ele dentro em pouco sofrerá uma mudança; morrerá antes que termine o verão”. Com efeito, M. S. faleceu no mês de junho do ano de 1888.

Anotemos, ainda, que César Lombroso em seu livro “Hipnotismo e Espiritismo”, à página 282, informa que a sra. Piper em transe falou o havaiano, que ela desconhecia.

UM COMPLEXO DE FUNÇÃO MEDIÚNICA

Eis agora um caso relatado por Gertrude Savage e testemunhado por Hodgson e que demonstra, parcialmente, que as informações captadas pela mediunidade da Sra. Piper não se encontravam no inconsciente dos pesquisadores. Notemos que em um só caso estão incluídos diagnóstico, precognição, retrocognição e clarividência; um complexo medianímico que faz parte dos “Proceedings”, da SPR, vol. VIII e que foi, também, publicado pelos “Annales des Sciences Psychiques”, ano de 1906, págs. 545-546:

“Eu marquei uma sessão com a Sra. Piper (conta-nos Gertrude Savage) apresentando-me sob um nome falso (o de Marguerite Brown) e lhe dei como endereço o dos meus amigos, Avenida Walnut... Antes de entrar na cabine negra, eu peguei três envelopes lacrados, cada um contendo um maço de cabelos e os coloquei num livro; um, no começo do livro, outro no meio do livro e o terceiro no fim. Eu sabia que aquele do meio pertencia à minha mãe: era uma mecha que eu lhe havia tirado de surpresa, porque ela não me daria jamais seu consentimento. Ao que concerne aos outros, *eu ignorava tudo*. Eles me haviam sido enviados em envelopes lacrados, por um amigo, e eu me havia proposto a nada procurar saber, a fim de tornar

a prova mais convincente. Vieram da parte daquele mesmo amigo (M. Fred Day) que eu havia encontrado em casa da Sra. Piper... Depositei em suas mãos o maço de cabelo que eu havia posto no começo do livro e sobre o qual nada eu sabia. Imediatamente, Phinuit exclamou:

— “Fred! Oh! Sim, Fred! Um jovem muito magro; ele usa óculos, tem pouca barba. É vosso grande amigo. Eu nunca tive cabelos deste Fred, contudo sua *influência* não me é nova.”

“(Eu vim em seguida a saber que o Sr. Day havia anteriormente assistido sessões com a Sra. Piper e Hodgson.)”

— “Imogène... Quem é Imogène?”

— “Eu não sei, respondi-lhe.”

— “Sim, Imogène, uma jovem senhora, amiga de Fred... influência muito forte. Quem é?”

— “Eu não sei nada, repliquei; ele nunca me disse que tinha uma amiga com esse nome. Creio mesmo que ele nem a tenha.”

— “Sim, ele a tem: não me contradiga! Este Fred é filho único; a mãe tem ótima disposição. É uma bela senhora, porém não permanecerá por muito tempo neste mundo. Este senhor Fred partirá para uma longa viagem através do oceano dentro de um ou dois anos. Ele já fez duas grandes viagens; uma sobre o mar e outra sobre a terra. Não é verdade? É possível?”

— “Eu não tenho certeza, respondi.”

— “Não importa, ele as fez; pergunte-lhe. Eu sei o que digo. É-me permitido ler no futuro e expus os fatos. Você poderá se assegurar se são exatos.”

“Eu peguei, então, no fim do livro o outro maço de cabelos que me eram desconhecidos e lhe dei. Logo em seguida, exclamou:

— “Uff! Dentro deste aqui há uma doença. Eu me sinto mal! Eu nada posso dizer porque as influências estão misturadas. Muitas pessoas o tocaram; ele não foi cortado perto da testa, de sorte que o magnetismo do corpo pudesse penetrá-lo. Eu nada posso lhe dizer.”

(Ora, eu soube de maneira certa que os cabelos pertenceram a uma tia do Sr. Day; uma certa Sra. Marie, a qual havia morrido no mesmo ano em que os cabelos foram efetivamente passados pelas mãos de diversas pessoas e que os haviam cortado na ponta.)

Eu peguei por último, no meio do livro, o maço de cabelos pertencentes à minha mãe e lhe entreguei.

— “Ela, ela (exclamou Phinuit) me parece muito avara de seus cabelos. Ela tem um doce temperamento, mas não goza de boa saúde. Seus males estão na cabeça; ela sofre de terríveis dores de cabeça. Possui uma fraqueza nervosa no estômago; seu fígado funciona mal. Diga-lhe que fui médico e a aconselho a submeter-se a um regime de duchas quentes: lembre-se. Ao que me parece ela é sua parenta. Espere; é sua mãe... eu creio. Sim, sim, é sua mãe e ela tem uma, duas, três, quatro crianças — dois meninos e duas meninas... Quanto a você, eu não posso perceber seu nome. Eu não sei; eu não terei bom êxito em separar sua influência das outras: Fred, ela, todos. Se você voltar uma outra vez, sem carregar os maços de cabelos dos outros, verei o que poderei, então, fazer...”

“Tudo o que ela me disse durante seu estado de transe foi exato, quanto aos fatos; agora só resta verificar as profecias. Esta ‘Imogène’ sobre a qual insistiu tanto foi imediatamente identificada pelo Sr. Day na pessoa de Imogène Gurney, que ele conhecera há muito tempo e da qual havia esquecido o nome. O maço tinha sido cortado de seus cabelos e todas as coisas que haviam sido ditas eram exatas.”

A SRA. PIPER E OS SÁBIOS INGLESES

A estrutura cultural materialista de Richard Hodgson, o caçador de fraudes (“fraud hunter” como era chamado entre os metapsiquistas) começava a ficar abalada. Seria a Sra. Piper, realmente, dotada de faculdades mediúnicas? Seria uma realidade o mundo espiritual? E formulou um plano capaz de eliminar a possibilidade de fraude — convencer a Sra. Piper a submeter-se a experimentações na Inglaterra, onde não tinha conhecidos nem parentes. Ao contrário do que ele supunha, a médium concordou. “Para provar que sou honesta preciso ir a Inglaterra”, depois diria ela, desapontada, aos amigos.

A Sra. Piper com suas duas filhas pequenas embarcou em Boston no dia 9 de novembro de 1889 no navio “Scytia” e desembarcou em Liverpool, sendo levada em seguida para a residência de F. W. H. Myers (um dos fundadores da SPR) em Cambridge.

“Estou convencido (escreveu ele depois) que a Sra. Piper ao chegar a Inglaterra não conhecia o nosso país nem os seus habitantes. A criada que devia servi-la fora escolhida por mim. Era rapariga boçal, porém muito fiel e eu tinha todos os motivos para julgar de sua honestidade. E para maior segurança tive o cuidado de não revelar, de antemão, os nomes das pessoas que eu convidaria. Os assistentes, pois, foram escolhidos por mim, sendo que muitos deles não residiam em Cambridge, e quando não os apresentava com falsos nomes, eram introduzidos depois de iniciado o transe.”

Charles Richet, que por seus trabalhos sobre fisiologia obteve o Prêmio Nobel, assim descreve a passagem da Sra. Piper do estado normal para o transe inconsciente:

“Ela precisa para entrar em transe de segurar a mão de alguém. Então, aperta-a durante alguns minutos, ficando silenciosa. Ao fim de cinco ou quinze minutos é tomada de pequenas convulsões espasmódicas, que se vão acentuando, terminando por pequena crise epileptiforme, muito moderada. Ao sair dessa crise cai em estado de estupor, com respiração um tanto estertorosa, que dura cerca de dois minutos; depois, de repente, sai desse entorpecimento com um clamor. A sua voz mudou; já não é mais a Sra. Piper quem está presente, mas outro personagem, o Dr. Phinuit, que fala com voz grave com acentuação em que há uma mistura de língua de negro, de francês e de dialeto americano!”

E Richet nos dá estes exemplos dos poderes da Sra. Piper em transe:

“O professor Gonner foi trazido à sessão por Lodge sob um nome suposto. Então, a Sra. Piper falou de seu tio William, morto de um ferimento na cabeça. De fato, o professor Gonner havia tido um tio William, morto num motim eleitoral, há muito tempo, antes do nascimento do Sr. Gonner. Uma pedra atingira-o na cabeça.”

“O pai de minha mulher, diz Lodge, morreu quando ela estava, apenas, com quinze dias; a morte fora dramática e emocionante. Phinuit fez a narração das circunstâncias de uma maneira impressionante.”

“Um médico de Liverpool foi apresentado sob o nome de ‘Dr. Jones’. Sir Oliver Lodge e esposa pouco o conheciam. A Sra. Piper falou-lhe de uma das suas filhas chamada Daisy; que ela era encantadora, mas doente (Daisy é surda e encantadora). ‘Junto dela está

uma mulher que se chama Kate, que vós chamais Kitt. Kate é a ama das crianças do doutor’.”

“Um estenógrafo compareceu a uma sessão para registrar o que diria a Sra. Piper. Phinuit o chamou à parte e disse que ele tinha um primo chamado Charley: ‘Seis filhos em vossa família (quatro rapazes e duas meninas); Minnie é vossa irmã; vós o chamais Ed...’ Todos esses detalhes estavam exatos.”

Nessa primeira estadia na Inglaterra a Sra. Piper realizou em dois meses oitenta e oito sessões (!) durante as quais revelou, com minúcias, centenas de fatos verificados com os cientistas e seus convidados; quarenta e um desses fatos só eram conhecidos de parentes longínquos dos participantes e foram, posteriormente, confirmados, diz Oliver Lodge, membro da Academia Real de Londres, reitor da Universidade de Birmingham e presidente da Associação Britânica de Cientistas. Tanto Oliver Lodge como Myers, após exaustivas experimentações com a Sra. Piper terminaram por admitir sem reservas a sobrevivência.

A SOBREVIVÊNCIA DE GEORGE PELHAM

O teor das comunicações mediúnicas da Sra. Piper sofreu profunda alteração assim que regressou a Boston. Até março de 1892 o Espírito Phinuit exercera o controle de sua mediunidade; já dissemos que era ele quem servia de intermediário entre os vivos e os mortos, raras vezes autorizando que outras inteligências extrafísicas se manifestassem diretamente. A partir dessa data, porém, passou a Sra. Piper a servir de instrumento, também, para o Espírito George Pelham, ganhando as sessões um interesse cada vez maior, já que a telepatia e a clarividência (conjugadas ou não) eram suficientes para explicar determinados fenômenos.

George Pelham, natural de Boston, morrera devido a uma queda de cavalo, com a idade de trinta e dois anos; era autor de duas obras filosóficas e descendia de tradicional família dos Estados Unidos, da qual fazia parte Benjamim Franklin. Assistira em vida a uma sessão, apenas, com a Sra. Piper, mas se mostrara cético quanto à imortalidade. Então, quatro anos antes de desencarnar, dissera a Hodgson:

“Se eu morrer antes de você e se me achar ainda no gozo da existência, farei tamanhos esforços para revelá-la que a coisa há de fazer barulho.”

A promessa iria ser cumprida. George Pelham morreu em 17 de fevereiro de 1892 e em 12 de março (vinte e três dias após seu desenlace) deu a primeira mensagem escrita através da Sra. Piper *ao mesmo tempo em que Phinuit conversava com os parentes, usando a voz da médium*. E, assim, Pelham destruiu a telepatia como explicação definitiva dos fenômenos.

Na primeira mensagem George Pelham referiu-se ao momento de sua morte:

“Tudo escurecia para mim; depois, voltou-me a consciência, porém, crepuscular, como quando alguém acorda antes da aurora. Ao perceber que não estava completamente morto, tive grande alegria.”

E pediu que na próxima sessão trouxessem sua madastra e seu pai — e os amigos, frisou. Cético, o pai atendeu ao convite, mas pediu que ao entrar na sala o apresentassem com falso nome à médium. Nada lhe valeu a farsa. Pelham pegou lápis e papel e escreveu, rapidamente:

“Olá, meu pai e minha mãe! Eu sou George!”

E o velho Pelham teve todas as provas que poderia desejar.

Em outra sessão George Pelham escreveu:

“Digam a Jim (referia-se ao professor James Howard, com quem mantivera, em vida, longas discussões filosóficas) que desejo vê-lo; há de custar-lhe crer em mim, crer que estou vivo. Quero, porém, que esse meu caro amigo certifique-se da minha imortalidade.”

Howard veio em companhia de William James, mas quem teve uma forte comoção foi George Pelham e não respondeu às perguntas do amigo. Na noite seguinte Howard propôs:

“George, diga-me alguma coisa de que nós dois sejamos os únicos a conhecer. Peço-lhe isso, porque há várias perguntas que você não pôde responder. Passamos juntos muitos verões e muitos invernos, falamos em muita coisa, tínhamos idênticas maneiras de pensar sobre muitos assuntos e compartilhamos de muitos conhecimentos. Recorda-me, então, de algo...”

Imediatamente a mão da Sra. Piper começou a movimentar-se com grande rapidez e os fatos mais íntimos foram escritos; mas, tão

íntimos, que Howard não permitiu que fossem divulgados. Em seguida, Pelham escreveu a seguinte frase: “Agora, assunto pessoal para William James”. Todos se retiraram da sala. Ao regressarem minutos depois encontraram William James com lágrimas nos olhos — mas o célebre filósofo pragmático jamais contou o que se passara... Apenas disse: “Acabo de obter tudo o que desejava como provas!”.

O regresso de George Pelham agitara a sociedade cultural de Boston; e, numa só sessão em que compareceram cento e cinquenta pessoas, reconheceu ele, nessa pequena multidão, as trinta que foram suas amigas, chamando-as pelo nome e citando para cada uma fatos pessoais. Ele não se confundiu uma vez, sequer. À Sra. Helen Vance, por exemplo, que freqüentava uma sociedade da arte de escrever, perguntou: “Quem faz agora a revisão de seus escritos, já que não sou eu?”. Para a filha de Howard disse logo que a viu: “Catarina, como vão as aulas de violino?”. E antes da resposta, acrescentou: “É horrível, é horrível ouvi-la tocar!”. Para Evelina perguntou de um livro que lhe oferecera com dedicatória especial. O professor W. R. Newbold, da Universidade de Filadélfia, apresenta-lhe um texto grego e Pelham traduz. Quando John Hart lhe mostrou os botões do punho da camisa, perguntando quem os havia dado, respondeu, imediatamente: “Minha mãe tirou-os de mim após a minha morte e deu-os ao meu pai, que os passou a você; lego-lhes, agora, de fato. São seus”. E para Richard Hodgson, que era cientista, deu uma resposta que ficou célebre:

“Não acreditava eu na sobrevivência da alma. Esta crença estava fora daquilo que a minha inteligência podia conceber. Hoje pergunto a mim mesmo como me foi possível dela duvidar. Temos um duplo etérico do corpo físico, que persiste, sem qualquer alteração, depois da dissolução do corpo.”

HODGSON EM OUTRA DIMENSÃO E O PROFESSOR J.H. HYSLOP

Ao regressar da segunda viagem à Inglaterra a Sra. Piper passou a ser estudada por James Harvey Hyslop, professor de Ética e

Lógica da Universidade de Columbia. Pesquisador psíquico de renome internacional, fazia parte da “American Society for Psychical Research”. Fez dezesseis sessões com a Sra. Piper, cujas atas formam um volume de 650 páginas compactas. Era um homem desconfiadíssimo. Chegava à casa da Sra. Piper em uma carruagem com as cortinas fechadas, descia mascarado e, pé ante pé, entrava no recinto das sessões e acomodava-se atrás da médium já em transe profundo. Os Espíritos, porém, o desmascararam... e Hyslop pôde, então, com profunda emoção, conversar com seu pai, irmão e tios desencarnados. Ao Espírito de seu pai formulou 205 perguntas; teve 152 respostas corretíssimas, 16 incompletas e 37 que não puderam ser comprovadas porque tratavam de fatos *anteriores ao nascimento de Hyslop*.

“Não existe outra explicação racional dos fatos (escreveu ele em ‘Contacts with other World’) senão a hipótese da sobrevivência da alma; as provas cumulativas que convergem em seu favor são por tal forma peremptórias que não trepido em declará-las em tudo equivalente, senão mesmo superiores àquelas que confirmam a teoria da evolução.”

Quanto ao temível Richard Hodgson, que julgava poder desmascarar a Sra. Piper logo na primeira visita, fez com ela mais de quinhentas sessões que exigiram doze anos! No dia 20 de dezembro de 1905 ele desencarnou em Boston, subitamente, praticando esportes. Tinha cinqüenta anos de idade e já aceitava a sobrevivência, que julgava provada cientificamente. Revistas e jornais, então, noticiaram que ele havia prometido ao professor Hyslop, meses antes de morrer, que se manifestaria através da Sra. Piper e que não deixaria dúvida sobre sua identidade. Hyslop desmentiu a promessa pelo Evening-Post, de Nova Iorque. Mas a promessa se cumpriu e o Espírito do cientista foi examinado pelo seu colega, o professor Hyslop, que o reconheceu.

BALANÇO E MORTE

A Sra. Piper fez uso de seus dons mediúnicos durante quarenta anos. A partir de 1924 nunca mais entrou em transe. Estava velhinha. Os homens de ciência, que a estudaram, gastaram mais de mil

páginas sobre sua pessoa. Nas milhares de sessões que proporcionou, sem jamais reclamar de qualquer exigência, nos Estados Unidos e Inglaterra (frisemos), jamais alguém levantou suspeita de fraude. Por isso mesmo, os cientistas da SPR ofereceram-lhe uma pequena pensão, a fim de que pudesse sustentar-se após a morte de seu esposo (humilde empregado no comércio) em 1904.

A Sra. Piper nasceu em 1875 em Boston e morreu aos noventa e um anos de idade nessa mesma cidade. Mas seu nome jamais será esquecido pelo fato de que está escrito com letras luminosas na história mundial das pesquisas psíquicas.

7

O MÉDIUM FERNANDO DE LACERDA

Em 1932 Francisco Cândido Xavier lançou “Parnaso de Além-Túmulo”, livro que marcou de modo retumbante sua estréia na literatura mediúnica. Vinte e quatro anos antes, porém, um sub-inspetor da Polícia Civil de Lisboa já havia captado quase mil páginas dos maiores mestres desencarnados da literatura universal. Fernando de Lacerda foi o primeiro grande psicógrafo da língua portuguesa.

Fernando de Lacerda descobriu que possuía dons mediúnicos aos trinta e quatro anos de idade. E de uma forma insólita, embora já trabalhasse na Polícia... Um Espírito, inimigo seu, dirigiu-lhe mensagens psicográficas violentas, usando termos de baixo calão...Essas mensagens escritas pela mão do próprio Fernando de Lacerda traziam a letra e a assinatura do Espírito, a fim de que o médium incipiente não tivesse dúvidas de quem se tratava... Só depois de afastada a entidade do baixo astral (o que, aliás, levou muito tempo) é que os grandes vultos da literatura (e da política) se manifestaram pela sua psicografia. O próprio Fernando de Lacerda nos conta como o fato se deu em entrevista concedida à revista “Ilustração Portuguesa” (vide a edição de sete de setembro de 1908):

—“Uma vez, na rua, vindo para minha casa, ouvi uma voz que me dizia bem distintamente: ‘Diga ao Silva Pinto...’ e uma frase qualquer de que já não me lembro. Confesso que fiquei surpreso — e quem não ficaria? Mas esqueci-me do episódio. Dias depois, a mesma voz, mais imperiosa: ‘Diga ao Silva Pinto...’ Atentei mais, recolhi-me e resolvi *escutar*. Os meus múltiplos afazeres fizeram com que, de novo, eu esquecesse a misteriosa frase. Uma noite, acabava de

me deitar, e a voz: ‘Levanta-te, vai para a tua secretária e escreve o que eu te ditar’.”

O sub-inspetor ergueu-se da cama, foi à escrivaninha e, acreditando que iria anotar uma simples frase, pegou caneta e papel e psicografou até de madrugada. A mensagem fora escrita com uma letra que não era a sua e trazia a assinatura de um célebre escritor. Tratava-se de uma longa carta do suicida Camilo Castelo Branco dirigida ao seu amigo escritor e polemista Antônio José da Silva Pinto, vigoroso autor de sessenta obras literárias e que ocupava, então, o cargo de diretor da Casa da Correção destinada a recuperar delinquentes juvenis. Silva Pinto, por essa época, acarinhava a idéia de suicidar-se... Depois da mensagem de Camilo Castelo Branco vieram páginas exemplares de Eça de Queiroz, João de Deus, Antero de Quental, Júlio Diniz, Alexandre Herculano, Basílio da Gama, Almeida Garret, Padre Antônio Vieira, Oliveira Martins, Latino Coelho, Michelet, Tolstoi, Zola etc. Cada qual com seu estilo e sua letra, é bom acrescentar. Destaquemos, ainda, que perante o jornalista de “Ilustração Portuguesa” psicografou Fernando de Lacerda várias mensagens de autores célebres *ao mesmo tempo em que conversava sobre assuntos variados*. E, vendo o espanto nos olhos do jornalista, Lacerda explicou: “Enquanto estou em *comunicação* não penso nem vejo nada do que escrevo. O meu cérebro é como um pedaço de vidro: passa através dele a luz que vem do outro mundo sem deixar vestígios”. Fernando de Lacerda tinha, também, o fenômeno da “psicografia especular” (mensagem escrita às avessas, cuja leitura só é possível com o uso de um espelho), além de clariaudiência, vidência e mediunidade de cura.

A IMPRESSIONANTE CARTA DE CAMILO CASTELO BRANCO

Fernando de Lacerda psicografou a carta de Camilo na noite de 28 de outubro de 1906. Faz ela parte do primeiro volume de “No País da Luz”, editado em 1908. O estilo, logo nas primeiras frases, põe diante dos leitores a figura inconfundível de Camilo Castelo Branco, que Silva Pinto tão bem conheceu em vida. Silva Pinto, como se sabe, deixou-se influenciar pelas idéias negativas de Camilo, e a carta visava impedir-lhe o suicídio... O texto é o que se segue:



Fernando de Lacerda, então sub-inspetor da Polícia Civil de Lisboa.

mundo de lama e pus levei!

“Com a minha passagem consegui a certeza da torturante expectativa que dominou toda a minha existência aí: — haveria Deus? existiria a alma? Sofri ou continuei a sofrer tanto e tão intensa, tão condensadamente, que, conquanto não pudesse duvidar da persistência da vida, cheguei a descreer da existência de Deus.

“Fatos que não é oportuno narrar agora trouxeram-me a consoladora certeza de que Ele existia, e de que não desconhecía a minha torturada existência daí e daqui; e então, meu velho, meu querido amigo, alma gêmea da minha na amargura, tive a certeza de que a vida na Terra seria a antecâmara da felicidade se soubéssemos aproveitá-la.

“Assim, como a fazemos, é coisa tão desprezível que não merece o nosso desprezo.

“Tu tens levado todo o teu tempo a protestar e a maldizer...

“Pobre mártir, pobre vítima da Dor, que não tens conseguido

“A tua amizade, a tua saudade, a tua lembrança são elos que ainda me prendem ao mundo. São dos poucos que me recordam raros momentos de felicidade na Terra, se na Terra há coisa que se possa chamar felicidade.

“A minha vida depois da morte (que estranha heresia te parecerá isto!) tem sido a coroação da vida de sofrimento e de martírio que nesse

mais que queimar a tua própria alma e despertar o riso daqueles que te não compreendem!

“Meu amigo, meu irmão, meu doce e carinhoso irmão: a experiência que tens, estranhamente exagerada, das coisas que te cercam, deve servir só para te desprenderes delas.

“Deves librar teu espírito ao alto; e quando o fizeres verás que tudo que te afadiga e tortura é tão mesquinho, tão insignificante, que não merece por ele vibre a mais grosseira fibra de teu coração!

“Águia de talento, espírito de eleição, eleva-te acima do charco em que a fatalidade ou a lei fatal do progresso humano te colocou passageiramente na Terra, e terás assombro de ti próprio por teres chegado a indignar-te com as coisas necessárias que não compreendes!

“Por amor de mim consegue libertar-te das idéias grosseiras que a vida da matéria te pôde incutir no cérebro privilegiado, e deixa que a santa filosofia dos teus cabelos brancos possa ver sem azedume, sem rancor, as misérias dos teus irmãos, e antegozarás a maravilha esplendorosa da criação! Lembra-te que os melhores lameiros são os que dão mais pão; que os terrenos mais adubados com a podridão são os que dão mais iriadas e odoríferas flores e os mais deliciosos frutos.

“Pensa! Reflete! Experimenta! Pega em uma planta e dispõe-na em um vaso de terra limpa, lavada, odorífera, e essa planta, se chegar a lançar raízes, estiolará e em breve morrerá. Dispõe planta igual em vaso de terra apodrecida, engordurada com o excremento mais imundo e ela vegetará luxuriamente, elevará os seus ramos para o céu na manifestação de uma vida feliz e desentranhar-se-á em flores de beleza rara, de aveludado inigualável, e de viço pujante.

“Que grande lição te dá Deus na vida dessas duas plantas! Medita! Deixa que a luz do teu talento ilumine a tua razão!

“Porque hás de passar o resto dos teus dias, aí, na calcinante agrura de querer emendar o que está otimamente feito?

“Pois se o homem pode modificar a planta selvagem pela cultura; se a base da cultura é a adubação da planta, e a matéria do adubo é a podridão; como queres impedir que Deus se sirva de processo semelhante para aquilatar o mérito da mais complicada obra de toda a criação e para cultivar a mais perfeita e estranha planta de todas que fabricou?

“O meu mal foi não ter tido nunca a felicidade de ver a vida por este prisma!

“Quando a vi assim... era tarde; e então o sofrimento intraduzível pelo tempo perdido e pelo mal feito; e então o pavor de uma vida que nem nos teus momentos mais esmagantes terás podido sonhar!

“A resignação em uns é o desprezo pelos outros; em outro é a piedade pelas faltas alheias. Tu não és um resignado. Nunca o foste. Tens piedade, mas a piedade ainda te não levou à resignação! Sê benévolo, sê piedoso, e terás atingido aí uma culminância que te permitirá na hora extrema da passagem desferir um vôo para a felicidade.

“Sabes que os grandes pássaros, os condores por exemplo, precisam subir a eminências para poderem voar largo.

“Tú és um condor de bondade e de talento.

“Não fiques, não persistas na planície lamacenta da vida mesquinha e material, porque, meu querido, meu queridíssimo amigo dileto, na hora da despedida, colhido de surpresa pela rajada da morte que o Criador mandar para te fazer mudar de pouso, não terás tempo de formar vôo para te alçares ao espaço largo e luminoso; e ficarás, como eu, por sabe Deus quanto tempo, no convívio das corujas e das gralhas. A eminência a que tens que elevar-te é a bondade purificada pelo sofrimento, que a linguagem humana classifica de resignação. Educa o teu espírito de revolta. Se for necessário, a tua razão que o iluda, transigindo, convencendo-o de que é por desprezo que abandonará o rancor, a fermentação do ódio, que só conduz ao desespero.

“Procura convencê-lo de que é tudo tão mau que não merece a consideração da revolta de um justo e um bom como és; e, insensivelmente, sem dares por isso, terás adquirido a incompatível felicidade de conhecer que os maus não são tão maus como supões; que são mais desgraçados do que maus, e mais dignos de lástima que de rancor; que o mal é um bem necessário; que a justiça divina escrevendo direito por linhas tortas, como aos nossos olhos se afigura, é de uma grandeza e de uma impecabilidade incomensuráveis, e de que a piedade e o perdão são as únicas coisas que aproximam o homem da Divinidade!

“Pois se basta que o homem ponha lunetas pretas para ver tudo negro; amarelas para ver tudo dourado; rosadas para ver tudo

cor-de-rosa; por que é que a vida não há de mostrar só a faceta que cada um dela quer ver?

“Queiras ver a faceta boa e vela-ás. Por mais que faças não verás outra, por pior que seja aquilo sobre que fixares a tua vista e a tua análise.

“Se quiseses ver pela faceta má, tudo verás mau por mais santo, por mais belo, por mais grandioso que seja.

“Eu passei a minha vida terrena a ver tudo pelos óculos pretos; e tão preto vi, que Deus me deu aí a escuridão da cegueira. E, meu santo amigo, essa escuridão acompanhou-me horrorosamente aqui, e poucas são as nesgas de luz que conseguem vir quebrá-la ainda!

“Medita, pois. Experimenta.

“Acerca-te de um ramo de lírios brancos, alvos como a neve, puros como a pureza e a bondade de Deus, olha-os através de um vidro fumado, e vê-lo-ás negros, sujos, repelentes; aproxima-te de um monte de impurezas, de um cadáver putrefato, esverdeado, caindo a pedaços pela decomposição, coisa horrenda de pensar quanto mais de ver; olha-o por vidros alaranjados e verás tudo coberto de um delicioso ninho dourado, como se dessa imundície irradiasse a luz solar.

“Por que não fazes a mesma coisa à vida?

“Imaginemos...

“Não, não imaginemos; vou ao alcance da tua objeção: — Mas os vidros não mudam a natureza das coisas; — os lírios não deixam de ser brancos por se verem por lentes negras, nem a podridão deixou de ser ascorosa por parecer dourada!

“É verdade, parecerá à primeira vista, ou à nossa razão desar-mada da reflexão.

“Reflexionemos, porém.

“Qual é a natureza das coisas na Terra?

“É a que vemos? É a que nos parece?

“Não. É a que é.

“E qual é a que é no exemplo citado?

“A vista irreflexiva dá ao lírio a alvura e à podridão o asco.

“Entretanto, a reflexão mudará em breve o asco para o lírio, a causa admirativa para a podridão.

“O lírio será a curto trecho putrefação nauseante; e o cadáver, o monturo, transformar-se-á benevolamente nos gases que dão a vida e nos sais que alimentam as rosas e o trigo.

“E quando assim não fosse?

“As cores, obedecendo à nossa vontade, tinham-nos dado a sensação de que era assim; e tudo na vida tem as sensações que conseguem impressionar-nos. O amor às coisas horrorosas não deixa de ser amor se as amamos; e o ódio às coisas belas não deixa de ser ódio se as detestamos.

“Exige a razão ponderada e fria que assim não seja; mas quem pode gabar-se de ser suficiente justo e equilibrado que consiga ver as coisas sempre como realmente são? E não podendo ter a certeza de quem tem essa justeza de vista, quem pode afirmar que a sua maneira de ver é a melhor?

“Medita, Silva Pinto, medita!

“Pensa que as tuas dores hão de servir para mais alguma coisa de melhor do que para atravessares a vida a maldizê-las!

“Mal haja a experiência que nos não traz a benevolência e a tolerância!

“Sabes tu melhor do que ninguém que eu aí jamais pensei assim. As minhas novelas estão cheias de fel, que a amargura fazia destilar à minha vida; e, por mor desgraça, não tive nunca boca amiga que tivesse autoridade no conselho para me obrigar à reflexão desapaixonada sobre as causas e as coisas. Quando muito, sentia-me envolvido na piedade e no dó; e esses sentimentos alheios irritavam-me, feriam o meu orgulho...

“Orgulho!!! Fatal e hórrida palavra! Causa suprema do meu, do teu, do mal de todos!

“Primacial origem da minha vida de mártir aí e do martírio da minha vida aqui. Fonte de todas as dores; início de todas as maldades; causal de todos os desesperos!!!

“Que de coisas tredas eu podia dizer, evocadas por a lembrança que aquela palavra trouxe aos bicos da pena!

“Não era esse o meu propósito, porém, ao escrever-te.

“Não quero afastar-me do que me impeliu a dirigir-me a ti.

“Havia um sentimento no mundo que poderia ter iluminado a negrura da minha vida; — era a religião de Cristo; — mas esse sentimento era facilmente suplantado pela dúvida torturante da minha vida amargurada e pelo orgulho desmesurado de todo o meu ser atribiliário e revoltoso.

“Para ti... para ti...”

“Silva Pinto. É bem estranha e bem inacreditável coisa esta de eu te estar a falar, escrevendo pela mão de um quase desconhecido para nós ambos; mas bem estranhas e inacreditáveis coisas têm modificado o mundo e o homem no seu evolucionar progressivo através dos séculos.

“Não te detenhas a pensar nisso. Pouco vale. Não queiras descobrir em um momento o que outros não conseguem com o sacrifício da sua vida inteira.

“Vê, passa pelo cadinho purificador da tua análise de bom e de homem de coração o que te deixo dito.

“Lembra-te de que, quando mesmo seja dito pelo homem que escreve, o que ele escreve está sob a égide do meu nome. Para o escrever pensou em mim, no teu amigo, no teu companheiro, no maior de todos, como me chamas. Isto deve ser para ti respeitável.

“Quando queiras reagir contra a crença de que sou quem te aconselha, quem te suplica, quem te implora numa grande ânsia de obtenção, que desvies a tua vista cansada, quase gasta, quase a desaparecer, do marnel das paixões terrenas e a elevas ao alto, onde reside Deus, a Bondade e o Belo, pensa, vê, que esse que faz o abnegado serviço de te dizer coisas estranhas e dedicadas o faz em meu nome e como se de mim fossem.

“São boas? São más?”

“Se são boas aceita-as em lembrança minha; se são más deita-as fora, porque nem em meu nome te dão coisa boa.

“Mas pela experiência feita de dores te digo que são boas, e se como tais as não receberes e usares, ai de ti, meu querido irmão na tortura, ai de ti, que será sempre tarde demais para arrepiares caminho e cedo em demasia para verificares o erro!

“Meu querido amigo, meu santo amigo, tu que és ainda um pouco do meu orgulho, do meu egoísmo, do meu amargor, ouve-me e atende-me.

“Não sei se poderei ainda falar-te de novo e a tempo e não será a menor das dores para mim se tiver de reconhecer que não pude pôr no que digo a força da persuasão bastante para fazer-te o bem, quando tanta tive para te fazer o mal!” (*Camilo Castelo Branco*)

Após a leitura de várias cartas com o estilo, a letra e a assina-

tura de seu amigo inesquecível, Silva Pinto abandonou o materialismo e escreveu a respeito de Fernando de Lacerda: “Eu sou dos que crêem nas suas visões, e nos seus mortos, na vida futura tranqüilizadora”. Tempos depois, tendo passado para o outro lado da vida Silva Pinto, também, veio a transmitir mensagens notáveis pela mão do médium de Lisboa.

O PARECER DO DR. SOUSA COUTO

“Do País da Luz”, em quatro volumes, foi prefaciado pelo erudito polemista e jurisconsulto Sousa Couto. Conheceu ele, intimamente, Fernando de Lacerda e examinou-lhe durante dez anos seguidos a mediunidade. Em seu admirável prefácio nos informa:

“É freqüente Lacerda *ouvir* as palavras que uma segunda personalidade lhe dita. Grifamos o verbo *ouvir* para destacar do significado vulgar, já que não se trata da audição propriamente de sons externos; o que ele percebe é como uma fonação intracerebral, sem que do fato se possa dar o exemplo de comparação com o que sucede no exercício normal do sentido auditivo. Outras vezes, com análoga variante na visão, como que vê *mediunicamente* a entidade que se manifesta, e quando a acuidade visual não se lhe define, tem o sentimento de que está presente uma pessoa estranha, cuja influência ressoante.”

E, mais ainda, estes detalhes que nos ajudam a compreender o fenômeno Fernando de Lacerda:

“Antes da manifestação escrita começar, sente ele um impulso, e coordenam-se os movimentos rápidos, leves, fáceis de execução, correndo a pena livre e levemente sobre o papel, decidida, sem o menor entrave e sem o menor auxílio intelectual consciente. Porque é preciso fixar bem este ponto: a inteligência de Fernando de Lacerda não dirige o fenômeno, não preside à elaboração mental dos escritos; está, ao contrário, como paralisada e alheada ao que a mão vai produzindo. Mas não é só a alheação do raciocínio, é também a ausência da consciência e a abolição da vontade.”

“Lacerda não sabe que individualidade aparecerá (diz ainda Sousa Couto). Às vezes deseja uma, e aparece outra em que nunca antes pensara. Os estilos e caligrafias são tão diferentes como essas personalidades, e feita uma manifestação inicial, todas as vezes que

de futuro a mesma entidade se revela, é típica e uniforme no estilo e na forma da letra.”

Handwritten text in cursive script, dated 15 de agosto 1908, signed Gornes Coelho.

Handwritten text in cursive script, dated 15-8-08, signed Alexandre Herculanu.

Handwritten text in cursive script, dated 15 de agosto 1908, signed Alexandre Herculanu.

Handwritten text in cursive script, dated 15-8-08, signed Alexandre Herculanu.

Handwritten text in cursive script, dated 15 de agosto 1908, signed Alexandre Herculanu.

Handwritten text in cursive script, signed Victor Hugo.

Handwritten text in cursive script, dated 15 de agosto 1908, signed Alexandre Herculanu.

Psicografia de Fernando de Lacerda. Cada escritor com sua letra e assinatura: Alexandre Herculanu, Eça de Queiroz, Vitor Hugo etc.

O MAGNETISMO DE LACERDA E O HOMEM-MACACO

Fernando de Lacerda, já o afirmamos, era dotado de vários tipos de mediunidade. E mais: seu magnetismo — diga-se de passagem — era impressionante. O domínio espiritual sobre os delinquentes, mesmo sobre os mais agressivos, espantava. Citemos um exemplo, que ficou na história pitoresca de Lisboa.

Havia em Portugal um homem de nome Albano de Jesus, que desde os sete anos de idade sofria de estranhos ataques que chegavam a durar oito horas consecutivas e cuja causa era desconhecida pelos médicos. O povo de Lisboa, que o temia, apelidou-o de “Homem-Macaco” porque seu corpo durante os ataques assemelhava-se ao de um gorila; seus braços pareciam alongados; os ombros caíam e, nesse estado de inconsciência total, adquiria agilidade prodigiosa. Subia, então, qual um gorila no topo dos mais altos monumentos públicos de Lisboa e do Porto ou pulava, furioso, de telhado em telhado dos maiores edifícios. Albano deu muito trabalho à Polícia e ao Corpo de Bombeiros. E ninguém lhe punha a mão. HorrORIZAVA sua expressão facial; era a de um autêntico gorila com os olhos esgazeados e os dentes à mostra. Todavia, bastava Fernando de Lacerda chegar e Albano, em transe, vinha manso ao seu encontro diante do povo estupefacto. E o grande psicógrafo, magnetizando-o, imperceptivelmente, libertava-o da temível entidade espiritual. Isso Fernando de Lacerda fez dezenas de vezes ao tempo em que era Sub-inspetor da Polícia Civil de Lisboa.

NOVAS INFORMAÇÕES SOBRE O MÉDIUM NO BRASIL

As informações que passamos a divulgar sobre a estadia de Fernando de Lacerda no Brasil foram transmitidas pelo Dr. Carlos de Andrade Rizzini, irmão do pai de quem escreve estas linhas. Carlos de Andrade Rizzini, que não era espírito (ele assinava, apenas, “Carlos Rizzini”) foi Secretário da Educação e Cultura em São Paulo, Diretor-Presidente dos “Diários Associados”, Diretor da Faculdade de Jornalismo “Cáser Libero”, Reitor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Presidente do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas de São Paulo, professor de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de obras históricas, destacando-se “O

Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil”, “O Jornalismo antes da Tipografia” e a monumental biografia de Hipólito da Costa, o fundador da imprensa brasileira. Carlos Rizzini (da Academia Paulista de Letras), quando adolescente conheceu Fernando de Lacerda, então, um homem maduro. Conta ele que o advogado Fernando de Moura, primo-irmão de sua progenitora, Maria Angélica de Moura Rizzini (1), foi quem trouxe Fernando de Lacerda ao Brasil. Fernando de Moura propôs a viagem e pagou a passagem porque, quando visitara Lisboa, fizera-se amigo do médium, o qual estava sendo duramente atacado pela imprensa por questões políticas. A República havia sido instalada em Portugal e Fernão Boto Machado fizera desencadear uma campanha pelos jornais visando demitir Lacerda da Polícia Civil de Lisboa, onde trabalhava desde os vinte e nove anos de idade. O navio “Astúrias”, trazendo Fernando de Lacerda, atracou no Rio de Janeiro no dia 23 de julho de 1911. Um mês depois, o médium foi demitido (por decreto!) de seu cargo. E Fernando de Lacerda nunca mais voltou a Portugal. Mas, Fernando de Moura fez ainda mais pelo psicógrafo português. Sendo o filho adotivo de Fernando de Lacerda (Fernando de Lacerda Filho), contador, Fernando de Moura intercedeu em seu favor na Cia. de Seguros Sul-América, obtendo-lhe um emprego. Pai e filho viviam, então, na rua Dois de Dezembro, no bairro do Catete. Fernando de Lacerda, durante cinco anos consecutivos, realizou curas mediúnicas no Rio de Janeiro, graciosamente, na residência do Dr. Francisco Ribeiro de Moura Escobar, na rua do Pinheiro, 20 (hoje rua Machado de Assis) entre o Catete e o Flamengo e onde o médium ia quase todas as noites.

Fernando de Lacerda, ao contrário do que sua fotografia faz supor, não tinha estatura mediana. Era alto, corpulento, tinha os cabelos ralos e grande bigode. Andava sempre bem vestido. E era alegre, conversador. E possuía um coração generoso.

(1) Maria Angélica de Moura Rizzini foi avó de Jorge Rizzini e irmã da célebre pintora Georgina de Albuquerque, ex-diretora da Escola Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro, casada com o pintor Lucílio de Albuquerque, professor de desenho de Cândido Portinari.

Fernando Augusto de Lacerda e Melo nasceu no concelho de Loures (então, uma aldeia próxima de Lisboa) no dia seis de agosto de 1865 e desencarnou no dia sete de agosto de 1918, na Casa de Saúde Dr. Abílio, onde estava internado, no bairro do Botafogo. Contava cinquenta e três anos de idade. Viveu, pois, no Rio de Janeiro, sete anos. O corpo foi enterrado no Cemitério São João Batista. Quanto ao seu leal amigo Fernando de Moura desencarnou em 1919; um ano depois do inesquecível médium lusitano.

Algumas informações inéditas contidas neste trabalho vindo à luz, pela primeira vez, em 1977, através do “Jornal Espírita”, em São Paulo, passei-as à escritora portuguesa Manuela Vasconcelos em 1990, que as inseriu na primeira edição de seu livro “Fernando de Lacerda, Médium Português”, editado pela Comunhão Espírita Cristã de Lisboa em 1992 — livro com trezentas e cinquenta páginas que se lê com prazer.

Conheci Manuela Vasconcelos em Lisboa, na sede da Comunhão Espírita Cristã, instituição kardecista que ela preside. Era também diretora da Federação Espírita Portuguesa. Andava Manuela Vasconcelos nessa época (1990) em busca de elementos biográficos para escrever seu livro sobre Fernando de Lacerda, fato que eu, então, desconhecia. É inegável que nosso primeiro encontro foi preparado pela Espiritualidade, pois estávamos, eu e ela, vinculados ao grande médium português. Acresce, ainda, que Manuel de Abreu, meu Espírito-Guia, fora português em sua última existência.

Devo dizer que o livro de Manuela Vasconcelos retrata Fernando de Lacerda de corpo inteiro. O homem e o médium. Manuela Vasconcelos afirma que se preocupou mais em revelar o homem, mas tudo o que se poderia escrever sobre a mediunidade de Lacerda está em seu livro, graças aos notáveis artigos do juriconsulto Sousa Couto; precioso material doutrinário que a inteligente biógrafa desenterrou do arquivo de velhos jornais. O livro de Manuela Vasconcelos surpreendeu-me, também, ao referir-se ao meu parente Fernando de Moura. Porque divulga uma informação que eu desconhecia e que me emocionou; informação obtida por Manuela Vasconcelos durante uma de suas entrevistas com Laura Xavier, a afilhada de Fernando de Lacerda. Lê-se na página 252 que Fernando de Moura “para que Lacerda não

se sentisse humilhado pela situação dependente em que vivia, fez-lhe uma venda fictícia de dois prédios que possuía na Praia do Flamengo e que a Câmara projetava demolir, por se encontrarem fora do alinhamento da nova avenida. Lacerda passou, então, a viver da cobrança do aluguel dos apartamentos. O prédios foram demolidos depois do seu desencarne, vindo os afilhados (Fernando de Lacerda Filho e Laura Xavier) a receberem, cada um, 27.000\$00 de indenização concedida”.

Que desprendimento, o de Fernando de Moura! Quanta bondade! Lamento, no entanto, que Manuela Vasconcelos não tenha registrado meu parentesco — ainda que distante, mas que muito me honra! — com Fernando de Moura; foi primo-irmão de minha avó, também ela espírita. E ainda mais... Ida Escobar e Francisco Escobar, que tão fraternalmente deram apoio psicológico a Fernando de Lacerda durante sete anos, são citados com o nome incompleto e sem informação biográfica. Eram casados e parentes de Fernando de Moura. Francisco Ribeiro de Moura Escobar (este era seu nome completo) foi advogado abastado e sua esposa, Ida Escobar, era irmã de meu avô paterno.

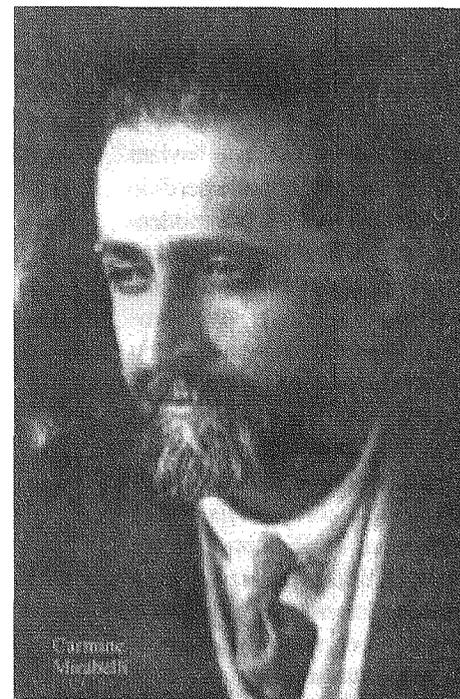
É evidente que a biografia de Fernando de Lacerda nada perde com estas observações singelas; se eu as faço é porque se trata de uma obra que prima pelos detalhes. Obra que — faça-se justiça! — além de preencher uma lacuna enorme na literatura espírita luso-brasileira revela uma autora dotada de invulgar capacidade para a pesquisa histórica.

8

O MÉDIUM MIRABELLI

E

sta é a história de um homem, hoje quase esquecido, que foi manchete nos mais importantes jornais brasileiros. Ele assombrou os que tiveram oportunidade de vê-lo em transe mediúnico. Mesmo fora de transe, com sua aproximação móveis se arrastavam



sem contato humano, garrafas voavam, xícaras se quebravam... Seu nome atravessou as fronteiras e pesquisadores estrangeiros vieram ao Brasil para examiná-lo, como Douglas Ainslie (poeta inglês adido à Embaixada Britânica de Paris), Hans Driesch (biólogo e filósofo alemão, da Universidade de Leipzig), Tito Guarnieri (químico de Milão), Johan Reichenbach (químico de Berlim) e Ribas Y Assunción, pesquisador argentino.

Mirabelli nasceu em Botucatu, no Estado de São Paulo, no dia cinco de dezembro de 1888 — e não

Handwritten text in various languages, including Chinese, Arabic, Persian, Japanese, and Russian, demonstrating psychography.

Mirabelli psicografou em 28 línguas, incluindo o chinês, árabe, persa, japonês, caldeu, russo etc. E em transe falava 26 idiomas.

em dois de janeiro de 1889, conforme consta em livros e jornais. E mais: seu nome não era “Carmine” e, sim, Carmilo Mirabelli. É o que registra o Livro A-2 verso, no cartório de Botucatu. (1)

Filho de italianos, foi seu pai o sapateiro e ministro protestante Luigi Mirabelli. Dos vinte e oito filhos do pastor, apenas Carmilo possuía mediunidade. Esta, porém, só lhe surgiu ostensiva após a morte do pai, o qual se tornou seu Guia. Mirabelli não pôde estudar por falta de recursos. E, ainda adolescente, trabalhou, inclusive, na loja de calçados “Clark”, no centro de São Paulo, de onde foi logo despedido pelo fato de que as caixas desciam das prateleiras e os sapatos caminhavam sobre o balcão, sem contato humano, diante do gerente e dos fregueses... Carmilo Mirabelli foi o médium mais completo em todo o mundo e de todos os tempos. Ele foi telepata; clarividente; médium de precognição; retrocognição; médium musical (em transe tocava piano e violino e cantava com voz de tenor, barítono e baixo, árias em vários idiomas); médium pintor (deixou trezentas telas mediúnicas; cinquenta foram expostas na Holanda pelo pesquisador holandês H. Theunisse); médium psicofônico (em transe falava vinte e seis idiomas!); e foi psicógrafo insuperável (psicografava em vinte e oito línguas, vivas e mortas, entre as quais o russo, grego, chinês, catalão, japonês, latim, aramaico, heróglifos, caldeu, persa, árabe etc., e enquanto o fazia conversava, animadamente, em outra língua!). Com menos mediunidade – bem menos! – teria sido um assombro, mas, Mirabelli possuía, ainda, três outras modalidades mediúnicas, nele, também, poderosas, na área dos fenômenos objetivos: a materialização, a desmaterialização e a levitação; fenômenos raros na bibliografia espírita mundial, metapsíquica e parapsicológica. E estes detalhes por demais preciosos: a mediunidade de Mirabelli dispensava a penumbra, e os fenômenos físicos por ele produzidos foram observadas por mais de quinhentas pessoas de elevado nível cultural, entre elas 72 médicos e 105 estrangeiros.

(1) Essas informações me foram prestadas por Regene Paca Mirabelli, filho do primeiro matrimônio de Mirabelli, o qual efetuou uma pesquisa no cartório de Botucatu.

EXPERIÊNCIAS MEDIÚNICAS EM UM MANICÔMIO

Compreende-se que um homem nessas condições teria de sofrer violentas perseguições, desde jovem, embora *jamais alguém o tivesse apanhado em fraude*. Mas, este é, ainda, um planeta de provas e expiações... O metapsiquista inglês Theodore Bestermann, de volta à Inglaterra, atacou o médium, gratuitamente, depois de haver visto em São Paulo, emocionado, a materialização de uma sua amiga de nome Zabelle e haver escrito em seguida no Livro de Atas que “reputo o trabalho de Mirabelli como um dos mais importantes que já presenciei”. Mirabelli, em São Paulo, no centro da cidade, foi vaiado e achincalhado pelo povo. E sua casa apedrejada. E em São Vicente, reconhecido através dos jornais por um grupo de fanáticos religiosos, foi barbaramente espancado!

Naqueles velhos tempos os médiuns ainda eram tidos como demoníacos ou charlatães, e ser espírita declarado constituía um ato de muita coragem... E o nosso Mirabelli, com menos de 21 anos de idade foi levado como louco ao Hospício do Juqueri (Hospital Franco da Rocha), a fim de ser examinado por Franco da Rocha e Felipe Aché, então sumidades no campo da psiquiatria.

Mirabelli sofreu todo o tipo de exame. Nada nele havia de anormal. Mas durante os dezoito dias em que ficou no manicômio fenômenos se processaram à luz do dia, deixando atônita a junta médica. Alguns dos pareceres médicos foram divulgados pelos jornais e fazem parte da obra “O Médium Mirabelli, Resultado de um Inquérito”, editada em 1926 na cidade de Santos por Rodolfo Mikulasch.

Vejamos o depoimento do célebre Franco da Rocha:

“O Sr. Mirabelli colocou sobre um copo uma caveira que, a pedido meu, começou a rodar (sozinha) e num dado momento caíram sobre a mesa copo e caveira. Coloquei os objetos outra vez como estavam dantes, e o fenômeno repetiu-se. Tornei a colocá-los, e a mesma coisa presenciei. Mas não é só: quando segurava o crânio sentia nas mãos algo de estranho, de fluídico, como que um fluido globular que me tocasse na palma da mão. Quando mais concentrava a minha atenção sobre o objeto acionado, vi passar uma coisa semelhante a uma irradiação por sobre o crânio, como se expõe rapidamente um espelho aos raios luminosos...”

Felipe Aché procura eliminar os Espíritos na produção dos fenômenos. Afirma ele:

“Os fatos são inegáveis... A explicação... é como água-benta: todos se servem dela como entendem. É uma coisa conforme a formação cerebral e o cultivo de cada pessoa. No meu entender, porém, os fenômenos que o Sr. Mirabelli apresenta, são explicáveis pela ciência. Julgo o Sr. Mirabelli, não um homem normal, nem tampouco doente: o fato é que ele é anormal. Penso que os fenômenos são resultado da radiação das forças nervosas que cada um de nós possui, mas o Sr. Mirabelli possui em excesso extraordinário...”

A mediunidade de Mirabelli foi, posteriormente, também, comprovada em memoráveis sessões por Maurício de Medeiros, Brasília Marcondes Machado, Alberto Seabra, Rebouças, Capote Valente, o senador Moniz Sodré (foi Secretário da Justiça do Estado do Rio de Janeiro), Pereira Barreto, J. A. Josetti (da Academia Nacional de Medicina, como alguns já citados), Alarico Silveira e outras personalidades proeminentes. Citemos, também, o sábio Vital Brasil, criador do Instituto Butantã, cuja frase ficou famosa:

“Deixemos de teatralidade e estudemos o Sr. Mirabelli, cientificamente...”

PRODÍGIOS DA BIOPSÍQUICA

Mas, Vital Brasil não realizou a proeza, embora fosse o médium sempre o primeiro a colocar-se à disposição para toda e qualquer pesquisa científica. E, tanto é isso verdade, que o próprio Mirabelli criou várias instituições no Rio de Janeiro e em São Paulo para o exame de sua fenomenologia mediúnica, como a Academia Brasileira de Metapsíquica, o Centro de Estudos Psíquicos César Lombroso e o Instituto Psíquico Brasileiro.

Deve-se, porém, ao advogado, escritor e deputado Eurico de Góes (organizador e primeiro diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo) uma pesquisa que durou mais de vinte anos em torno dos fenômenos medianímicos de Mirabelli. Eurico de Góes publicou em 1937 o livro “Prodígios da Biopsíquica obtidos com o Médium Mirabelli”, cujo valor maior está no fato de reproduzir em suas 471 páginas as atas das sessões com Mirabelli – atas rubricadas por

importantes personalidades. Vemos, através delas (e dos relatos contidos no livro já citado “O Médiun Mirabelli, Resultado de um Inquérito”) que a fenomenologia ectoplásmica em Mirabelli era, em verdade, uma gritante prova da imortalidade da alma e da sua comunicabilidade com o mundo físico. Vamos, agora, satisfazer a curiosidade do leitor. Mirabelli realizou ao tempo em que vivia na cidade de Santos uma grande quantidade de sessões de ectoplasmia com resultados surpreendentes. Citaremos várias que tiveram a participação de médicos e, militares da Força Pública de São Paulo. Essas sessões foram realizadas às nove horas da manhã e em plena luz, acrescentese. É importante destacar, também, que o médiun acomodava-se em uma poltrona e, à sua volta, sentavam--se os pesquisadores.

MATERIALIZAÇÃO DO BISPO DE SÃO PAULO

“O médiun, novamente indisposto (registra a ata) declara estar vendo no espaço o corpo do conhecido bispo D. José de Camargo Barros, falecido no naufrágio do vapor ‘Sírio’, o que faz todos voltarem ao silêncio, sendo tomadas as precauções regulamentares. E vai-se prolongando a expectativa, quando um suavíssimo perfume de rosas se torna sensível em toda a sala. O médiun empalidece, e cai na poltrona, sendo logo seguro pelos Srs. Ataliba de O. Aranha e Odassio Sampaio.

“Sobre uma poltrona é divisada uma tênue nevoazinha, qual vagas espirais de fumaça, sobre a qual desde então convergem todos os olhares. O médiun continua seguro por ambos os braços. A névoa a princípio divisada, e sobre a qual pairam todas as atenções, condensase, e repentinamente torna-se em espessa e rutilante fumaça amarelo-ouro, brilhante, qual uma auréola dourada, a qual vai-se desfazendo, lentamente, a minutos contados, e dela vai emergindo, sentada, uma figura de prelado, sorridente, com o barrete episcopal, e demais insígnias de sua dignidade, e diz, em voz alta a todos inteligível, ser o conhecido prelado acima referido, e levanta-se da poltrona. Nem mais vestígios restavam de nebulosidade ou irradiações, e se não fora unânime o testemunho geral, cada qual estaria propenso a crer ter sido vítima de uma ilusão. O ambiente, agora mais aclimatado, nada demonstrava da presença de um ser de origem indefinível; um estranho

que entrasse naquele instante, sem prevenção, nada de anormal perceberia. Ainda uma vez o Dr. Ganimedes de Sousa se levanta, agora já sem hesitações, dá alguns passos, pára, e encara de frente o misterioso recém-vindo. Este, sempre sorridente, nada diz e também fita aquele investigador, que depois de alguma hesitação se lhe aproxima, toca-o, palpa-o demoradamente, sente-lhe o hálito, bate-lhe nos dentes, fã-lo abrir a boca para verificar a existência de saliva, e toca com o dedo no palato, ausculta-lhe o coração e o ritmo respiratório, ajoelha, encosta os ouvidos ao ventre do pretendido prelado, e demoradamente ausculta-lhe os borbórismos produzidos nos intestinos, examina-lhe as unhas e o globo ocular, detendo-se na constatação da rede capilar dos vasos de irrigação sanguínea de sua parte interna, e, por fim recua um passo, e novamente o encara, como que mal resignado a uma verdade difícil de aceitar, e então, cabisbaixo e pensativo, volta ao seu lugar. Era bem um homem que ali estava.

“Outros seguem o exemplo do Dr. Ganimedes, e a todos o misterioso visitante se presta docilmente, e todos voltam certos de não serem vítimas de um ludfbrio, mas de estarem tratando com um ser humano, anatomicamente perfeito. Depois de estarem todos convictos, um sentimento de espanto infinito, estupefação indescritível se expressou em todas as fisionomias. Falou então o misterioso visitante em português absolutamente correto, e em belo estilo, sobre vários assuntos. Depois de finalizar a sua peroração, acrescenta: ‘Observai bem a minha retirada’, e então encaminhou-se para o lado da poltrona em que o médiun se achava, sempre seguro e em transe, no que foi acompanhado por todos os presentes que se tinham levantado, para de perto apreciarem e controlarem o ponto principal da experiência : a desmaterialização. Chegado junto do médiun, que continuava inconsciente, inclinou-se sobre o mesmo, pousou-lhe as mãos, e ficou algum tempo em silêncio, fitando-o. Os assistentes cercavam-no de todos os lados. Repentinamente o corpo do estranho visitante foi sacudido por alguns estremecimentos violentos, e começou a encolher-se, a contrair-se, a diminuir. O médiun, sempre seguro, começou a suar frio e a estertorar ruidosamente.

“A aparição, ou como quiserem chamar-lhe, diminuiu até ter a altura de 30 centímetros, mais ou menos, e de repente, com uma rapidez de que nenhuma palavra pode dar idéia, desapareceu. Nova-

mente o cheiro de rosas, suave e muito sensível, se faz sentir, e o médium desperta, ficando longamente em estado de semi-inconsciência, alheio a tudo.”

O ESQUELETO ECTOPLÁSMICO

O caso que passamos agora a transcrever é ainda mais impressionante.

“Refeito o médium do grande esforço dispendido com a experiência anterior, longamente tiritou, com o sistema nervoso chocado pela alta tensão que sofrera. Não estava ainda o médium restabelecido nas suas energias quando começaram a ser ouvidas violentas pancadas dentro de um armário no qual se achava fechada uma caveira destinada a estudos. Era a própria caveira que, movida por uma força invisível, se debatia furiosamente, parecendo querer forçar a porta de sua prisão. Uma pessoa vai encaminhar-se para abrir o armário, quando as suas portas espontaneamente se escancaram, e de dentro sai, ante os olhares atônitos dos presentes, a referida caveira, batendo os maxilares um contra o outro, como se quisesse morder, e começa a levitar, no espaço, sempre rangendo os dentes. O Dr. Ganimedes de Sousa se pergunta, mentalmente, porque é que, se estava presente a caveira, não aparecia, também, o restante do esqueleto. Como que respondendo a essa pergunta, começaram a formar-se as vértebras do pescoço, depois a caixa torácica e os braços, o prolongamento da espinha dorsal, os ilíacos e a bacia, as pernas e, enfim, toda a ossatura dos pés. O médium, seguro por ambos os braços, parece estar com delírio, expele com abundância uma saliva espumarenta, e debate-se freneticamente na sua poltrona. Todas as veias de seu corpo estão engorgitadas e latejantes. O médium começa a rescender fortemente a cadáver em adiantado estado de putrefação, e esse fétido se espalha na sala toda e permanece, apesar de através das grades das janelas se formar perfeito arejamento do apartamento. A assistência manifesta-se incomodada. O esqueleto continua de pé, e põe-se a andar pela sala, com grandes passadas trêmulas e incertas, qual uma ave pernaltada desajeitada. Procura equilibrar-se, como se receasse cair. O Dr. Ganimedes mais uma vez duvida da evidência visível, vai e toca o esqueleto, apalpa uma ossada consistente e sebosa, tendo

então forte abalo nervoso vindo sentar-se. O médium estertora e cada vez se agita mais, sendo necessário força para contê-lo. O esqueleto, rangendo as juntas, continua o seu passeio macabro, lançando no ambiente uma impressão lúgubre, tétrica, pavorosa e todos os assistentes, incitados pelo exemplo do Dr. Ganimedes, sobrepujando a sua repugnância, um a um, levados por uma curiosidade bem mais forte que os escrúpulos, vão apalpar aquela tristemente tão perfeita configuração da morte e do nada. E todos voltaram aos seus lugares abalados e de fisionomia apreensiva. O cheiro de cadáver continua forte; o estado moral dos presentes é de depressão e angustiada expectativa: a todas as mentes parece dominar o significado daquele triste, que relembra, vivamente, o destino dos homens. A opinião de todos se traduz numa impressão impossível de ser descrita. O esqueleto começa a se desfazer pausadamente, a minutos contados, principiando por onde terminara, até só restar novamente a caveira pairando no ar, agora, já não mais batendo os maxilares, e finalmente cai sobre a mesa, e fica inanimada. O médium, sempre seguro, tem um grande espasmo, suspira dolorosamente e volta a si, desengorgita-se-lhe a circulação, normalizam-se as demais funções e resta-lhe somente uma grande fraqueza, verdadeira exaustão.”

E a ata informa que “tudo isto passou-se às 9,45 horas do dia, com a claridade que resplende o ardente sol santista, sob um controle de semi-inquérito policial, diante de uma plêiade de pessoas intelectuais, durante 22 minutos contados”.

MATERIALIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA

Eis o que consta no livro de atas:

“O médium, sentado sem nenhum contato com outro qualquer objeto, começa a ficar exageradamente pálido, de olhos esbugalhados, e estertora como se lhe comprimissem a garganta. O transe aos poucos vai-se tornando profundo e o médium cai num verdadeiro letargo, entremeado de sobressaltos violentos. Estado geral do mesmo: irregular. Temperatura: 36,3 graus. Pulso a 128, sem cadência, precipitado. Respiração opressa, angustiada. Rápida queda progressiva do pulso. Temperatura baixa a 36,1 graus. Pupilas dilatadas. Olhar vítreo. Epiderme completamente insensível. O estado do médium ins-

pira cuidados. Suor frio abundante. É evidente que o organismo todo do médium está fazendo enérgico apelo a todas as suas reservas de energias vitais latentes, para fazer face a uma crise tremenda, cuja causa é obscura. Nisto, três batidas se fazem ouvir sobre uma mesa situada na sala, e uma voz infantil chama “papai”. O Dr. Ganimedes de Sousa (engenheiro que participava das sessões) mal teve forças para declarar que reconhecera a voz de uma sua filhinha, falecida na Capital Federal, por ocasião da epidemia de gripe. Estavam todos num crescente espanto, quando dentro do círculo, ao lado do médium, sem que se pudesse explicar como se dera, apareceu uma menina. O Dr. Ganimedes em soluços, duvidando dos seus sentidos, foi ao seu encontro e, chamando-a de filha, estreitou-a, longamente, nos braços.

“E passou-se uma cena comovente, que confrangeu o coração de todos os presentes. O pai, aos soluços, reavivava toda inteira a dor daquela perda inestimável, constatava com os olhos embaciados de lágrimas e a voz entrecortada de soluços, que era mesmo sua filha que ele tinha nos braços, e que o vestido *era também o próprio com que ela fora sepultada*. Só lhe achava diferença na cor, agora sempre cadavérica. Enquanto isto sucedia, o médium parecia prestes a exalar o último suspiro; encarquilhado, tez cerosa, relaxamento muscular completo, respiração fraca e sibilante, pulso nulo.”

E mais nos transmite a ata:

“O Dr. Ganimedes, sempre estreitando contra o peito a criatura a que dava o nome de filha, lembrava-lhe mil episódios de sua infância, recebendo sempre respostas plausíveis. Providenciou-se para que fosse obtida uma chapa fotográfica do fenômeno que estava desenrolando, tendo-se para isto apartado a criança dos braços do Dr. Ganimedes.

“Depois de fotografada, começou levemente a adejar no espaço, parou no ar, e desapareceu, repentinamente. O fenômeno teve a duração de 36 minutos.”

DESMATERIALIZAÇÃO, LEVITAÇÃO, XENOGLOSSIA ETC.

Era comum Mirabelli apresentar fenômenos raros no decorrer de um só transe. E sempre na presença (insistamos) de observadores

e pesquisadores cultos, materialistas ou não. Citemos mais um caso, como ilustração, divulgado, aliás, pela imprensa do Rio de Janeiro pelo fato de que estava presente o cientista alemão Bruno Heckmann.

Porta e janela do local fechadas pelo Dr. Guilherme J. Alves de Lima, tendo ao lado Heckmann. Ambiente fortemente iluminado por força equivalente a seiscentos watts de energia elétrica. Súbito, Mirabelli torna-se pálido; o rosto transfigura-se, respira forte, e começa a se exprimir em alemão, ao mesmo tempo que psicografa uma mensagem de quinze laudas abordando outro tema! E todos vêem um grande foco de luz envolver a cabeça do médium. E, subitamente, Mirabelli se desmaterializa por completo, diante dos presentes, ouvindo-se, em seguida, um barulho no compartimento contíguo. Porta e janela continuavam, como antes, seladas e lacradas. G. J. Alves de Lima abre a porta e todos deparam com Mirabelli suspenso no ar, a três metros do solo, sem qualquer apoio. Foi aos poucos descendo, ainda em transe, como uma estátua, de braços abertos, estático, rígido, sobre uma mesa. O fenômeno foi fotografado.

MATERIALIZAÇÃO DE HARUM AL RASCHID

Vejamos outra sessão não menos espantosa. Participou dela Olegário de Moura, lente da Faculdade de Medicina de São Paulo. Mirabelli fora examinado, inclusive, nu. Depois, foi feito um círculo de observadores e, no centro, colocaram o médium em uma poltrona. Mirabelli, muito pálido, salivando sem parar, arquejante, caiu em transe e o inesperado aconteceu. Ouviu-se um fortíssimo estrondo por cima da cabeça dos presentes e surgiu, de pé, sobre a pequena mesa, um oriental. Tinha os olhos brilhantes, gestos imponentes. Sentou-se na mesa e ficou, impassível, contemplando os assistentes.

Passado o impacto inicial, somente o médico Olegário de Moura teve a coragem de tocar-lhe a fronte. Animado com a autorização, o professor de medicina fez-lhe um exame que durou trinta minutos, constatando que tudo no estranho visitante era normal. Mirabelli, em transe profundo, continuou pálido, com fortes soluços, a saliva abundante. E o Espírito, falando árabe, disse chamar-se Harum Al Raschid; e diante dos olhos assustados dos pesquisadores elevou-se no ar por alguns segundos e, repentinamente, da mesma forma como veio, sumiu.

AGRESSÕES ESPIRITUAIS

Não apenas espíritos familiares de Mirabelli, como seu pai, a tia, a irmã ou espíritos famosos como Vítor Hugo, Lombroso, Scacciotto, Tolstoi etc., se manifestavam através do médium. Às vezes, espíritos inferiores, moralmente, se infiltravam nas sessões, provocando tumultos. O testemunho da verdade, então, tornava-se agressivo! O próprio médium foi, muitas vezes, vítima de agressões espirituais.

Conta Eurico de Góes que viu Mirabelli ser levantado da cama, e, em seguida, jogado contra um guarda-roupa por mãos invisíveis, causando-lhe ferimentos; daí a razão de Mirabelli só dormir com o quarto bem iluminado... Ao entrar numa casa, os objetos se moviam, voavam, quebravam-se devido a esses espíritos atrasados. O saudoso escritor Carlos Imbassahy assistiu a um desses episódios dramáticos. Mirabelli havia ido à sua casa, em Niterói e, mal entrou na sala de visita, as ricas porcelanas e objetos de cristal do eminente escritor e polemista tremeram e se partiram ao mesmo tempo. Escrevendo, mais tarde, a monumental obra “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, observaria Imbassahy a respeito das agressões espirituais sofridas por Mirabelli: trata-se de uma “mediunidade auto-agressiva, o que em linguagem espírita se chamaria um indivíduo mal-acompanhado”... E acrescentou: “É de se supor que a sua mediunidade sofra eclipses; é de crer, mesmo, que os seus operadores ocultos não sejam dos mais bem intencionados. Muitas conjecturas se poderão fazer a seu respeito. O que não nos resta dúvida, como não tem restado aos que já presenciaram fenômenos como o que assistimos, é que ele é um poderoso médium.”

MIRABELLI E OS AUTOMÓVEIS

Mirabelli por diversas vezes quase perdeu a vida em desastres de automóvel. Na estrada São Paulo-Rio, em um carro dirigido por motorista imprudente, ao fazer uma curva a 110 quilômetros por hora, um pneu estourou. O carro, sem direção, quase caiu em um abismo. O escritor Eurico de Góes estava presente.

Em outra ocasião, o automóvel de praça em que o médium viajava perdeu os freios numa ladeira no bairro de Santana e quase se chocou com o trem na linha da Estrada de Ferro Cantareira...

Viajando de carro para Jaboicabal, onde iria realizar uma sessão de efeitos físicos, o médium avisou que um outro automóvel, em sentido contrário, se chocaria com o seu. Que todos se agarrassem, firmes. Mirabelli diminuiu a marcha e, minutos depois, o desastre aconteceu — em pequena proporção. Os desastres de automóvel estavam no “destino” do médium. E, no dia primeiro de maio de 1951 Carmilo Mirabelli desencarnou atropelado na Av. Nova Cantareira, quando voltava para sua casa. Tinha, então, 62 anos de idade. Seus fenômenos ficaram, porém, para sempre na história da mediunidade e sua vida como exemplo de fidelidade à verdade espiritual.

9

A MÉDIUM YVONNE A. PEREIRA

Ela era humilde, terna e vivaz. E extremamente sincera. Vivia, num casarão em Piedade, um subúrbio do Rio de Janeiro, em companhia de sua irmã casada, Amália Pereira Lourenço, também, espírita. Velhos amigos (ela dizia haver sido minha mãe em vida passada), mantínhamos correspondência. Em carta de 24 de junho de 1966 Yvonne Amaral Pereira me informava:



Yvonne A. Pereira, gloriosa psicógrafa brasileira, aos setenta anos de idade.

“Felizmente, creio que minha tarefa está finda. Mais um livro ou dois e será encerrada, podendo eu regressar ao Espaço.”

A Espiritualidade, porém, não pensava assim. A médium viveria, ainda, dezoito anos. E faria nova experiência mediúnica: escreveria, assessorada pelo Espírito Bezerra de Menezes, uma coleção de dez livros infante-juvenis. Eis o que me informou:

“Breve também sairão livros meus. Será uma segunda fase. Tenho

oito para publicar e faço mais dois. Sei que não os verei, a todos, publicados. Não viverei mais dez anos...”

A carta traz a data de 12 de dezembro de 1972. Yvonne A. Pereira viveu, portanto, mais doze anos. A Federação Espírita Brasileira não lhe deu, pois, o prazer de ver publicado um só livro dessa nova série... E, aqui deixamos registrado o que ouvimos da médium, cuja obra captada do Além é, eminentemente, kardecista – queixou-se ela de que o jornalista Luciano dos Anjos, adepto do roustainguismo e, na época, porta-voz do presidente da FEB, tomou esses livros e riscou com lápis vermelho parágrafos inteiros. Yvonne A. Pereira, tímida, não teve coragem de pedir de volta os originais. Esperamos que, já passados tantos anos, que a nova diretoria da FEB respeite o texto psicografado pela grande médium, caso venha a publicá-lo.

Retomemos o fio da meada. Nessas cartas faz Yvonne A. Pereira referência ao seu precário estado de saúde. Na carta que me enviou em 29 de março de 1973 lê-se este tópico:

“Quanto a mim, produzo alguma coisa, apesar de me sentir doente e muito cansada. Os ‘janeiros’ se acumulam e a resistência física diminui.”

E mais:

“Tenho estado doente, pressão alta, a vista em más condições, enfim, faço bagagens para a grande viagem.”

A saúde da médium vinha piorando. E, em 1980, me transmite a trágica notícia:

“A 30 de agosto último sofri um derrame cerebral. Sofri muito, mas já estou melhor. Felizmente, não atingiu muito o cérebro, mas fiquei com o lado esquerdo prejudicado e não trabalho mais como médium.”

Yvonne A. Pereira ficou três anos sem atividade mediúnica. Restringiu, até mesmo, sua correspondência. E, em dezembro de 1983, comunicando-me seu novo endereço, acrescentou esta frase:

“Estou muito doente, aguardando o dia da libertação.”

Três meses depois a querida amiga desencarnava.

Yvonne A. Pereira nasceu na Vila Santa Tereza, na cidade de Valença, no Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, no ano de 1900. Quando completou um ano de idade entrou em estado cataléptico (morte aparente) e quase foi enterrada viva. Foram

seus pais Manuel José Pereira e Elisabeth do Amaral Pereira. O desencarne da médium deu-se na noite de 9 de março de 1984; desencarnou vítima de uma trombose durante uma cirurgia no Hospital da Lagoa, no Rio de Janeiro. Foi sepultada na tarde seguinte no Cemitério de Inhaúma. Tinha, então, 83 anos de idade. Yvonne A. Pereira era solteira.

Psicógrafa de rara sensibilidade deixou, entre outras obras, “Ressurreição e Vida” (Tolstoi); “Nas Telas do Infinito” (Bezerra de Menezes e Camilo Castelo Branco); “Amor e Ódio” (Charles); “Dramas da Obsessão” (Bezerra de Menezes); “Sublimação” (Tolstoi e Charles); e o notabilíssimo “Memórias de um Suicida”, seu primeiro livro psicografado (recebeu-o de Camilo Castelo Branco em 1926, mas só foi editado em 1956). Parece-me importante registrar, aqui, que Yvonne A. Pereira jamais psicografou uma poesia. “E eu conheço bem a arte poética”, disse-me ela. E acrescentou: “Estou, portanto, preparada para receber os Poetas. Mas, o meu trabalho psicográfico é, mesmo, com os romancistas!”

A respeito de sua psicografia (ela era médium consciente) nos informou em carta datada de 23 de janeiro de 1965:

“Como você sabe, não sou eu, propriamente, que escrevo os livros, dependendo de assistência espiritual, e por isso tenho de esperar, sem poder determinar a ocasião em que poderei apresentar algum à publicidade. Mesmo quando a obra parece ser escrita por mim, ela é mediúnica. Acresce a circunstância de que sou minuciosa e exigente para escrever, produzo pouco e não apresento o trabalho logo depois que o concluo. Às vezes, demoro mais de um ano, com ele pronto, verificando informações que nem sempre eu própria conheço.”

E mais:

“...só concordo em escrever quando há muita pressão espiritual. Não forço, absolutamente, a psicografia.”

Yvonne A. Pereira era dotada de vários tipos de mediunidade: psicografia, psicofonia, efeitos físicos, mediunidade de cura (exerceu-a durante cinquenta e quatro anos e meio, dando receitas homeopáticas e aplicando passes. Durante todo esse tempo dedicou-se com total abnegação à cura de obsessões).

A propósito de trabalhos de desobsessão escreveu a médium:

“Consegui, muitas vezes, curas em obsidiados com certa faci-

lidade, coadjuvada por companheiros afins. Senti sempre um grande amor pelos Espíritos obsessores e sempre os tive como amigos. Fui correspondida por eles e nunca me prejudicaram.”

E mais informa Yvonne A. Pereira nesse relato autobiográfico de grande interesse aos que se iniciam no campo da mediunidade:

“Muitas vezes via-me rodeada dessas entidades durante esse trabalho, via-as reconfortadas e satisfeitas, e assim consegui dilatar o meu coração em um grande amor por todas elas. Incluo nesse número muitos obsessores, e sei que, ao desencarnar, grande número de amigos me esperam no Além a fim de, por sua vez, ajudarem também. Orava ainda pelos sofredores encarnados, pelos amigos etc., e após pedia as consultas e receituário solicitados por outrem, depois do que sobrevinham os trabalhos psicográficos de literatura. E isso eu fazia desde o ano de 1926, nos centros, e preferentemente, sozinha, em minha residência, até madrugada. Foram horas de intensa felicidade, as únicas horas felizes que, em verdade, conheci, durante as quais o mundo espiritual se abria para mim e se me revelava; eu convivía com os Espíritos e com eles me instruí, trabalhava e progredia. Com esse trabalho, silencioso, ignorado, humilde, consegui curar doentes do corpo e da alma, orientar médiuns e centros espíritas, reconciliar cônjuges desajustados, reequilibrar lares desarmonizados, consolar corações, evitar suicídios e até esclarecer Espíritos sofredores. E tenho certeza de que Jesus abençoava os meus esforços para acertar, porque assim me revelava a assistência espiritual benéfica de que sempre desfrutei e a paz de consciência que me consolava”. (1)

Yvonne A. Pereira era arredia à publicidade. Ninguém, jamais, a colocaria diante das câmeras de televisão. Creio, mesmo, que nunca entrou em um estúdio de Rádio... Não me recordo de haver visto duas entrevistas suas em nossos jornais... Mas, em 1972, graças à presença da Espiritualidade, fiz com ela (aleluia!) um pequenino filme em cores (três minutos apenas) em uma praça vizinha ao seu lar. E consegui, também, gravar com ela uma entrevista de meia hora...

(1) Revista “O Reformador”, edição nº 1834 do mês de janeiro de 1982.

Essa entrevista histórica foi divulgada pela primeira vez em meu programa radiofônico “Um Passo no Além” transmitido pela Rádio Boa-Nova, de Guarulhos e Rádio Clube, de Sorocaba. É oportuno ressaltar que nessa entrevista afirma a querida médium, inclusive, que quem desejar conhecer a Doutrina Espírita, legítima, deverá ler Kardec, Denis, Delanne e Bozzano. A obra “Os Quatro Evangelhos”, de J. B. Roustaing, foi posta de lado porque contraria o texto da Codificação. A entrevista da inesquecível médium é a que segue:

— Como se tornou espírita?

— Eu não me tornei espírita. Em toda a vida fui espírita. Porque meu pai já era espírita em solteiro, antes de meu nascimento. Então, me criei nessa doutrina e nunca tive outra.

— Você, quando criança, teve algum fenômeno mediúnic?

— Tive muitos. Minha infância toda foi povoada de grandes fenômenos espíritas. Muitos deles tenho narrado em alguns livros, como em “Recordações da Mediunidade”.

— Entre esses fenômenos, Yvonne, poderia citar aquele que pareceu mais contundente, vamos dizer, mais sensacional?

— Contundente, propriamente, não tenho recordação de nenhum. O mais sensacional e que marcou muito a minha vida foi a visão do Espírito de meu pai na vida passada e que acompanhou a minha infância toda. Ele marcou, de fato, a minha infância, a ponto de eu não reconhecer meu pai da atualidade como pai. Este era um homem que vivia lá em minha casa e que eu não reconhecia como pai. O pai que eu reconhecia era o Espírito, justamente, que eu via em pequena, até, mais ou menos, os nove anos de idade.

— Esse Espírito, você podia observar como se fosse uma criatura encarnada?

— Era um homem! Eu via como sendo um homem, de sobrecasaca, bigode. Um homem do século passado, não um homem moderno. Para mim, ele era uma pessoa, não era um espírito. E também outro espírito que eu via e que marcou, definiu bastante minha vida e até, talvez, o meu caráter, foi o Espírito Roberto Canalejas, que eu via desde pequena e conversava muito com ele. Eu me referia a ele, mas ninguém em casa o conhecia, e isto começou nos meus quatro anos de idade. Quando esses espíritos se ausentavam, principalmente, o pai, eu sofria muito! Chorava. Tinha, mesmo, verdadeiras

crises nervosas por causa da grande saudade que sentia deles. Era um problema para a família. A minha infância foi, então, um problema por causa dessa recordação da vida passada.

— Esse Espírito que se apresentava como seu pai numa vida anterior era visto, também, pelo seu atual pai carnal? E por sua mãe?

— Minha mãe não tinha mediunidade nenhuma. Meu pai via os espíritos. Agora, quem via muito bem esses dois espíritos na minha família, principalmente, o Roberto Canalejas, era um tio que eu tinha. Aliás, esse tio era doente, mas via e descrevia, perfeitamente, esses espíritos. De forma que éramos dois a ver dentro de casa.

— Quer dizer que seu tio morava com você.

— Morava. Ele sempre morou conosco.

— Esses detalhes estão no seu livro “Recordações da Mediunidade”?

— Não. Esses detalhes, não. Eu apenas passei para esse livro detalhes que o Dr. Bezerra de Menezes recomendou que eu passasse.

— Mais uma pergunta muito importante relacionada à sua infância. Ela foi feliz, Yvonne?

— Não, não foi. Não foi feliz devido, justamente, às recordações que eu tinha da vida passada. Fui uma criança que teve uma infância muito rigorosa. Meu pai tinha um sistema de vida patriarcal. Não permitia muita coisa. Então, eu tive uma infância triste. Meus brinquedos... Brinquei com bonecas até os dezessete anos de idade! E era bruxa de pano... Não era boneca cara. Eu não tinha bonecas caras... Eu gostava era das bruxas de pano.

— Seu pai não tinha nessa época boa condição social?

— Não. Meu pai foi sempre pobre. E ele também não se interessava muito pelos meus brinquedos. Agora, a minha avó, mãe dele, é que tomava as providências nesse sentido. Eu fui criada com ela até os dez anos de idade; fui criada mais com ela do que com a minha família...Então, ela é quem via os brinquedos e tudo mais. Tinha dia que eu cismava e ia “assassinar” as minhas bruxas de pano... Então, eu ia à beira do rio Pirai e punha as bonecas todas na água. Gostava de vê-las descer... Era um modo já trágico de encarar as coisas.

— Quando você começou, realmente, a desenvolver a mediunidade?

— Bem, propriamente, nunca desenvolvi a mediunidade. Por-

que antes dos doze anos de idade eu já via os espíritos. Assisti na infância sessões mediúnicas feitas em minha casa. Meu pai me fazia assistir sessões mediúnicas em pequena. E eu via... Até o Dr. Bezerra de Menezes se comunicava. Isso mesmo eu tenho descrito num livro da minha série infanto-juvenil. De forma que eu via espíritos desde criança. Agora, a psicografia... Eu nunca desenvolvi mediunidade de espécie nenhuma! Ela se apresentou naturalmente. Mas aos dezoito anos de idade foi que eu assumi responsabilidade como médium, não só como psicógrafo como de incorporação e outras mediunidades. Assumi responsabilidade de receituário etc. Foi com essa idade; entre os dezoito e os vinte anos.

— Você se referiu ao Bezerra de Menezes. Como foi seu primeiro encontro com ele?

— Bem, meu pai era espírita e freqüentava as sessões lá em casa; nós éramos pequenos... Quando precisávamos de receita pedíamos ao Dr. Bezerra de Menezes e ele dava nas sessões por um médium de São João Del Rey chamado Silvestre. Foi assim que eu comecei com essa intimidade com o Dr. Bezerra de Menezes. Em toda a minha vida ele tem me guiado, aconselhado. Enfim, Dr. Bezerra acabou de me criar e é quem manda na minha vida, quem me dirige é ele.

— Você se referiu que ele acabou de criá-la. Isso quer dizer que seus pais haviam desencarnado?

— Não. Quando meu pai e minha mãe desencarnaram eu já era moça. Eu falei assim de um modo espiritual, moral. A formação do meu caráter foi feita pelo Dr. Bezerra. Segui sempre os conselhos dele. Mas houve outros espíritos que me guiaram, como Bittencourt Sampaio e mesmo Eurípedes Barsanulfo, com quem trabalhei muito, principalmente, em curas de paráliticos.

— Isso, onde?

— Em vários lugares; em Lavras, principalmente.

— Em Lavras? Eu me recordo de uma conversa que tivemos há um ano, quando você me falou em materializações a que teria assistido. Foi em Lavras?

— Foi. As melhores materializações a que assisti foram em Lavras. Como aquelas nunca mais vi, porque não havia nem cabine... A médium era uma senhora, ficava na assistência diante de qualquer

pessoa, apenas com o corpo coberto com um pano preto.

— No campo da psicografia, Yvonne, como foi o início? Quem primeiro se manifestou através dela?

— Foi... Deixe-me recordar... Espere aí. Quem primeiro se manifestou foi minha avó, mãe de meu pai, que me criou. Foi a primeira pessoa que escreveu comigo. Fazia pouco tempo que ela havia desencarnado. Ela deu, espontaneamente, uma mensagem para mim. A segunda vez foi Roberto de Canalejas com uma mensagem sobre o suicídio, dizendo que eu tinha uma tarefa entre suicidas e que ele trabalharia comigo.

— Por que essa tarefa entre suicidas? Saberria responder, Yvonne?

— Sei, porque estou vindo de uma existência em que fui suicida. Então, isto não é missão, não é nada, é apenas uma reparação do meu ato passado.

— Daí, sua afinidade com Camilo Castelo Branco.

— Eu via Camilo Castelo Branco desde a idade de doze anos. Somente eu não sabia que era ele. Mais tarde, quando conheci o retrato dele foi que vi que era o Camilo. Mas, com doze anos de idade, eu morava no sul de Minas, e me recorro de ver o Camilo.

— E a participação de León Denis em sua obra?

— Bem, a participação de León Denis em minha obra... Foi o seguinte. Eu comecei a ler e estudar as obras de León Denis. E ele, num de seus livros (“O Problema do Ser, do Destino e da Dor”) promete a qualquer pessoa que lhe peça o auxílio, quando ele já desencarnado, que ele viria com a permissão de Deus ajudar. Foi o que eu fiz. Pedi o auxílio dele. E eu o tenho como um mestre venerável. Depois de Kardec é León Denis o meu mestre a quem eu mais me apeguei!

— Ele foi o continuador da obra de Kardec.

— Justamente. Há quase quarenta anos eu leio, estudo as obras de León Denis, até a data de hoje. E aconselho a todos, principalmente, aos jovens, que se quiserem conhecer a Doutrina Espírita, legítima, que aprendam com León Denis.

— Kardec e Denis... E Delanne, também, foi uma figura extraordinária.

— Delanne, também, e indispensável, não é? Kardec, Denis,

Delanne e Ernesto Bozzano são indispensáveis para quem queira conhecer a Doutrina Espírita.

— Perfeito. Você, também, está se dedicando à recepção da literatura infanto-juvenil? Isto é verdade, Yvonne?

— É verdade. Eu tenho uma série de livros dedicados à criança já de oito anos para cima, talvez, mais, de nove, dez anos até a juventude. Será publicada pela Federação Espírita Brasileira. É leitura para aprendiz de Espiritismo em qualquer idade.

— É uma coleção. E o autor?

— Bem, a obra veio por intuição, de forma que o espírito não assinou. Mas a supervisão e a orientação são do Dr. Bezerra de Menezes, do León Denis e de um outro que eu não identifiquei.

— Bem, Yvonne Pereira, vejamos um assunto do maior interesse para o nosso público. Vamos nos reportar agora ao seu livro “Memórias de um Suicida”, que é considerado uma obra-prima e que na opinião de Chico Xavier é a obra que melhor retrata a profundidade do Umbral. Você tinha visões durante a recepção psicográfica dessas páginas?

— Tinha. Eu como que vivia dentro delas! Não sei se foi, apenas, uma sugestão do Espírito que revelou ou se, realmente, penetrei naqueles ambientes. Acredito que tivesse penetrado porque também fui suicida. Agora, o livro trata do Umbral, mas particularizando os casos de suicídio. Não é um livro de caráter geral. As visões... eu tinha, tanto que até conheço um trecho de além-túmulo, depois do Umbral, que é uma coisa encantadora, está acima da nossa possibilidade de compreender! É uma dimensão que nós não conhecemos...

— Há tanta gente que pensa em suicidar-se... Dê uma idéia, Yvonne, conte uma dessas visões, uma cena...

— Bem, eu vi muitas cenas, principalmente em um local pior do que o Umbral descrito por André Luís. Uma promiscuidade entre os suicidas... Enfim, até cenas... Não sei como dizer... Até a própria imoralidade eu contemplei ali! São cenas pavorosas que poderiam nos enlouquecer.

— São espíritos endividados.

— É, endividados. Ali trabalha muito a mente. Por exemplo, uma das piores cenas que vi foi um espírito naquele pesadelo de querer fugir de um trem e não poder... Querer afastar aquela visão sem

conseguir e ser colhido pelo trem. É o gênero de suicida que eu assisti pior que todos! É o que mais choca a pessoa, o mais desesperador para o espírito.

— Quer dizer que a imagem, o ato do suicídio, ficou na mente do espírito.

— Ficou na mente do espírito e se repete, indefinidamente, até que passe aquele pesadelo... Ele, então, quer fugir, não pode, se vê aos pedaços e ao mesmo tempo se sente vivo... É um caso desesperador que Dante se esqueceu de narrar...

— Neste final de entrevista, Yvonne, gostaria de contar mais alguma coisa? Algum caso pitoresco, talvez...

— Pitoresco, propriamente não... Eu tive sempre uma vida triste. Você acha que um suicida reencarnado pode ter uma vida de alegria, com fatos pitorescos? Não sei se tive, com franqueza; não me recordo de nenhum.

— Em outra oportunidade você se referiu à presença de Chopin. Quer contar como foi isso?

— Bem, a primeira vez que eu vi o “Frederique”, como ele é chamado no Além-Túmulo, foi no ano de 1931. Depois, passei muito tempo sem ver. Foi quando comecei a escrever “Amor e Ódio”, aquele romance. Eu vi o Chopin nessa ocasião. Depois desapareceu. No ano de 1957, estando eu em Belo Horizonte no dia 3 de janeiro, vi o Chopin materializado, perfeitamente, no meu quarto de dormir. Conversamos muito, e daí para cá tenho visto com mais frequência. Mas ele não gosta que eu conte isso aos outros. Não gosta e me pede sempre segredo quando ele se manifesta.

— Houve alguma ligação em vidas anteriores com esse Espírito maravilhoso?

— Não, não creio que houvesse, não. Porque quem não ama Chopin ouvindo as músicas dele? Eu acho que um médium é para isso mesmo! É pra saber as coisas do Além-Túmulo e transmitir. É possível que no Além-Túmulo tenha havido um conhecimento meu e de Chopin... Mas, em existências passadas, não sei. Agora, eu vivi na época de Chopin. E é possível que eu o tivesse conhecido na França porque a França, para mim, é minha pátria.

— O que teria sido você nessa vida anterior, na França?

— Bem, eu não vivi na França. Eu vivi na Espanha. Mas é

possível que eu tivesse conhecido a França dada a fascinação que eu tive pela França. Eu fui na vida passada uma pecadora; no bom sentido... Pecadora no bom sentido. Fui uma pessoa que faltou com os deveres perante Deus e perante o próximo. Tive um pai excelente; tenho saudade dele até hoje e até hoje eu o considero um pai. É esse Charles, que me dá os livros! É ele.

— Qual o nome completo?

— Eu não sei o sobrenome dele.

— Não deu o sobrenome.

— Não, não dá. Ele dá o nome de Charles, mas não foi esse o nome na última existência dele. Na última existência ele foi espanhol. Essa existência ele a teve na França no século XVI, em que se chamou Charles.

— Neste final de entrevista, Yvonne, dê sua mensagem de fé e esperança.

— O que eu posso dizer é que a Doutrina Espírita é, de fato, o Consolador. Seja qual for o problema que nos aflija, encontraremos nessa doutrina a solução, o grande consolo para a nossa vida e forças para continuar a nossa existência no caminho aconselhado pelo Evangelho. E, se for possível, também, eu aconselharia aos jovens a amar muito a mediunidade e a ter cuidado com ela; não forçar, de forma alguma, o seu desenvolvimento. A mediunidade tem de vir, naturalmente, sem a pessoa forçar. Porque é, justamente, essa insistência em querer desenvolver uma mediunidade que, às vezes, nem existe, que tem dado essa deficiência nos médiuns, o que nós temos presenciado ultimamente. Preparar a mediunidade com a prática do Bem, da caridade, o estudo, e deixar que ela se apresente, naturalmente. Porque é assim que se cultiva a mediunidade. Aliás, no sexto livro da série infanto-juvenil há esses conselhos aos jovens. Não é, propriamente, um conselho porque não tenho a pretensão de aconselhar aos meus irmãos. É a orientação que eu recebi dos Guias Espirituais quando comecei a trabalhar. Eu aconselharia isto: não forçar, não insistir, deixar que a mediunidade se apresente, naturalmente. Para terminar, desejo muita paz, muito amor aos meus amigos, à família espírita de São Paulo. Todos são incansáveis em me demonstrar muito carinho e muito afeto.

10

DUAS MÉDIUNS PICTÓGRAFAS E UMA MENSAGEM ESPECULAR

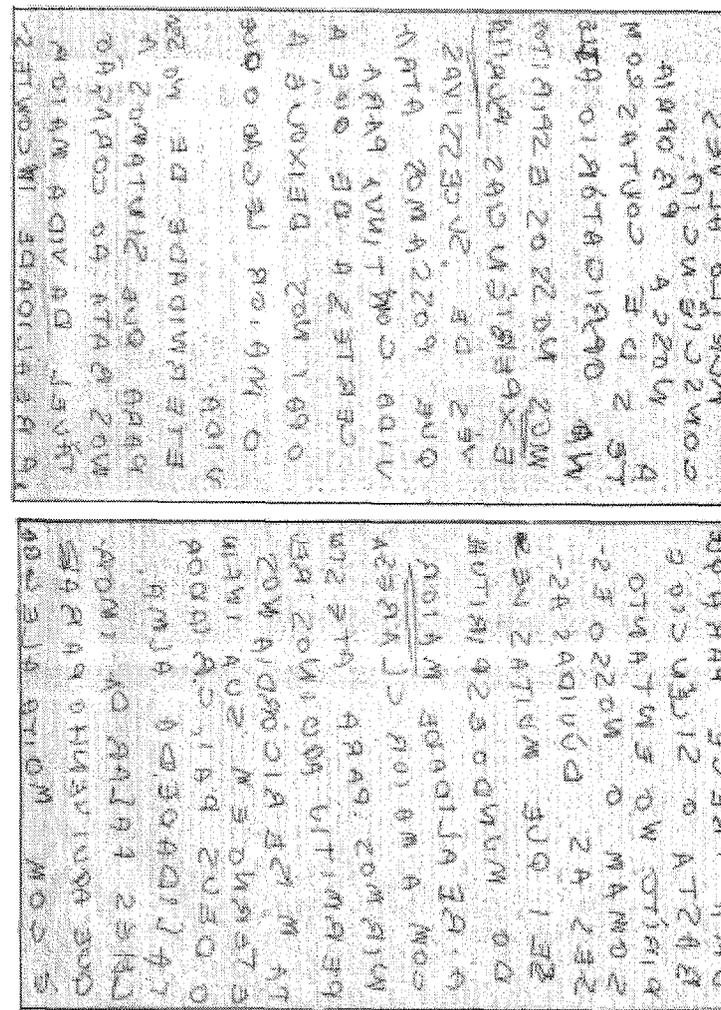
Tive a satisfação de receber em minha casa a médium Cléobe Brandão acompanhada de seu noivo. Formada em pedagogia nas Faculdades Metropolitanas Unidas, em 1973, é professora de deficientes auditivos na Escola Estadual “Buenos Aires”, em São Paulo. E, diga-se já, nunca freqüentou cursos de pintura ou desenho. Cléobe começou o desenvolvimento da mediunidade psicofônica em São Caetano do Sul, em 1973, no Centro Espírita Irmã Clara, sob a coordenação de Elvira Guerra. Passou, depois, a freqüentar o Centro Espírita André Luís, no bairro de Santana, em São Paulo, onde fez um curso sistemático de Espiritismo. É, portanto, médium conscientizada de seus deveres. Foi em julho de 1977 que começaram os seus primeiros ensaios de psicopictografia com lápis-cera e lápis preto comum. Psicopictografia é a faculdade mediúnica em que o médium, sob a ação de Espíritos, produz pintura ou desenhos. Os pintores do Além passaram, então, a fazer com a médium exercícios de coordenação motora com ambas as mãos. Depois, vários se identificaram, embora não assinem com o nome que tiveram quando encarnados. Confesso não ser “expert” em pintura, mas a verdade é que as telas mediúnicas de Cléobe impressionam. Elas ilustram temas como a reencarnação, a obsessão etc. Detalhe importante: o lucro da venda dos quadros a médium transfere para instituições de caridade destinadas a recolher velhinhos e crianças. Com Cléobe Brandão a psicopictografia ganha impulso. Algumas dessas telas atin-

gem o objetivo supremo, que é provar a comunicabilidade dos Espíritos com o mundo físico.

Vejamos a médium Patrícia dos Santos.

Foi em 1985, quando estive em Maceió por ocasião de um ciclo de palestras doutrinárias na Universidade Federal de Alagoas, que conheci a Sra. Patrícia, jovem paulista de vinte anos, estudante de Direito e esposa do confrade Ricardo José dos Santos, um dos mais conceituados cardiologistas nordestinos. O casal hospedou-me e, então, Ricardo dos Santos contou-me que se tornara espírita porque Patrícia vinha apresentando curiosos fenômenos mediúnicos. Mas o primeiro fenômeno ocorrido no apartamento não se deu com Patrícia e, sim, com a empregada, de nome Tereza, a qual durante semanas sofreu violentas agressões físicas por parte dos Espíritos e cujas marcas ficavam em seu corpo. Patrícia via os obsessores caminharem pelo apartamento. Ricardo Santos, atônito, procurou ajuda na Federação Espírita de Alagoas e aí conheceu o odontólogo Gilvan Cardoso, diretor dos trabalhos mediúnicos daquela instituição. Tereza logo libertou-se de seus agressores espirituais e Patrícia, então, revelou-se médium desenhista e psicógrafa. Temos de destacar o fato de que os Espíritos, usando a mediunidade de Patrícia, deram provas de sua presença através de façanhas bem curiosas. Por exemplo: a concepção do desenho “O Contorcionista”, atribuído ao Espírito Picasso. A posição desse contorcionista é incrível e chega a nos provocar o riso; e seu sorriso, suavemente irônico e fraterno, estabelece uma vibração de simpatia entre ele e o público!

Outra façanha, não menos surpreendente, temos em uma mensagem que Patrícia psicografou às avessas que só pode ser lida com o auxílio de um espelho e, por isso mesmo, tem de ser classificada de “mensagem especular”— especular e, evidentemente, espetacular... Chico Xavier fez o mesmo em 1937 na Sociedade Metapsíquica de São Paulo na presença de seiscentas pessoas e em inglês, língua que ele desconhecia. A mensagem psicografada por Patrícia, no entanto, começa de baixo para cima! E da direita para a esquerda, em ordem inversa. E ocupa duas laudas... Ela se inicia, pois, na última linha da segunda lauda. E a assinatura do Espírito, encerrando-a, vem na primeira linha da primeira lauda. Esse curioso engenho psicográfico obtido em sessão na Federação Espírita do Estado de Alagoas parece



Mensagem especular (só pode ser lida com o auxílio de um espelho).

uma façanha até então inédita. Tratamos de seu aspecto formal, mas o conteúdo merece, também, ser posto em evidência. Eis o que a caneta esferográfica, manipulada pelo Espírito Murilo Alves, escreveu da direita para a esquerda e de baixo para cima, sem que Patrícia, em transe, tomasse conhecimento:

É com muita alegria que aqui venho para lhes falar da imortalidade da alma. O Deus Pai, Criador Eterno, em sua infinda misericórdia nos permitiu aqui nos reunirmos para atestar com a maior clareza a realidade maior do mundo espiritual. Sei que muitas vezes as dúvidas assomam o nosso espírito, no entanto basta o silêncio e uma prece para que a realidade incontestável da vida nos bata ao coração para que sintamos a eternidade de nossa vida. O maior legado que o Pai nos deixou é a certeza de que a vida continua para que possamos através de sucessivas experiências burilarmos nossos espíritos no obrigatório ajuste de contas com a nossa própria consciência.

11

O INCRÍVEL CORNÉLIO PIRES

Cornélio Pires nasceu em 13 de julho de 1884 em Tietê e desencarnou em 17 de fevereiro de 1958. Tinha, pois, 74 anos de idade incompletos. Primo de Herculano Pires e homem dos sete instrumentos, o incrível Cornélio Pires foi jornalista, escritor, poeta, editor, cineasta, humorista profissional, conferencista e folclorista emérito. Autor de vinte e cinco livros, a maioria escrita em dialeto caipira, foi Cornélio Pires um dos escritores mais populares de seu tempo. Sobre ele escreveu o célebre historiador da literatura brasileira Sílvio Romero:

“Apreciei bastante o chiste, a cor local, a graça, a espontaneidade de suas produções, que, além do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo dos brasileirismos da nossa linguagem.”

Não obstante os cinqüenta discos que gravou, os vinte e cinco livros que mereceram elogios de Oswald de Andrade, João Ribeiro, Martins Fontes, Paulo Setúbal, Cândido Figueiredo (o famoso dicionarista e gramático português) e os quarenta anos que gastou fazendo palestras humorísticas e educativas em cinemas, teatros e salões por quase todo o Brasil, após o desencarne Cornélio Pires caiu em total esquecimento. Mas, pouco a pouco, seu nome começa a surgir. Já foi biografado duas vezes — e de maneira magistral. “A Vida Pitoresca de Cornélio Pires”, escrita por Joffre Martins Veiga e “Cornélio Pires, Criação e Riso”, de Macedo Dantas, são fundamentais para o conhecimento perfeito da vida e da obra do grande folclorista paulista.

Cornélio Pires faz parte da cultura nacional. E, por isso mesmo, a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de São Paulo patrocinou a “Semana Cornélio Pires”, através do decreto nº 48.226 e a Paulistur, em boa hora, criou, dentro do Jardim da Luz, a “Praça Cornélio Pires”, inaugurada com grande festa. A Câmara Municipal de São Paulo, por sua vez, em 1982 instituiu o “Dia dos Cantores e Compositores Sertanejos” – 13 de julho, ou seja, dia e mês em que Cornélio Pires nasceu. Em 1983 e 1984 foi essa data comemorada na Praça da Sé com discursos e muita música sertaneja em um palanque armado em frente da Catedral de São Paulo e com a presença de milhares de pessoas. Em 1983, a convite da Associação dos Compositores Sertanejos participei da comemoração, falando ao povo sobre Cornélio Pires e o Espiritismo.

Foi em 1940 que Cornélio Pires, educado em meio protestante, converteu-se ao Espiritismo. Quatro anos depois publicava “Coisas d’Outro Mundo”, com capa do genial Belmonte e “Onde Estás, ó Morte?”, um álbum com fotografias de espíritos materializados, conselhos, comentários etc. Infelizmente, Cornélio Pires não teve tempo de concluir “Coletânea Espírita”. Desencarnou. Vale a pena destacar alguns trechos do emocionante depoimento sobre sua conversão ao Espiritismo inserido no livro “Coisas d’Outro Mundo”. (*)

Conta ele que:

“Andando sempre muito doente, constantemente atordoado, comprei uma caixa de “Eparsono” e fui tomar a primeira injeção. Eu e o farmacêutico ficamos impressionados: três agulhas foram entortadas. Não penetravam na carne. Eu não quis mais saber de histórias... Apesar de não ser supersticioso, disse logo ao boticário:

— *“Aqui tem coisa...”*

E Cornélio Pires narra o que aconteceu em São Carlos:

“Nessa cidade, eu, que não visitava ninguém, senti irresistível vontade de ver meu amigo Lobo e lá fui à sua casa. Palestrávamos, quando chegou um pretinho, cozinheiro, o Alfredo

(*) Este belíssimo depoimento está, também, publicado na íntegra em “Escritores e Fantasmas” de J. Rizzini. Ed. Espírita Correio Fraternal do ABC, 2ª Ed., jun. 1992, às págs. 123/128. (N. Editor).

e que foi muito festejado pelos donos da casa. O Lobo me disse imediatamente:

— *“Este é um médium sonâmbulo formidável.*

“Brinquei com o amigo:

— *“Cuidado que o Juqueri está lotado...”*

“Mas, assustado, vi o Alfredo entrar em convulsões e logo o Espírito, depois de nos saudar, disse:

— *“Aqui, o meu amigo da esquerda – indicando-me— fez bem em não tomar injeções; aquilo é arsênico e o irmão tem o fígado em péssimo estado – e receitou-me chá de uma planta medicinal; contra a dispepsia deu-me pele de moela de frango reduzida a pó impalpável – dizendo-me que, vivendo eu em hotéis, me seria fácil conseguir as moelas.*

“Fiquei impressionadíssimo com o caso, pois nem ao Lobo contara o caso das injeções. Desde então comecei a me impressionar cada vez mais.”

Vejamos o que aconteceu no dia seguinte em Novo Horizonte.

“Assim que chegamos, tomei de minha maquininha fotográfica 6x9 e no quintal, junto ao automóvel, deu-me na fantasia mandar José ‘bater’ uma chapa. Outra surpresa: feita a revelação e tirada a cópia, aparece-me sobre a cabeça, firmando os pés trazeiros em minha testa, vendo-se-lhes as serrilhas das pernas, uma barata! Medida a proporção de seu comprimento seria do tamanho do meu rosto...”

— *“Aqui tem coisa, seu Zé!— exclamei, desconfiado.”*

E Cornélio Pires continuou viajando. Vejamos o que lhe aconteceu em Ponta Grossa.

“No hotel do Bismara contava eu o caso da fotografia, quando um senhor de certa idade, a meu lado, pediu-me para vê-la. Notei que o homem (hoje meu bom confrade João Viana) estava como que concentrado com a fotografia na mão. Com voz grossa e amiga, disse-me:

— *“É uma troça inocente...”*

“Percebendo que se tratava de um médium, pedi:

— *“Escreva isso nas costas da fotografia...”*

“Tomando de um lápis escreveu: ‘É uma troça inocente. Emílio’.

“Seria meu Emílio de Menezes? E antes que eu perguntasse, respondeu-me: ‘Sim, sou quem estás pensando’.”

Em Curitiba outra agradável surpresa mediúnica aguardava Cornélio Pires.

“Fui apresentado ao Hugo Marçal e subimos ao meu quarto no Brás-Hotel, onde hoje funciona o Majestoso. Logo que entramos, Hugo ficou tomado do Espírito, de surpresa e empunhando o lápis, abriu meu bloco e escreveu de diante para trás, assinando.

“Fui ao espelho. Ó maravilha! Dizia o bilhete: Amigo Cornélio. Abraços e não beijos; eu não te beijaria nem por um conto. Emílio.”

“Ora, eu nem tempo tivera para contar o caso de Ponta Grossa. Lembrei-me logo de conferir as assinaturas: perfeitamente iguais.”

Cornélio Pires se tornara amigo do grande poeta espiritualoso Emílio de Menezes em 1918, no Rio de Janeiro. A amizade durou, porém, meses, pois Emílio veio a desencarnar. Vinte e dois anos depois, no entanto, eis que ele se manifesta de maneira risonha e através de dois médiuns que não se conheciam, a fim de melhor poder “empurrar” seu velho amigo para o Espiritismo!

Atentem os leitores, agora, para o fato de que Cornélio Pires sempre foi um homem bom. Os que conviveram com ele, como Paulo Setúbal, Amadeu Amaral, Afonso Schmidt e tantos outros escritores, são unânimes em afirmá-lo. Leia-se a propósito o que escreveu Joffre Martins Veiga, seu primeiro biógrafo (vide “A Vida Pitoresca de Cornélio Pires”, Edições “O Livreiro”, 1961, pág.31):

“Ninguém amou tanto sua gente como Cornélio Pires; ninguém se preocupou tanto com seus semelhantes como esse homem, que foi, antes de tudo, um bom. A bondade foi o traço característico de sua individualidade, sublinhada com o despreendimento material. Alma simples, coração maior do que o corpo, ele vivia eternamente preocupado com a felicidade e o bem-estar dos outros. Era um coração aberto, sempre pronto para servir a todos que dele se aproximassem. Impressionava pelo calor humano que inspirava. Nunca negou nada a ninguém. Seu jeito simples, sua fala mansa, sua fisionomia bonacheirona, revelavam bondade, irradiavam simpatia, infundiam confiança...”

Aí está o retrato psicológico de Cornélio Pires. A bondade foi o traço característico de sua individualidade, diz Joffre Martins Veiga. E, por isso mesmo, por ser um Espírito bom e feliz é que remeteu da Espiritualidade versos consoladores, instrutivos e até humorísticos... E, do ponto de vista formal, superiores aos que escreveu na Terra, o que se explica pelo fato de que sua vida foi atribulada demais! Ele exerceu inúmeras atividades e, assim, não tinha tempo para burlar suas produções literárias...

Para satisfazer a curiosidade dos leitores vamos apresentar algumas mensagens poéticas do Espírito Cornélio Pires. Trata-se de versos espontâneos, sonoros, com rimas ricas, magistralmente metrificadas. O leitor afeito à poesia há de notar que o estilo cornelianiano é sempre o mesmo.

Veja-se o soneto “Partida de Nhá Cota” psicografado por Chico Xavier:

*Sigo com o povo o enterro de Nhá Cota,
Fazendeira mandona, viúva e rica...
Tanta reza na Mata da Mumbica!...
Nunca se viu sovina tão devota.*

*Contava e recontava prata e nota,
Brigava por restolho de canjica...
Bebeu muito remédio de botica,
Mas morreu na tigela de compota.*

*Baixado o corpo à cova grande e calma,
Procuro ver Nhá Cota em véu e palma,
Subindo ao céu, na capa de ouro e renda...*

*Mas, só depois de muito pega-pega,
Fui encontrar Nhá Cota, surda e cega,
Agarrada no cofre da fazenda...*

Note o leitor que nos quatorze versos de um soneto está todo um romance...

O soneto “Paixão de ‘Sá’ Biluva” é outra obra-prima mediúnica de Cornélio Pires obtida por Waldo Vieira ao tempo em que psicografava ao lado de Chico Xavier em Uberaba (vide “O Espírito de Cornélio Pires”, edição da FEB):

*João da Mata espichou no boqueirão.
Tirava pau no Morro do Esqueleto
Para o serviço novo do coreto,
Caiu, gritou... Morreu de supetão.*

*“Sá” Biluva na Roça do Pilão,
Magrela de paixão que nem graveto,
Vivia a reclamar, toda de preto:
“— Quero ver João, meu Deus! Quero ver João!...”*

*O Espírito de João, com dó da viúva,
Veio uma noite e disse: “- ‘Sá’ Biluva,
Não chore, minha velha! Eu não morri!...”*

*Mas Biluva, assungando a cruz de ferro,
Rebolou no colchão, soltando um berro:
“— Te arreneço, capeta! Sai daqui!...”*

Em 1970 psicografamos o livro “Antologia do Mais Além”. Entre os quarenta e tantos poetas que visitaram nosso lar encontrava-se Cornélio Pires. Ele nos transmitiu inúmeros sonetos. “Zé Pavão” é um deles. Ei-lo:

*Morreu Zé Pavão, médium obsedado.
Seu duro obsessão sempre lhe dizia:
“Allan Kardec está já superado...
E ler o Evangelho, isso é mania!*

*Você, Pavão, nasceu iluminado...
E eu sou sábio hindu, seu grande guia;
Apontemos ao mundo o que é errado...
Abaixo, meu Pavão, a velharia!”*

*E Zé Pavão jogou Kardec fora.
E assim foi indo até que veio a hora!
Um dia, quando estava em alta escada,*

*O obsessão, em verdade, um botocudo,
Aplicou-lhe, feroz, um bom cascudo,
E Zé Pavão morreu de cabeçada!*

E, para finalizar, aqui estão como amostras três quadras do incrível e maravilhoso Espírito Cornélio Pires.

A primeira foi captada pelo Chico Xavier:

*Li num sepulcro de pedra:
— Aqui jaz Maria Gaza.
Era mendiga na rua,
Com cinco milhões em casa.*

A segunda veio pelo Waldo Vieira:

*Grande inscrição de lembrança
Na campa do João de Sousa:
Afinal aqui descansa
Quem nunca fez outra cousa.*

E através de nossa psicografia:

*Era um grande espertalhão.
Dizia: “— Ninguém me logra!”
No entanto, carrega a filha,
Sem notar que é sua sogra...*

Este trabalho foi publicado pela primeira vez no jornal “Correio Fraternal do ABC”, em setembro de 1984, quando se comemorou o centenário de nascimento do inesquecível Cornélio Pires.

12

CAMINHOS ESPIRITUAIS NA EUROPA E ÁSIA MENOR

Em 1990 pretendíamos, eu e minha esposa Iracema Sapucaia, visitar a Europa, incluindo no roteiro, desta vez, a Grécia, mas, os amigos espirituais interferiram sem que percebêssemos e eis que, de súbito, sem nenhum preparo psicológico viajamos, também, para a Ásia Menor, onde nos aguardavam (quem diria?) duas fantásticas surpresas. Não nos precipitemos, porém, nesta narrativa. Porque antes de pisarmos o velho solo asiático tivemos, também, gratas surpresas espirituais em Portugal, Espanha, França e Grécia que merecem alguns comentários.

O RESSURGIMENTO DO ESPIRITISMO NA ESPANHA

O ex-presidente da Federação Espírita Espanhola, Rafael Gonzalez Molina, viveu dez anos em São Paulo, onde passou dificuldades. Vendia roupas nas feiras livres. Progrediu e, mais tarde, montou um estúdio fotográfico. Era materialista, mas um amigo seu converteu-o à Doutrina Espírita e Molina começou a frequentar um centro espírita e os cursos da Federação Espírita de São Paulo. Em certo dia, porém, sem que houvesse motivo especial foi viver, novamente, na Espanha. Transferiu-se com os familiares para Madri. E angustiou-se. Duzentos centros espíritas, editoras e jornais doutrinários haviam desaparecido com a Guerra Civil e a feroz ditadura do general Franco – ditadura vinculada ao Catolicismo. Era tão forte o vínculo, que cada padre recebia do governo uma gorda pensão mensal...

Mais de trinta anos de obscurantismo na Espanha! Nessa época retrógrada proibira a polícia reuniões com mais de dez pessoas, ainda que a finalidade fosse filantrópica. O autor deste livro constatou o fato quando em 1970 fez palestras espíritas em Madri em locais secretos... A liberdade voltara a reinar somente em 1975 com o desencarne do temível general Franco. Então, as pessoas que se proclamavam espíritas misturavam Espiritismo com astrologia, quiromancia, bruxaria etc. E, nesse ambiente de tamanha confusão, já começavam a aparecer os charlatães da mediunidade — e os que faziam de seus reais dons mediúnicos um negócio lucrativo. Molina conseguiu, porém, formar pequeno círculo kardecista, enquanto outros apareciam, espontaneamente, no interior do país. A legalização do Espiritismo em seu tríplice aspecto — ciência, filosofia e religião — só viria em 1981. Era inegável que os Espíritos Quintin Lopes, Amália Domingos Soler (a sublime Amália), Miguel Vives e Fernández Colavida, entre outros missionários da Espiritualidade Superior, inspiravam aqueles nossos companheiros. E, para coroar o ressurgimento do Espiritismo na Espanha, o Grupo Villense (grupo espírita de jovens cultos residentes na cidade de Villena, Alicante) organizou o Congresso Nacional de Espiritismo, que atraiu representantes das principais instituições espíritas europeias e sul-americanas e que repercutiu, fundamentalmente, em todo o território espanhol.

Bendita doutrina que alimenta o intelecto e aquece os corações!

O memorável congresso realizou-se em Madri no mês de outubro de 1981 — exatamente (anote, leitor) 120 anos após o “auto-de-fé de Barcelona”, quando cerca de trezentos livros espíritas remetidos por Allan Kardec ao escritor e livreiro Maurice Lachâtre foram queimados em praça pública pelo bispo de Barcelona.

E a contribuição dos oradores sul-americanos na divulgação do Espiritismo na Espanha? — perguntará o leitor estudioso.

Tem sido excelente, mas seria pretensão demais afirmar que o Espiritismo ressurgiu na Espanha ou França porque alguns oradores estrangeiros fizeram palestras nesses países. Palestras são como fogos de artifício — iluminam, mas... por breves minutos. A palestra ajuda, é inegável, mas o que faz o movimento espírita expandir-se, tornar-se poderoso, é o trabalho sistemático nos centros espíritas de cada cidade, dia a dia, sem esmorecimento, nos diversos setores, além

da publicação de livros, jornais, revistas e o estudo disciplinado das obras de Allan Kardec — estudo que deveria ser feito, sempre, com a participação ativa das lideranças. Ninguém, jamais, conhecerá o Espiritismo ouvindo, ocasionalmente, uma palestra. Além do que — diga-se já — palestras doutrinárias jamais fizeram conversões em massa.

Quem tanto trabalha pela implantação da Doutrina Espírita tem de ser, evidentemente, defensor da pureza doutrinária. Defensor de Allan Kardec. Quando a imprensa espanhola, responsabilizando o Espiritismo, divulgou que na cidade de Granada uma mulher perdera a vida durante práticas satânicas (...) a Federação Espírita Espanhola remeteu aos jornais e revistas, pedindo publicação, uma carta refutando o envolvimento de espíritas. “Não são espiritistas os que lucram, exploram ou enganam em nome do Espiritismo. Os que se ocupam de cartomancia, exorcismos, sortilégios, adivinhações, para ludibriar os seus semelhantes.” E mais: “Somos contra o fanatismo, os rituais, sacrifício de animais e seres humanos; tudo o que vai contra a lógica e o bom senso é denunciado pelo Espiritismo, o que nos leva a dizer que os espíritas são amantes da Verdade e por sua implantação lutam e trabalham.”

Rafael Molina é um batalhador. Foi, pois, com prazer que o abraçamos na sede da Federação Espírita Espanhola, onde a pedido seu assumi a tribuna em duas noites.

MANTIDO O SILÊNCIO SOBRE J. B. ROUSTAING

Após visitar Barcelona e Valência penetramos em território francês. Em Bordéus iniciei uma pesquisa sobre J. B. Roustaing, o malogrado compilador de “Os Quatro Evangelhos”, obra mediúnica que ridiculariza Jesus e que Allan Kardec combateu em vida. No entanto, a Biblioteca Pública e a administração do mais antigo cemitério de Bordéus, onde pensava eu obter informações sobre Roustaing, tinham a porta trancada — a biblioteca porque estava sendo transferida para outro local, e a administração do cemitério porque aquele dia era feriado. Quanto tempo perdido! Mas resolvi prosseguir com a investigação. Eu iria à Associação dos Advogados de Bordéus, em cujo arquivo, certamente, haveria uma ficha biográfica sobre Roustaing. No dia seguinte, todavia, a cidade estava como que morta. Era do-

mingo! E eu julgara ser segunda-feira... Três frustrações! Teria a Espiritualidade algo a ver com elas? Lembrei-me de que Manuel de Abreu, meu Espírito-Guia, mostrara-se em São Paulo descontente com meu plano em vasculhar em Bordéus a vida de J. B. Roustaing. O Guia, bondoso, nada me dissera, mas fez-me *sentir* sua desaprovção. Na França foi que Manuel de Abreu me transmitiu a seguinte explicação:

— Penso que a vida particular de Roustaing não deve vir a público. Esse espírito já sofreu muito e merece nosso respeito. O roustainguismo, sim, por denegrir o Cristo deve ser, tenazmente, combatido.

Manuel de Abreu, como sempre, tinha razão. Assimilei a lição. E embarcamos em um trem com destino a Tours – a bela e tranqüila cidade onde nasceu e viveu León Denis, que, juntamente com Gabriel Delanne, consolidara o Espiritismo no mundo.

VISITA AO TÚMULO DE LEÓN DENIS

Em Tours hospedamo-nos em um hotel que distava, apenas, dez minutos a pé da União Espírita Francesa. Coincidência providencial! Fomos, portanto, visitá-la no mesmo dia em que desembarcamos. A União Espírita Francesa e Francófônica foi fundada em 17 de junho de 1985 com a missão de fazer ressurgir na França e em países de língua francesa o Espiritismo codificado por Allan Kardec, o que equivale a dizer, o Espiritismo autêntico. Essa árdua missão vem sendo cumprida, e muito bem, pois os livros de Kardec já estão publicados por quatro editoras francesas não espíritas. A União Espírita Francesa, por sua vez, já iniciou a publicação dos opúsculos de Kardec.

Recepção carinhosa nos esperava por parte dos confrades Nathaliè Eclache e Jean Claude Roche, Cristiane Brageul e Jacques Pironneau, estes dois últimos assessores diretos do presidente da União, Roger Perez, que se encontrava em Lyon e com quem conversei pelo telefone. No dia seguinte ele estaria em Tours. Jacques Pironneau, vendo nosso interesse em visitar o túmulo de León Denis, prontificou-se em levar-nos em seu automóvel. O túmulo do mestre encontra-se na quadra 39 do Cemitério La Salle. Lê-se na lápide de mármore cinzento-claro a seguinte frase: *O Espiritismo nada im-*

põe, ensina. Iracema fotografou-o. Essa visita ao túmulo de León Denis marcou nossa sensibilidade. Temos pelo extraordinário mestre – como, aliás, os espíritas do mundo inteiro – profunda admiração. Percebe-se o Espírito Superior pela sua bondade e sabedoria. Ora, a sabedoria está presente em todas as obras de León Denis. Sabedoria sempre banhada pela bondade. Não conheço na literatura espírita mundial quem escreva com tanto amor quanto o mestre francês. E León Denis possui outra característica rara — seus livros, além de sabedoria e amor, jorram poesia pura! Poesia que não está no mero agrupamento harmônico das palavras e, sim, em idéias, quer filosóficas quer científicas. E, mais ainda. Que estilista notável! Suas frases, admiravelmente construídas são elegantes, aveludadas, musicais para quem tem ouvidos interiores... Outros autores foram, também, admiráveis, mas, na literatura nossa, ninguém se lhe compara. Dizia Conan Doyle, o festejado escritor inglês, com total razão, que “León Denis seria grande em qualquer literatura”, caso houvesse escrito obras leigas.

Pagamos, aqui, parte de nosso tributo ao mestre.

O RESSURGIMENTO DO ESPIRITISMO NA FRANÇA

Conheci Roger Perez na Rua Doutor Fournier, nº1, sede da União Espírita Francesa. Aparentava sessenta anos de idade. Culto, dotado de inteligência ágil e intuição aguda, preside a União Espírita Francesa, mas já foi vice-presidente da Confederação Espírita Européia.

Conversamos oito horas seguidas. Almoçamos e jantamos juntos na própria União, graças à eficácia de Cristiane Brageul, presidenta do “Centre de Doctrine et d’Initiation Spirite Christique”. É interessante registrar, aqui, que Roger Perez demonstrou estar melhor informado sobre o movimento espírita brasileiro do que muitos de nossos confrades. Surpreendeu-me ao referir-se com detalhes aos aspectos positivo e negativo de determinados médiuns e instituições brasileiras.

Ao saber que tinha eu o objetivo de adquirir livros sobre Augustin Lesage – o célebre médium-pintor francês que expusera seus quadros geniais no Salão dos Artistas Franceses e que trabalhara longos anos como operário em mina de carvão – Roger Perez pediu a Cristiane Brageul que tirasse de uma das estantes da sala um grosso volume,

que me entregou. Era o livro que eu procurara, em vão, nas livrarias de Bordéus! Continha grande quantidade de fotografias de quadros de Lesage. E Roger Perez ofereceu-me mais dois livros sobre a vida e a pintura egípcia desse extraordinário médium. Um deles analisava-o de acordo com os princípios espíritas. Iracema prometeu traduzi-lo para o português.⁽¹⁾

Faltava agora os Espíritos colocarem diante de meus olhos, pelo menos, uma tela de Augustin Lesage. Contemplá-la, que prazer! Mas sabia eu que encontrar hoje quadros de Lesage no extenso território francês era o mesmo que achar uma agulha no palheiro. No entanto, isso aconteceria, dias depois, graças à generosidade de nossos Amigos Espirituais, entre os quais o próprio Augustin Lesage. Contarei mais adiante como o fato se deu.

Os espíritas brasileiros ignoram as dificuldades que Roger Perez enfrentou para restaurar o movimento espírita na França, o qual estava (é bem o termo) apodrecido há mais de meio século em suas bases. Na verdade, o problema maior de Roger Perez foi... André Dumas. Deve-se a Dumas o desaparecimento da antiga “União Espírita Francesa” fundada por Gabriel Delanne e a esposa de Allan Kardec, Sra. Amélie Boudet. E, talvez mais doloroso é o fato de que seu prédio foi vendido e Dumas, com o dinheiro apurado, instalou (é espantoso) uma instituição de caráter parapsicológico – a “União Científica Francófônica para a Investigação Psíquica e o Estudo da Sobrevivência”. E não é só. A tradicional “Casa dos Espíritas”, instalada em um andar inteiro de belíssimo edifício em Paris teve, também, triste fim. Sua sede foi vendida, embora houvesse sido doada pelo generoso pioneiro espírita Jean Meyer, em 1923.

“Apesar destes golpes dolorosos (escreveu Roger Perez) que causaram grande satisfação aos detratores do Espiritismo em seu país de origem, reconstruímos a União Espírita Francesa sobre suas bases originais, além de fazer reaparecer a ‘Revista Espírita’ fundada por Allan Kardec.”

(1) Trata-se da obra “O Fantástico Augustin Lesage”, tradução de Iracema Sapucaia. Ed. Correio Fraternal do ABC.

Não se pense, contudo, que o reaparecimento da Revista fundada pelo Codificador foi tranqüilo. André Dumas, mais uma vez, investiu contra o Espiritismo. Julgando-se ainda detentor dos direitos de propriedade da marca “La Revue Spirite” – publicação que ele deixara de editar há longos anos – ameaçou o presidente da União Espírita Francesa e Francófônica por desejar reativá-la. Roger Perez, então, fez o que lhe competia: moveu uma ação judicial contra André Dumas; e o Tribunal de Meaux, no dia 23 de março de 1989, transferiu para a União os direitos de propriedade da famosa revista.

Assim agem os que, verdadeiramente, são fiéis à Falange do Espírito de Verdade.

— Como se tornou espírita? Perguntei, iniciando uma entrevista com Roger.

— Sou espírita há quarenta anos. Desde pequeno havia em minha casa fenômenos. Meu pai era médium. Ele descobria lençóis de água embaixo da terra, através da “rãdomancia”, que é uma forma de mediunidade.

— Clarividência.

— Sim. Quando eu tinha dezessete anos de idade encontrei um rapaz que me falou de Kardec e deu-me “O Livro dos Espíritos”. Quando me pus a lê-lo pareceu-me que já o havia lido! E, aos vinte anos, encontrei, então, um centro – o centro de Casablanca, que havia sido fundado pela Sra. Maria Munhoz, extraordinária médium de cura que via os Espíritos. Essa mulher não se alimentava. Ficava três meses em jejum. Dizia que os espíritos a sustentavam.

— Onde aconteceu isso?

— Em Marrocos francês. Porque Marrocos estava, nessa época, dividido: havia a parte espanhola e a francesa.

— Você nasceu onde?

— Em Marrocos, na parte francesa. Depois vim para a França.

— Para qual cidade?

— Paris. Trabalhei lá durante cinco anos em uma sociedade petrolífera. Foi em 1957. Quando fui ver os centros espíritas de Paris, que desgraça! Não eram centros espíritas! Eram “centros de vidência”... Havia a velha União Espírita Francesa, é verdade, porém, ia muito mal. Já não se falava lá de Espiritismo...

— Só astrologia?

— E todos os espetáculos de bruxaria!

— Depois da morte de Hubert Forestier?

— Sim, depois. Jorge Gonzalez era o presidente, mas não tinha autoridade nem boa vontade. E havia André Dumas, que era o secretário-geral da União Espírita Francesa. Mas suas idéias não eram espíritas e, sim, parapsicológicas. O Espiritismo filosófico-religioso era por ele rechaçado. Quando morreu Jorge Gonzalez tomou Dumas a presidência e, cinco ou seis anos depois – em 1967 –, convocou uma assembléia com o objetivo de mudar o nome da União Espírita Francesa, fundada por Delanne, León Denis e Amélie Boudet, a esposa de Kardec, e o nome da “Revista Espírita”. Eu vivia, então, em Lyon, onde formara um grupo espírita particular. Editávamos o boletim “O Espírita Crístico”, que distribuíamos, gratuitamente, através da caixa postal. Algumas pessoas nos escreviam a respeito e eu respondia. Em 1984 fiz, então, um chamamento geral: “Agora é a hora de renascer o Espiritismo em França”. E mais de cem pessoas de várias partes da França atenderam à convocação. E me fizeram presidente. Mas eu lhes disse que não tinha o caráter fácil, que sou rigoroso no que diz respeito à Doutrina, que eles tinham de acostumar-se porque o Espiritismo não pode mesclar-se com outras coisas...

— Correto.

— Disse que meu compromisso era, apenas, com a Doutrina Espírita. Uns ficaram e outros marcharam... E fundamos em 1985 a União Espírita Francesa e Francófônica. E fizemos, também, renascer a “Revista Espírita” fundada por Allan Kardec em 1858, depois de nosso advogado mover um processo, já que André Dumas desejava destruir o projeto.

— E depois?

— Continuamos avançando. Trabalhamos por amor ao Espiritismo. Ninguém ganha um centavo. E criamos a Confederação Espírita Européia.

— E quer agora a união dos espíritas de todo o mundo?

— Sim, a união. Temos de fundar a Confederação Espírita Mundial. Quando falei a uma senhora, aliás brasileira, ela me respondeu: “Você é louco e orgulhoso”. Eu respondi: “Não sou louco nem orgulhoso. Sou kardecista. É isto o que Kardec queria: que todos os

espíritas verdadeiros se unissem. Não sou orgulhoso. Sei que há um trabalho a realizar”.

— Como surgiu a idéia da fundação da Confederação Espírita Européia?

— Em certa manhã me levantei e vi diante de mim o mapa da Europa com Kardec dentro. E perguntei a Rafael Molina, que preside a Federação Espírita Espanhola e com quem sempre pudemos contar, o que achava de tudo isso. Molina estava de acordo. E durante dois anos trabalhamos nessa idéia. Queremos agora que os irmãos espíritas discutam a proposição da fundação de uma Confederação Espírita Mundial. (2)

— Duas perguntas para finalizar. Quais as atividades da União Espírita Européia?

— Além do estudo das obras da Codificação realizamos trabalhos práticos de mediunidade; psicografia, passe, incorporação etc. Sempre trabalhamos em grupo. E temos ainda o que chamamos de “S.O.S. Fraternidade”. Porque se falarmos em mediunidade de cura os médicos nos processam.

— E você? Tem mediunidade?

— Tenho intuição e, às vezes, visões. E um pouco de psicografia. Mas isso não é nada! O que sou, na verdade, é um servidor, um soldado de Kardec.

— Como vê a obra de Kardec?

— Uma obra cósmica. Allan Kardec escreveu-a em francês porque ele era francês. E era francês porque Deus o quis assim, porém, sua obra não é “francesa”. É cósmica. Allan Kardec é moderno e universal.

— Roger, qual a mensagem que daria aos espíritas brasileiros?

— Estou feliz por ver que os irmãos brasileiros compreendem muito mais a Doutrina Espírita do que os que se dizem “científicos”. Desejo que os irmãos brasileiros venham aqui para ver o que fazemos pelo Espiritismo. Por que não temos o mesmo ambiente que há

(2) Dois anos e meio após esta entrevista realizou-se em Madri nos dias 27,28 e 29 de novembro de 1992 mais um Congresso Mundial de Espiritismo organizado pela Federação Espírita Espanhola. Durante o evento, foi, finalmente, fundada a instituição sonhada por Roger Perez – o Conselho Espírita Internacional.

no Brasil. Porém, lutamos! Mas, é claro, seremos mais fortes com o apoio moral de nossos irmãos brasileiros.

BARUCA, MÉDIUM DE CURA E LESAGE, MÉDIUM-PINTOR.

Viajamos para Lyon no dia seguinte em um trem, ainda emocionados com a recepção carinhosa que tivéramos na União Espírita Francesa. Três horas depois desembarcamos e, então, graças aos Amigos Espirituais topamos, inesperadamente (como há vinte anos passados!) com a rua Sala — rua onde Allan Kardec nascera. A casa onde viveram os pais de Allan Kardec não existe devido à inundação do rio Rhone. Rever esse velha rua foi uma satisfação muito grande! Dois dias depois deixamos Lyon. Toda a Riviera Francesa é linda, mas, em Nice, ela mostrou seu maior esplendor — e, em Nice nos deixamos ficar por uma semana. Minha mente, porém, já estava sendo influenciada por Manuel de Abreu, meu querido Espírito Mentor. Marselha! Era importante visitá-la porque havia lá dois quadros pintados, mediunicamente, por Augustin Lesage. E para Marselha viajamos.

Existem em Marselha duas instituições espíritas; uma, na periferia da cidade e outra, por incrível que pareça, distante, apenas, cinco minutos a pé de nosso hotel. Trata-se da Sociedade Espiritualista e Filantrópica “A Paz”, sediada na rua Missão de França, nº 1 e fundada em 1930 pelo torneiro-mecânico Bruno Baruca — notável médium de cura nascido em Gênova e desencarnado em 1978. Baruca tornou-se popular porque socorria os aflitos e os pobres de Marselha, além de realizar com os Espíritos curas consideradas impossíveis; sem nada cobrar, acrescente-se. Com as doações construiu a sede da instituição no coração da cidade e, cinco anos depois, nesse mesmo edifício de três andares (que idealista foi ele!) um pequeno teatro com a finalidade única de educar e moralizar através de peças interpretadas pelo “Grupo Arte e Caridade”. Esse pequenino teatro com duzentas e seis poltronas revestidas de veludo vermelho e cinco camarotes é uma perfeita miniatura do célebre “Trianon”, de Paris!

Eu desejava contemplar a pintura mediúnica de Lesage; pois, agora, da maneira mais inusitada, estava diante de duas telas fantásticas do notável médium francês. O estilo era egípciano e os quadros

apresentavam milhares de detalhes que só podiam ser observados com lupa. Um tinha por título “Enigma dos Séculos” e media três metros de altura. A pintura mediúnica de Lesage havia sido elogiada por Olivier Chevrillon, diretor dos museus da França em recente prefácio a um livro sobre o médium. Diga-se de passagem que Chevrillon não era espírita.

Visitamos nessa mesma manhã a instituição e o teatro. Vimos, então, em uma das salas inúmeros sacos com roupas e alimentos a serem distribuídos aos pobres de Marselha. No dia seguinte, almoçamos com o presidente de “A Paz”, o advogado Jean-Marie e sua esposa, Sra. Jannine, e tivemos a impressão de que já os conhecíamos de outras vidas. À noite, realizamos no centro um singelo trabalho mediúnico. E, na véspera de nossa partida, ofereceu-nos o casal um jantar em seu apartamento. Deixamos Marselha sentindo saudades de ambos.

NO RASTRO DE PAULO DE TARSO E DE JOÃO EVANGELISTA

Estávamos em Milão quando desistimos de visitar a Grécia. E fomos para Portugal rever os velhos amigos Lima Rodrigues, ex-presidente da Federação Espírita Portuguesa, e o Eduardo Fernandes Matos, o dinâmico presidente da Associação Beneficente Fraternidade, a qual tem hoje sede própria em Lisboa e mantém em Sintra a primeira obra de assistência social espírita em Portugal — um bonito e bem cuidado lar para velhinhos, onde, aliás, almoçamos, juntamente com Lima Rodrigues e sua esposa Manuela. É inegável que o movimento doutrinário lusitano, reunindo hoje (ano de 1990) cinquenta e cinco instituições devidamente registradas, muito deve a Eduardo Fernandes Matos. (3)

Havíamos desistido de ir à Grécia, mas a Espiritualidade se revelou em Lisboa — e resolvemos visitar Atenas e fazer um “Cruzeiro” pelas ilhas gregas. Qual não foi nossa surpresa ao verificarmos que o passeio pelo mar Egeu incluía visita à pequena, paradisíaca e

(3) Meu inesquecível amigo Eduardo Fernandes Matos desencarnou em 20 de março de 1992 aos 80 anos de idade.

romântica ilha de Patmos! Iríamos visitar a gruta onde o apóstolo João, em companhia de Maria, mãe carnal de Jesus, psicografara o "Apocalipse". O presente de Manuel de Abreu não podia ser melhor. A gruta conserva fortes vibrações espirituais que nos restauram. Narremos agora um momento pitoresco também oferecido pela Espiritualidade. Momento que nos faz sorrir. Imagine o leitor que caminhávamos na Ilha de Rodas quando eu disse à minha esposa:

— Estamos na Ásia Menor. Encontrar um brasileiro em Rodas é o mesmo que acertar na loteria!

Note o leitor que para chegar à Rodas, a partir de Atenas, havíamos viajado de navio quatro dias e quatro noites. Pois bem! Sem saber falar o grego, fiz mais com as mãos do que com a boca uma pergunta a um rapaz que se aproximava com cadernos e livros. Ele sorriu e perguntou com sotaque baiano:

— São portugueses ou brasileiros?

Olhei-o estupefato.

— Brasileiros, respondemos, eu e Iracema, ao mesmo tempo em que nos entreolhávamos.

E ele, sorrindo:

— Nasci em Vitória da Conquista. Morei em São Paulo, na rua Saguairu.

— Isto é incrível, exclamei. Moramos a dois minutos dessa rua. Você, meu amigo, é mais do que baiano. É uma mensagem da Espiritualidade!

A surpresa final foi apoteótica. O navio "Netuno" levou-nos à Turquia, na Ásia Menor – e fomos visitar as ruínas de Éfeso, cidade histórica que dista, apenas, trinta minutos de automóvel do porto de Kusadasi. Lá viveram Maria e o apóstolo João, que se tornou seu filho adotivo depois da crucificação de Jesus. Viveram em Éfeso, também, São Lucas e Paulo de Tarso, o qual durante três anos consecutivos pregou nessa cidade os ensinamentos de Cristo. As notáveis ruínas efesianas parecem estar em melhor estado do que as de Roma antiga e a impressão que se tem é de que, de súbito, Lucas, João, Paulo de Tarso e Maria surgirão por uma daquelas ruas...

13

DUAS CARTAS DE RHINE, O PAI DA PARAPSIKOLOGIA

N

ascido em 29 de setembro de 1895 na Pennsylvania, Estados Unidos, desencarnou aos oitenta e quatro anos de idade o eminente professor Joseph Banks Rhine, mundialmente conhecido como o pai da Parapsicologia. Era esposo de Louise Rhine, também autora de importantes estudos sobre parapsicologia e sua colaboradora na Universidade de Duke, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Rhine realizou em 1927, juntamente com o psicólogo William Mc Dougall, as primeiras investigações sobre a percepção extra-sensorial. Três anos depois era criado na Universidade de Duke o primeiro laboratório de parapsicologia em todo o mundo. Rhine dirigiu-o até setembro de 1965, quando foi fechado. Mas, nesse mesmo ano, por sua iniciativa foi criada a Fundação para o Estudo da Natureza do Homem, também sediada em Durham e sob sua direção. Nela trabalhou Rhine até o dia de seu desencarne. Entre os livros seus destacamos "O Alcance da Mente" e "O Novo Mundo da Mente", hoje clássicos e indispensáveis para o conhecimento exato da nova disciplina científica. A obra "Canais ocultos da Mente" é de autoria de sua esposa.

A contribuição de Rhine no estudo dos fenômenos psíquicos é inestimável. É verdade que cientistas do passado, como Crookes, Richet, Bozzano e outros não menos célebres, já haviam comprovado a realidade dos fenômenos da mediunidade e do animismo, mas Rhine, embora examinando apenas alguns deles, o fez em experiências laboratoriais e aplicando uma metodologia moderna, inclusive, o cál-

culo de probabilidades com o objetivo de excluir o “acaso”. Suas experiências em torno da telepatia, clarividência, precognição e retrocognição (fenômenos psi-gama, ou seja, mentais) e psicocinesia (fenômenos psi-kapa, ou seja, físicos) foram irrepreensíveis. E, por isso mesmo, a publicação de seu primeiro livro em 1934, “Percepção Extra-Sensorial”, chamou a atenção do mundo científico e laboratórios de parapsicologia se multiplicaram pela Europa. As experiências de Rhine repercutiram, inclusive, na extinta União Soviética. Ainda ao tempo de Rhine foi convocado o cientista Leonid Vassiliev, professor de fisiologia na Universidade de Leningrado, para examinar a fenomenologia paranormal. Ele, porém, intensificou suas experiências em torno da telepatia. Vassiliev, dentro da tradição pavloviana, interpretou-a como “meio de ligação radiobiológica”. Quer dizer, para ele o processo telepático tem por base uma energia material, não obstante, desconhecida... Curioso, notemos, é que ele mesmo desfechou ondas eletromagnéticas entre dois sensitivos colocados em cabines isoladas, tentando, assim, impedir a transmissão do pensamento sem, todavia, conseguir... Essa e outras experiências com igual objetivo foram realizadas nos Estados Unidos e com o mesmo resultado: nada no universo, nem as distâncias cósmicas, pode neutralizar a marcha do pensamento. O fato deixa evidente que o pensamento não é, pois, uma misteriosa secreção cerebral... O pensamento é um atributo da alma. E exatamente por ser espiritual é que nada, absolutamente nada, pode obstá-lo! Após decênios de exaustivas pesquisas chegou Rhine à conclusão de que o ser humano possui um elemento extrafísico – a alma. Ela é, em verdade, a sede da fenomenologia paranormal. Sobre a existência da alma (declarou Rhine) a parapsicologia norte-americana registrou provas esmagadoras. E Rhine fez ainda mais: selecionou cerca de quatrocentos casos, também ocorridos com crianças, inclusive, de tenra idade, e que só uma explicação é plausível: a intervenção de Espíritos.

Eis o que ele escreveu:

“São casos que sugerem fortemente a ação de algum fator espiritual. Muitos não parecem explicáveis, tais como são relatados, senão por agente desencarnado. A intenção manifesta, atrás do efeito provocado, é tão própria de uma pessoa defunta, que não saberíamos, razoavelmente, atribuir-lhe outra origem, senão a de uma pes-

soa defunta. Há casos em que o médium é uma criança ou um estranho, ignorante de toda a filosofia espiritualista e desprovidos de toda a motivação ostensiva.”

E mais se lê a propósito:

“É impossível deixar de concluir que, no ser humano, ocorrem fenômenos que transcendem as leis da matéria, o que implica, por definição, *uma lei imaterial ou espiritual.*”

Infelizmente, o pai da parapsicologia não pôde examinar o “caso Arigó”. Se o fizesse, talvez chegasse à descoberta de que os desencarnados atuam sobre o psiquismo dos vivos. Talvez, fosse Arigó uma prova decisiva. De qualquer forma, Rhine interessou-se pelo médium de Congonhas do Campo, através de uma carta que o autor

Duke University

THE PARAPSYCHOLOGY LABORATORY

March 22, 1965

COLLEGE STATION
DURHAM, NORTH CAROLINA
U. S. A.

Mr. Jorge Rizzini
Rua Maracá, 72
São Paulo, Brasil
South America

Dear Mr. Rizzini:

Mr. Belk has told me about the claims of mysterious surgery which you mention, but I had not heard about the film you write of. If it were possible for you to show me the picture, I should like to see it, even though I realize that pictures can never be final proof in themselves. They can be interesting and sometimes awaken wider interest.

Would it be advantageous to look into matters of this kind on a very confidential basis. We can look much further if there is no publicity given to our interest. Should you show us the picture and we find something about it on which we can go further, we would feel free to do so only if we were completely confidential about it. You can see how inhibitory publicity can be to a university scientist.

If this will give you an understanding of our situation, you may wish to stop by here on your way North in the U.S.A., and I will hope it will be at a time when I can be here and see your picture and talk it over with you.

Sincerely yours,


J.B. Rhine

Carta de Rhine dirigida ao autor deste livro.

deste livro lhe endereçou em março de 1965. Estávamos, então, com viagem doutrinária marcada para o México, e pretendíamos seguir para os Estados Unidos, a fim de que Rhine visse os filmes que realizamos das operações de Arigó e desse um parecer sobre o fenômeno. Acreditávamos que um parecer seu fosse capaz de influenciar o Supremo Tribunal Federal e Arigó, enfim, ganhasse a liberdade. O médium estava na prisão desde o dia 20 de novembro de 1964. A resposta de Rhine datada de 22 de março de 1965 foi a seguinte:

“O Sr. Belk me falou a respeito da misteriosa intervenção cirúrgica, sem que eu tivesse conhecimento desses filmes. Caso fosse possível, teria grande interesse em vê-los; filmes dessa espécie podem ser interessantes e despertar um interesse maior no futuro, embora perceba que jamais um filme possa ser prova final.

É preciso que esse assunto seja tratado de forma confidencial. Depois de ter visto o filme, é que poderemos decidir a respeito da publicidade, e isto só poderia ser feito se fosse uma coisa absolutamente sigilosa. Você poderá imaginar como pode ser inibitória para um cientista universitário a publicidade.

Você, compreendendo a situação, é possível que queira passar por aqui; e espero que isto aconteça quando eu aqui estiver para ver os filmes e conversarmos a respeito deles.”

No México, recebemos outra carta de Rhine. A carta é datada de 6 de maio. Para que os leitores compreendam o sentido de certas frases colocamos, entre parênteses, alguns esclarecimentos.

“Sua carta de 1º de maio acaba de chegar-me às mãos, e eu estou colocando-a agora junto com a minha correspondência para o Professor Castol. Você precisa regularizar mais a sua correspondência.

Desde que lhe escrevi em março, eu tenho notado muita atenção em torno do caso associado ao Sr. Arigó e, particularmente, estou interessado em não perder nenhuma identificação com este sensacional problema, que escrevi ao Professor Castol. Seria melhor você não tirar vantagem da oferta que fez agora (projetaríamos o filme das operações de Arigó para Rhine e faríamos com ele uma reportagem). Mais tarde, quando a excitação tiver passado, será possível para mim tirar mais vantagens sobre estas reportagens (a expressão “mais vantagens” significa que Rhine,

faria, então, conosco, não uma reportagem, conforme desejávamos, mas uma série). *Em qualquer caso, nós estamos trabalhando muito no nosso programa (Rhine refere-se ao programa parapsicológico da Fundação para o Estudo da Natureza do Homem) e eu não tenho tido tempo suficiente para pesquisar este caso (caso Arigó) sob o aspecto médico.*

Muito obrigado outra vez pelo seu oferecimento e, por favor, não construa um pré-julgamento nesse caso (o fato de Rhine não haver examinado o caso Arigó sob o aspecto médico). Eu não tenho nenhum conhecimento sobre isso. As recomendações de Puharich (cientista norte-americano operado por Arigó) e W.H.Belk (incentivador da parapsicologia nos Estados Unidos e que esteve no Brasil conosco) serão bem recebidas e sinceras, porém não estão suficientemente no nível de especificações mais altas.”

De novo, no Brasil, quinze dias depois seguimos para Nova Iorque, onde nos detivemos por um mês e, todavia não foi possível o encontro com Rhine. A triste verdade é que o grupo de cientistas que nos convidou para ir aos Estados Unidos apresentar o caso Arigó e documentação a respeito, não mantinha, por questão de rivalidade, relacionamento com o grupo de Rhine... E, assim, nos vimos obrigados a regressar ao Brasil, pois nossas condições monetárias já eram precárias e muito longe é a distância entre Nova Iorque e a Carolina do Norte... De qualquer forma, o pai da parapsicologia ficou, através destas cartas, que só agora achamos por bem perpetuar inserindo-as em um livro, vinculado ao Brasil, graças ao inesquecível Zé Arigó.

14

HUMBERTO MARIOTTI - CONVICÇÃO E CONSCIÊNCIA DOUTRINÁRIAS

Com o desencarne do confrade Humberto Mariotti, ocorrido no dia 17 de maio de 1982 devido a um colapso cardíaco quando contava setenta e seis anos de idade, perde o movimento espírita mundial uma das suas mais expressivas figuras.

Filósofo, jornalista, escritor, poeta e educador, Mariotti estreou na literatura espírita quando rapaz – e de maneira retumbante.

“Dialética e Meta-psíquica”, livro que refuta com argumentação cerrada e brilhante os ataques ao Espiritismo contidos na obra “Materialismo Dialético”, do filósofo Emílio Troise, foi escrito por Mariotti quando tinha menos de trinta anos de idade. Esse livro revela um pensador maduro, não obstante redigido na juventude, e viria



a ter repercussão, inclusive, fora da Argentina. No Brasil foi traduzido pelo polígrafo Júlio Abreu Filho, que, na época, andava a traduzir a “Revista Espírita”, de Allan Kardec, e a lançá-la em fascículos pela Editora Édipo. A edição brasileira, vinda à luz dez anos depois da primeira edição argentina, mereceu do inolvidável Herculano Pires um prefácio com quarenta e três páginas!

A literatura espírita de Humberto Mariotti deixou algumas raízes vigorosas em nossa terra. Ele escrevia em jornais brasileiros e, além de alguns opúsculos, dois de seus mais importantes livros foram traduzidos para o português. Além de “Dialética e Metapsíquica”, lançado pela Édipo (editora de Júlio Abreu Filho), a Editora Edicel, em 1967, lançou “O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização” – cujo título original é “Parapsicología y Materialismo Histórico” – traduzido por J. L. Ovando. Esse livro, que pela primeira vez pôs em confronto o Marxismo e o Espiritismo, é penetrante e de importância maior devido aos problemas sociais que se ampliam em todos os quadrantes e que o materialismo não conseguiu resolver. Editado na Argentina em 1963 e, quatro anos depois, em São Paulo, apresentou na edição nossa um vigoroso prefácio, também de autoria de Herculano Pires.

A obra literária de Humberto Mariotti não é extensa, mas é, notavelmente, substanciosa. Alguns de seus livros, não espíritas, fazem parte do patrimônio cultural argentino, como, por exemplo, “Pájaros del Arco Iris”, livro de poemas que mereceu o tradicional “Premio del Fondo de las Artes”, em 1968.

Humberto Mariotti, pela sua cultura humanística era respeitado nos meios literários da Argentina. O escritor Enrique Agilda, que não tem compromisso com o Espiritismo, escreveu a seu respeito:

“Mariotti tem autoridade moral para dirigir-se aos homens. Podem estes partilhar ou não das idéias de Mariotti; mas o que é necessário reconhecer é a sua inteireza moral, a sua consagração ao estudo, a sua arraigada e sentida vibração do mundo. Está interpenetrado de humanidade. Não é a sua uma voz indecisa; é uma voz interior, valorizada e consolidada pela prática de sua vida e pela perseverança na busca de mais amplos horizontes. É um trabalhador infatigável, um lutador que está sempre em seu posto etc.”

Não há nas palavras de Enrique Agilda o menor exagero. Nem

mesmo quando afirma que Humberto Mariotti estava “interpenetrado de humanidade”. Mariotti procurava vivenciar a Doutrina Espírita. Seu amor (e isto é um fato conhecido de todos os seus amigos) estendia-se até aos animais, que ele chamava de “os anjos olvidados” – bela expressão que serviu de título para um livro seu de poemas cujo tema são os animais. Com esse livro, aliás, inaugurou Mariotti na literatura contemporânea de seu país a “poesia zoófila”.

Já dissemos que Humberto Mariotti, desde cedo, colocou seu talento multiforme a serviço do Espiritismo. Em 1940, quando redigiu seu primeiro livro, já estava engajado na Confederação Espírita Argentina, trabalhando ao lado de outro líder, o denodado Hugo L. Nale, e de Naúm Kreimam pela criação da Federação Espírita da América que, somente seis anos depois, se transformaria em realidade, mas com o nome de Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), da qual foi vice-presidente. Mariotti ocupou, também, a presidência da Confederação Espiritista Argentina, por duas vezes, foi presidente da Sociedade Espírita Vitor Hugo e, entre outras ocupações, presidiu a Comissão Organizadora do Sexto Congresso Espírita Pan-Americano. Nesse Congresso, realizado em Buenos Aires de 5 a 12 de outubro de 1963, verificou-se um fato melancólico que obrigou Humberto Mariotti a assumir a defesa da Doutrina Espírita. É que Pietro Ubaldi enviara ao Congresso uma mensagem na qual fazia críticas ao Espiritismo, numa evidente demonstração de que não o conhecia em profundidade. Por exemplo: “O fato é que o Espiritismo ficou mais ou menos estacionário em sua fase de origem, limitando a dois pontos principais: a teoria da reencarnação e o fenômeno mediúnico”. Ou, então: “Que solução pode dar o Espiritismo a infinitos outros problemas que hoje estão vivos na mente moderna, no terreno psicológico, biológico, social, ético, espiritual, teológico etc.? Como pode o Espiritismo atual ser tomado em conta pela Ciência, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Moral etc., se não possui um sistema seu conceptual completo” etc. E ainda se lê nessa mensagem: “Por que o Espiritismo não quer tomar a iniciativa de transformar-se em uma religião universal, que poderá ser só quando se apoiar sobre mais vastas bases científicas e racionais?”.

No final de sua mensagem, Pietro Ubaldi sugere que a Doutrina Espírita adote os livros que ele escreveu, pois, só assim, se trans-

formaria em uma “religião universal, apoiada sobre mais vastas bases científicas e racionais”... A tese de Ubaldi criou tumulto e, evidentemente, foi rejeitada pelos congressistas (ela está inserida no “Libro del Sexto Congreso”, editado pela Confederação Espírita Pan-Americana). Terminando o Congresso Mariotti, então, refutou por escrito a tese de Pietro Ubaldi em um opúsculo que Conrado Ferrari traduziu e a Federação Espírita do Paraná editou em 1964. São vinte e cinco páginas luminosas, transbordantes de sabedoria, pois colocam Kardec e a Doutrina Espírita em seus devidos lugares. Na última página escreveu Mariotti:

“Na Idade do Átomo, a fé espírita, fundada nos fatos e na investigação, é a única que pode enfrentar com serenidade o atual momento histórico da ciência, posto que ela não é fé mística emanada da experiência de um só indivíduo, mas resultante de um fato universal vivido e experimentado por numerosos seres da Terra. A fé espírita é aquela que aflora luminosa e criadora dos planos profundos da consciência e que se faz realidade vivente através da presença histórica da Terceira Revelação, cujo conteúdo doutrinário foi codificado pelo gênio poligráfico de Allan Kardec.”

Conheci Humberto Mariotti no ano de 1962. Eu havia ido a Argentina a convite de Alexandre Kon — um dos fundadores da instituição “Manos Amigas”, de Buenos Aires — para fazer uma série de conferências ilustradas pelo meu filme que mostra operações do médium Zé Arigó. Mariotti foi quem me saudou no palco do Teatro Unione Y Benevolenza. Era ele dotado de uma bela voz e sua oratória flamejante, repleta de conceitos profundos, deixava o público extasiado. Em 1967 veio ao Brasil — país que ele tanto amava! — convidado pela Editora Edicel para assistir ao lançamento de seu livro “O Homem e a Sociedade numa nova Civilização”. Foi nessa oportunidade que conheceu Herculano Pires, com quem viria a ter uma cerrada correspondência. Eu costumo dizer aos amigos mais jovens que Humberto Mariotti equivale a Herculano Pires. Ambos assemelhavam-se no caráter e na cultura. E na intensidade do amor pela Doutrina Espírita. Em São Paulo visitou Mariotti inúmeras cidades do interior, fazendo memoráveis conferências e autografando seu livro. Nessa época mantinha eu na TV-Cultura, de São Paulo, o programa “Em Busca da Verdade”, aos sábados, à noite. A entrevista

que fiz com Mariotti ocupou o programa inteiro — uma hora e meia! E foi pouco... Dez anos depois, aproximadamente, o missionário argentino visitaria o Rio de Janeiro, a fim de assistir ao lançamento de um livro seu não espírita.

De janeiro a março de 1982 recebi duas cartas de Mariotti. Na primeira, depois de queixar-se da situação adversa à propagação do Espiritismo, na Argentina, faz ele o seguinte comentário sobre o Brasil:

“...el Brasil es en cierto modo un país privilegiado en lo que respecta a la difusión del pensamiento espírita. Ojalá que la reacción antiprogresista no la ponga nunca obstáculos! Por lo menos tenemos en nuestra América una especie de fortaleza espiritual para resistir a los embates negativos de lo terriblemente antiespírita que nos rodea. De ahí que invocamos siempre a lo Alto para que el Espíritu de Verdad proteja siempre al Brasil espírita y que sus hombres e mujeres vivan bien unidos para el triunfo de la causa del Espiritismo.”

Diversos livros de sua autoria me enviou. Recomendei à Editora Correio Fraternal do ABC o que tem por título “Victor Hugo, o Poeta do Mais Além”, que Wilson Garcia depois traduziu. Mariotti recebeu com alegria a notícia de que seria publicado em português e me enviou o documento de doação dos Direitos Autorais.

Curioso é que nessa mesma carta informa que havia se tornado médium psicógrafo:

“...tengo varios libros de poemas que me permito atribuir al Espíritu de Pablo Neruda y de otros poetas y escritores.”

Resta, agora, aguardar que esses livros por ele psicografados sejam editados, inclusive, no Brasil. Dois meses após essa correspondência Humberto Mariotti desencarnaria.

15

GIANNINI, “HERÓI DA CODIFICAÇÃO”

O movimento espírita brasileiro sofreu, em curto tempo, impressionante desfalque. Primeiro, Herculano Pires, esse formidável baluarte da Terceira Revelação voltou à Espiritualidade Superior; depois, lá se foram Paiva Mello, Yvonne Pereira, Geraldo de Aquino, Lauro Scheleder, Clóvis Tavares, Deolindo Amorim... E no dia 22 de junho de 1984 Frederico Giannini, aos 76 anos de idade, no Hospital Santa Isabel, na Cantareira, em São Paulo. Seu corpo foi cremado no Crematório de Vila Alpina.

Frederico Giannini prestou grandes serviços à cultura espírita nacional. Antes de tornar-se um dos nossos era livreiro e editor. Depois, converteu-se e fundou, em março de 1964, a Edicel (Editora Cultural Espírita Ltda.) com o objetivo de lançar pela primeira vez em língua portuguesa a “Revista Espírita”, de Allan Kardec, em doze volumes encadernados e que constituem, no dizer do próprio Codificador, os Anais do Espiritismo. A publicação da “Revista” foi a grande vitória espiritual de Giannini! E ele, idealista notável, fez ainda mais. Conseguiu lançar, pela primeira vez no mundo, as Obras Completas de Allan Kardec, totalizando dezenove volumes compactos. Mas só se deu por satisfeito quando publicou o vigésimo volume contendo “Vida e Obra de Allan Kardec”, de autoria de André Moreil e “Viagem Espírita de 1862”, um relatório do próprio punho do Codificador. Não foi sem razão, pois, que o filósofo argentino Humberto Mariotti chamou Giannini de “herói da Codificação”. Realmente, o que ele fez foi um ato de heroísmo.

Meu velho amigo era dotado de uma visão aguda no que se refere às necessidades doutrinárias do nosso povo. E sempre procu-

rou fazer o melhor. Os tradutores principais das Obras Completas de Allan Kardec foram dois gigantes do pensamento kardequiano: Júlio Abreu Filho (a quem devemos a tradução dos doze volumes da “Revista Espírita”) e o não menos incansável Prof. J. Herculano Pires, tradutor da maioria das obras da Codificação e autor dos notáveis prefácios que enriquecem mais ainda as Obras Completas de Allan Kardec.

Giannini foi uma figura impressionante. Seu entusiasmo e profundo amor pela Doutrina Espírita contagiavam. Nada podia esmorecê-lo em sua luta pela difusão do livro doutrinário. E, convém dizer, desde já, nunca foi homem de posses. Tudo o que realizou foi com sacrifício. Chegou a pedir empréstimos nos bancos. Mas, jamais alguém viu-o lamentar-se, mesmo quando alguns “líderes” criticaram-no por haver publicado a “Revista”... Estava sempre bem-humorado.

Conheci Frederico Giannini após haver ele fundado a Edicel. Lá se vão quantos anos! E hoje orgulho-me de que o primeiro livro espírita que ele publicou (ano de 1964) foi o meu “Materializações de Uberaba”, em defesa de Chico Xavier e Otilia Diogo, então, massacrados pela revista “O Cruzeiro”.

Coube a Frederico Giannini a glória de lançar, em dezembro de 1970, *Educação Espírita*, a primeira publicação no gênero em todo o mundo, que Herculano Pires dirigiu com tanta sabedoria. Bastava, este fato, aliás, para seu nome ficar indissolúvelmente ligado à História da Cultura Espírita Brasileira, a ser escrita, um dia...

Giannini nasceu na cidade de São Carlos, São Paulo, em 12 de março de 1908.

16

1º CONGRESSO BRASILEIRO DE
JORNALISTAS E ESCRITORES ESPÍRITAS

Em seu precioso livro “Idéias e Reminiscências Espíritas”, editado pelo Instituto Maria, de Juiz de Fora, Deolindo Amorim incluiu um histórico sobre o 1º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas. Esse trabalho, da maior importância para a História do Jornalismo Espírita em nossa terra (o referido Congresso foi o primeiro no gênero, em todo o mundo) apresenta algumas lacunas... Quem o diz é o próprio Deolindo Amorim: “É natural que haja omissões, pois fizemos uma reconstituição, em grande parte, de memória” (pág.175). E a memória nem sempre é fiel... Mas não havia outra opção pelo fato de que o arquivo do Congresso se perdera, teses, livros de atas, correspondência etc. E a memória, insistamos, não poderia registrar todos os detalhes, mesmo porque o Congresso fora realizado em 1939... Mas, como o histórico está enfeitado em livro e, pois, será consultado pelos futuros historiadores, é de bom alvitre que se aponte agora, enquanto Deolindo Amorim continua vivo entre nós, os equívocos e possíveis omissões, a fim de que o texto da próxima edição seja, realmente, definitivo. (1)

Mas, quem irá apontar tais enganos?

Eu, não... Não participei do Congresso. Quando esse evento pioneiro realizou-se no Rio de Janeiro tínhamos, apenas, quinze anos

(1) Infelizmente, Deolindo Amorim desencarnou em 24 de abril de 1984: dois dias antes de o “Jornal Espírita” publicar este nosso trabalho!

de idade... Deolindo Amorim irá espantar-se, mas, quem irá corrigir seu histórico depoimento será ele próprio. Sim, ele! Porque possui um relatório que Deolindo Amorim redigiu em setembro de 1958 (há vinte e seis anos!) sobre o referido evento e que enviou ao Herculano Pires... Deolindo, certamente, não deve recordar-se do fato. Esse relatório minucioso (acompanhado de uma foto, também, raríssima do Congresso) fazia parte do arquivo de Herculano, hoje em meu poder. (*)

O fato é curioso: Deolindo Amorim historiou duas vezes o 1º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas; o primeiro relatório é de 1958 e o segundo, inserido em seu recente livro, traz a data de janeiro de 1972. Evidentemente, o primeiro deverá ser mais fiel porque mais próximo do acontecimento. Comparemo-los; mas sem deixar de lado a excelente reportagem sobre o Congresso publicada logo após sua realização e estampada na revista "Reencarnação" (edição de dezembro de 1939), então dirigida por Oscar Breyer e secretariada por Edgar Marques Guimarães.

COMO NASCEU A IDÉIA DE FAZER O CONGRESSO

No depoimento inserido no livro "Idéias e Reminiscências Espíritas" informa Deolindo Amorim que "a idéia de se promover um Congresso de Jornalistas Espíritas nasceu de uma circunstância muito relevante: a campanha que a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro desencadeara contra o Espiritismo, em 1939".

No relatório de 1958, porém, dá-nos Deolindo Amorim outras informações. A idéia de realizar o Congresso surgiu "justamente em plena campanha que então se levantara, no Rio, contra a propaganda espírita pelo rádio. A moção da Sociedade de Medicina e Cirurgia, contra o Espiritismo, pedindo ao Governo a proibição da "Hora Espírita Radiofônica", teve repercussão imediata, e logo movimentou os espíritas em todo o Brasil".

E, ainda mais: entraram em debate pelas colunas do "Diário da Noite" jornalistas espíritas e médicos, agitando a opinião pública.

A foto entre outras, também, raras, desapareceu na editora Eldorado dirigida por Wilson Garcia.



Deolindo Amorim, um dos mestres do jornalismo espírita.

de de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

O programa "Hora Espírita Radiofônica", idealizada por Leopoldo Machado, era levado ao ar às quintas-feiras, das 18 às 19 horas, pela PRE-3, Rádio Transmissora do Rio de Janeiro.

Para os futuros historiadores todos esses detalhes têm um valor incomensurável. (2)

UM CONGRESSO ESPÍRITA EM PLENA DITADURA

Em seu livro "Idéias e Reminiscências Espíritas" esqueceu Deolindo Amorim de registrar outra informação muito preciosa constante de seu relatório de 1958. Ei-la:

"Realizou-se a 1ª sessão preparatória no dia 19 de agosto de 1939. Estávamos sob o regime de ditadura. A tribuna espírita era

(2) Para informações detalhadas sobre a campanha dos médicos materialistas contra o Espiritismo leia-se "Pigmeus contra Gigantes", de autoria de Leopoldo Machado.

frequentemente *controlada* pela Polícia”. E, mais: “Vivíamos sob a asfixia da liberdade, em todos os sentidos. Só se falava em *patriotismo, nacionalismo, integridade nacional, unidade nacional*, segundo a propaganda oficial através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), o órgão que *controlava* toda a imprensa e o rádio. O momento era delicadíssimo. Insinuava-se que os espíritas eram contra a idéia de Pátria, e isto, naquele momento, era gravíssimo”.

A temível polícia de Getúlio Vargas, então, sob o comando de Filinto Müller, não perturbou, felizmente, os locais onde o Congresso se desenvolveu.

NOMES E CARGOS

Queremos lembrar aos leitores que, ao fazermos estas anotações, temos diante de nós a seguinte frase que Deolindo Amorim escreveu em seu relatório de 1958: “Não desejo que fique qualquer dúvida para futuros estudos históricos”.

Posto isso, prossigamos.

Confrades, cuja atuação foi importantíssima no Congresso, aparecem no livro com dados incompletos. Francisco Tiago Alves era redator de “A Tarde”. Álvaro Brandão da Rocha era gerente de “A Vanguarda”. Jornalistas, portanto, profissionais.

Quanto ao José Barbosa do Nascimento, tem seu nome citado no livro. E nada mais. Mas, no relatório de 1958, fez Deolindo Amorim esta anotação: “Devo dizer, e é com o mais imperioso sentimento de justiça que o faço, que, além de Brandão da Rocha, Tiago Alves, Henrique Andrade e outros jornalistas militantes, colaborou muito na propaganda do Congresso, no jornal *Meio Dia*, o nosso confrade José Barbosa do Nascimento. Muito lhe deve, sem dúvida alguma, o êxito de nosso movimento”.

Um parecer de Deolindo Amorim que não podia ficar esquecido, mesmo porque esses companheiros já desencarnaram...

O livro ainda nos informa que veio de Macaé o confrade Prof. Pierre Ribeiro. Informação incompleta. De Macaé viera uma comitiva formada por Pierre Ribeiro, José Soares Garcia e Antônio Alves Ferreira, representando o jornal “Macaé-Espírita”.

O relatório de 1958 registra que na *Comissão Organizadora*

do Congresso, Francisco Klörs Werneck tinha o cargo de tesoureiro; mas no livro quem aparece com esse cargo é Álvaro Brandão da Rocha... A revista “Reencarnação”, porém, da qual Werneck foi representante, assinala que era ele membro da “Comissão de Fundos”.

E, agora, uma informação fundamental que não consta no livro “Idéias e Reminiscências Espíritas”, mas que o relatório de Deolindo Amorim redigido em 1958 nos oferece: os escritores e jornalistas Alfredo Miguel e Pedro Serra, ambos redatores de “Bahia-Espírita”, enviaram ao Congresso “proposta de recomendação, no sentido de se evitarem nomes de *santos* ou denominações estapafúrdias para sociedades espíritas”. Um detalhe muito importante do ponto de vista doutrinário!

O livro informa que o Congresso prestou homenagem a João Pinto de Sousa “por ser um dos jornalistas mais antigos entre os presentes”; mas, mais uma vez, o velho relatório de 1958 contraria Deolindo Amorim, afirmando que “prestou-se homenagem a três vultos da história do Espiritismo no Brasil: Bezerra de Menezes, José Petitinga e (Deolindo não tem certeza), creio, a Cairbar Schutel”.

E, já que estamos tratando de detalhes, vamos a mais um... Em seu livro Deolindo Amorim registra que no encerramento do Congresso a prece foi proferida por Ismael Gomes Braga. Mas, não. O relatório de 1958 informa que foi a Sra. Abigail Lima quem fez a prece final. O detalhe não é impertinente, pois, trata-se de um evento histórico.

A ESPIRITUALIDADE PREVIU O CONGRESSO

Em seu livro como no relatório de 1958 Deolindo Amorim refere-se ao fato de que Francisco Klörs Werneck, na abertura do Congresso, “leu um trabalho a respeito de uma previsão do Congresso, cuja realização se confirmava naquele momento e de modo tão brilhante”.

O arquivo do Congresso perdeu-se, mas o breve discurso de Francisco Klörs Werneck está preservado! Foi publicado pela revista “Reencarnação”, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, imediatamente depois do Congresso. Para a satisfação dos leitores vamos reproduzir o trecho em que Klörs Werneck narra a profecia feita pela médium Zilda Gama. Antes, porém, informemos que Werneck, ao tempo do Congresso tinha 34 anos de idade e já havia traduzido

dezesseis obras de Ernesto Bozzano! Ele foi um dos mais fecundos tradutores de livros espíritas – fecundo e fiel! Mas vamos ao seu discurso na abertura do Congresso, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa:

“A realização deste Congresso, meus Senhores, minhas Senhoras, liga-se a uma profecia de minha vida, profecia essa feita há dois anos mais ou menos.

“Há cerca de dois anos, indo, como de hábito, à casa de minha progenitora, à Rua Carvalho Alvim, nº 167, nesta capital, lá encontrei a minha prima Francisca, irmã da conhecida médium, escritora e poetisa Dna. Zilda Gama, e, como essa possuísse, também, faculdades mediúnicas, quis pô-las à prova, e, para tanto, lhe pedi que se concentrasse e me dissesse algo com relação à minha pessoa.

“A médium me disse pouca coisa, mas no meio dessa pouca coisa, proferiu as seguintes palavras: ‘Por volta dos seus 35 anos, você tomará parte numa grande reunião como membro da direção dos trabalhos. Vejo você de pé, falando a um público numeroso’. Essa profecia já me parecia um tanto difícil de se realizar quando a médium acrescentou mais alguma coisa sobre a minha participação nessa reunião, em palavras que não quero repetir aqui, pois seria falta de modéstia.

“Acerca dessa profecia feita no ano de 1937, dela apenas fiz comentários com a minha esposa e mais três confrades: os Drs. Luís Autuori e João de Andrade Sousa e o Sr. Antônio Macário Pinheiro, aos quais disse, então, que não via por onde nem como pudesse essa profecia realizar-se visto como nunca me dirigia ao público nem supunha fazê-lo, assim como também não via como podia meu obscuro nome aparecer, ser posto em evidência, nessa ocasião, pois todo o mundo sabe que eu sou um semeador solitário e, pessoalmente, um desconhecido para a maioria dos confrades.

“Quando Deolindo Amorim me convidou para membro da Comissão Organizadora deste Congresso, eu, que já nem pensava mais na profecia, me recusei alegando que o lugar deveria caber a outro confrade que não eu. Mas estava fadado que eu tomasse parte neste Congresso e que o fato profético se cumprisse fielmente.

“A médium e prima falou em ‘por volta dos seus 35 anos, e eu me acho justamente nessa idade, quase 35. Também disse que eu

faria parte da mesa dos trabalhos, que me dirigiria ao público e isto está acontecendo. Também falou sobre outra participação minha neste certame e a verdade é que estou representando, aqui, um terço das publicações espíritas, o que me enche o coração de júbilo pela grande prova de consideração que os diretores dessas publicações dispensaram à minha pessoa.”

EXPOSIÇÃO DE REVISTAS E JORNAIS ESPÍRITAS

Não consta no livro “Idéias e Reminiscências Espíritas” nem no relatório de 1958, mas a providencial revista “Reencarnação” nos faz saber que trinta e seis publicações espíritas foram expostas no salão da Liga Espírita do Brasil, por ocasião do Congresso. Quarenta e cinco anos se passaram... Muitas já desapareceram, mas seus títulos não ficarão esquecidos. Ei-los:

Maranhão – “Maranhão Espírita”; *Pará* – “Alma e Coração” e “Revelação”; *Bahia* – “Bahia-Espírita”; *Espírito Santo* – “Alfa”; *Rio de Janeiro* – “O Farol”, “Raio de Luz”, “Macaé-Espírita”, “O Reformador”, “Aurora”, “Revista Espírita do Brasil”, “Novo Horizonte”, “O Cristófilo”, “Obreiros do Bem”, “A Cruzada”, “O Caminho”, “União do C.E.S. Leopoldina”, “Seara Jornal”, “Boletim” e “Mundo Espírita” (era este último impresso no Rio de Janeiro); *Minas Gerais* – “O Médium”, “O Espírita Mineiro”, “Atalaia” e “Arauto da Fé”; *Rio Grande do Sul* – “Reencarnação” e “Jornal Espírita”; *São Paulo* – “O Clarim”, “Revista Internacional de Espiritismo”, “A Nova Era”, “Mensageiro do Órfão”, “A Alvorada”, “Amor à Verdade”, “Voz do Além”, “A Centelha”, “Imortalidade” e “O Farol da Vida”.

O destaque especial na exposição foi a coleção completa do primeiro jornal espírita em todo o Brasil: “O Echo d’Além Túmulo” (como, então, se escrevia), lançado em 1869 e “enviado da Bahia por gentileza dos confrades Alfredo Miguel e Pedro Serra”.

Os jornais acima estão longe de representar *toda a imprensa espírita* da época. Muitos não foram avisados ou atrasaram a remessa de exemplares.

As mais velhas publicações expostas foram as seguintes: “O Reformador”, então com 57 anos; “O Clarim” com 35 anos; “Alma e

Coração” com 29 anos; “Aurora” com 25 anos; e “Jornal Espírita” com 21 anos (jornal gaúcho).

Figuraram, também, na Exposição do Congresso jornais leigos do Rio de Janeiro que colaboravam com a divulgação doutrinária. Citemos alguns: “O Globo”, “A Tarde”, “Correio da Manhã”, “Radical”, “Meio Dia”, “Diário da Noite”, “Gazeta de Notícias”, revista “Oito Dias”.

RESOLUÇÕES DO CONGRESSO

Finalizemos, tratando agora das resoluções do Congresso. Deolindo Amorim informa em seu livro “Idéias e Reminiscências Espíritas” que “ficou aprovada, por exemplo, a idéia de criação de uma Sociedade de Jornalistas e Escritores Espíritas, como decorrência do Congresso”. E nada mais... Além de não citar o Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, que foi (note-se) a primeira instituição em todo o mundo a congregar jornalistas e escritores espíritas (fundado em 1948) também não cita a resolução, talvez, mais importante do Congresso, ou seja: a realização, na capital de São Paulo, do 2º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas! E mais curiosa se torna a omissão pelo fato de que o 2º Congresso foi promovido exatamente pelo Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo (abril de 1958). Era seu presidente, então, o erudito Herculano Pires. Lá se vão vinte e seis anos... Deolindo Amorim não participou desse Congresso. O Instituto de Cultura Espírita do Brasil foi representado pelo saudoso Carlos Imbassahy.

No relatório, porém, que Deolindo Amorim remeteu ao Herculano Pires estão registradas as resoluções do 1º Congresso. Para estudar as possibilidades de se fundar a Sociedade de Escritores e Jornalistas Espíritas (a ABRAJEE) o Congresso elegeu uma comissão formada pelos confrades Lins de Vasconcelos, Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Tiago Alves e Deolindo Amorim – e não como depois escreveu Deolindo Amorim em seu livro “Idéias e Reminiscências Espíritas”: “Lins de Vasconcelos, Ismael Gomes Braga e o Presidente do Congresso, se não me falha a memória”... A Comissão eleita, porém, jamais se reuniu. A referida ABRAJEE só foi criada trinta e sete anos depois do Congresso! E, para tratar do 2º Con-

gresso que deveria realizar-se em São Paulo, no ano seguinte (1940) foram eleitas duas comissões. A do Rio de Janeiro era composta por Ismael Gomes Braga, Henrique Andrade e Levindo Melo. E a de São Paulo por João Batista Pereira, Antônio José Trindade, Antenor Ramos e João Augusto Ferreira. As duas comissões, também, fracassaram. Então, dezenove anos depois o Clube dos Jornalistas Espíritas do Estado de São Paulo, por direito, chamou a si a responsabilidade e realizou o velho sonho...

Há de perguntar o leitor atento se no relatório de 1958 Deolindo Amorim cita o 2º Congresso realizado em São Paulo pelo Clube dos Jornalistas Espíritas. No relatório, sim. Em “Idéias e Reminiscências Espíritas”, não.

PALAVRA FINAL

Assim são os fatos. Deolindo Amorim me perdoe a intromissão em seu trabalho histórico. Mas ele mesmo escreveu que em seu “depoimento para o futuro”, fatalmente, “há de haver omissões. É um lapso inevitável pelo qual pedimos desculpas”. Realmente, havia omissões, meu amigo. E eu não resisti à tentação de colaborar na restauração da Verdade Histórica...

Ainda uma palavra. Quero deixar bem claro que o livro “Idéias e Reminiscências Espíritas” é notável. Na verdade, ninguém poderá escrever a História do Espiritismo no Brasil sem consultar essa obra que tenho já como clássica!

17

REMINISCÊNCIAS DO ESPIRITISMO EM PORTUGAL

Antuérpia, a belíssima cidade belga que o autor deste livro teve a ventura de visitar em 1993 quando foi considerada a Capital Européia da Cultura, cedeu seu título honorífico à Lisboa. 1994 foi, pois, um ano importantíssimo para Portugal. Mais, ainda, para os espíritas lusitanos. Não por haver sido a encantadora Lisboa a Capital Européia da Cultura e, sim, porque em 1994 foi mostrada através dos veículos de comunicação de massa a energia irresistível do movimento espírita português. É que de 8 a 10 de dezembro realizou-se em Lisboa o 2º Congresso Nacional de Espiritismo. Razão de sobra, portanto, há para que nossos irmãos de além-mar sintam-se jubilosos!

Recordemos que o 1º Congresso Nacional de Espiritismo aconteceu no Ateneu Comercial de Lisboa, de 15 a 18 do mês de maio de 1925. Participaram do evento dezoito instituições sediadas em treze cidades. Mas nem tudo foram rosas... Curioso e absurdo foi o fato de o Centro Espírita de Braga, o maior de Portugal naquela época, ausentar-se do histórico evento e, mais do que isso, insistir em desmoralizá-lo. O Congresso, não obstante obteve grande êxito, pois um ano depois foi fundada a Federação Espírita Portuguesa - FEP. Havia, porém, um duro carma coletivo a resgatar. Oliveira Salazar instalara o regime ditatorial em Portugal. Viveu o povo 48 anos sem liberdade! Os centros espíritas fecharam suas portas. E, por fim, em 1962 foi o patrimônio da Federação Espírita Portuguesa confiscado. Sua bela e enorme sede própria em estilo romano situada na rua da Palma, local nobre de Lisboa, fôra entregue ao clero católico, à Casa

Pia de Lisboa, a qual arrendou-a à célebre atriz Laura Alves, que a transformou em teatro... O moderno edifício da FEP na cidade do Porto, onde funcionava a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, a casa Pia alugou-o a uma gráfica. Os prédios, convém assinalar, — não obstante já se encontrarem no outro lado da vida Salazar, Manuel Cerejeira (cardeal-patriarca de Lisboa) e Laura Alves, não foram ainda devolvidos. O fato causa indignação porque a sede da Maçonaria foi devolvida três meses após a queda do regime fascista, enquanto nós, espíritas, estamos a esperar há décadas! Quanto à biblioteca da FEP com mais de doze mil volumes, desapareceu...

O fim do regime salazarista em 1974 fez com que o país irmão se expandisse em todos os sentidos. Os Espíritos vinculados a Portugal, entre os quais o genial poeta Camões, jubilosos por haver o país saldado parte do carma coletivo impulsionaram, de tal forma, o movimento doutrinário que hoje, inegavelmente, a Doutrina Espírita exerce considerável influência nas camadas sociais. A propósito do carma coletivo, leia-se “Portugal Libertado”, soneto que Camões transmitiu através de nossa mediunidade e que se encontra inserido na obra “Antologia do Mais Além”:

Ó Pátria minha, que por tantos anos
Sofreu dos ímpios trágicas torturas,
De ti não me aparte nestas Alturas,
Nem Deus te abandonou nos desenganos.

Já resgatados foram os enganados
Que cometeste contra as Escrituras,
Quando crias calar nas sepulturas
Com ferro e fogo os anjos soberanos.

Avante, Portugal, inda altaneiro,
O dogma que faz vil a Potestade
Destrói sem medo agora sob o pé,

Que Jesus não deseje em cativo
Quem inspirado pela Divindade
Os mares conquistou com tanta fé.

Não posso deixar de registrar que antes e durante o sombrio

período salazarista teve o Espiritismo em Portugal notáveis baluartes, cujos nomes não deverão jamais ser esquecidos pelas futuras gerações. Eles dedicaram suas vidas ao nosso ideal, quase sempre com sacrifícios, para que os espíritas de hoje usufruam da Doutrina que há de elevar a Terra na escala dos mundos. Impossível uma citação completa, mas os nomes que deixo aqui consignados gostaria fossem escritos com letras de ouro.

Começo com Firmino de Assunção Teixeira, grande benemérito do Espiritismo em terras lusitanas, confrade de bondade ilimitada, doou a maior parte do dinheiro a ser empregado na construção da sede da Federação Espírita Portuguesa e da sede da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, esta última em edifício de vários andaimos.

Maria O'Neil (pertenceu à Academia de Ciências de Lisboa), Amélia Cardia (primeira mulher portuguesa a doutorar-se em medicina), Afonso Acácio Martins Velho (primeiro presidente da FEP), Antonio Lobo Vilela (escritor), Antonio J. Freire (escritor e médico), Adolfo Sena (professor da Universidade de Lisboa), Hugo Rocha (premiado pela Academia de Ciências de Lisboa), Faure da Rosa (coronel e ex-presidente da FEP), Antonio Castanheira de Moura (jornalista e pesquisador da mediunidade), Souza Couto (advogado e jornalista), Fernando de Lacerda (notável médium, primeiro grande psicógrafo da língua portuguesa), Maria Veleda (escritora), Maria Carlota de Almeida Santos (oradora), Isaura da Costa Rosa (oradora), José Francisco Cabrita (professor e jornalista), Madalena Frondoni Lacombe (autora de “Merveilleux Phénomènes de l’Au-delà”, obra com 460 páginas editada na França) e, entre outros vultos eminentes, meus inesquecíveis amigos já desencarnados Isidoro Duarte dos Santos, Casimiro Duarte e Eduardo Fernandes Matos.

Casimiro Duarte esteve no Brasil por mais de vinte vezes. Ao regressar a Lisboa, onde possuía uma grande loja de roupas no centro da cidade, trazia sempre a mala cheia de livros de Allan Kardec, que no aeroporto conseguia fazer passar incólume pelos salazaristas, graças a um amigo influente... Foi quem patrocinou minha primeira viagem a Portugal, em março de 1970.

No aeroporto de Lisboa conheci o corajoso idealista Eduardo Fernandes Matos, confrade impetuoso que se dispunha a viajar comi-

go em seu automóvel por inúmeras cidades e a apresentar-me ao público. Ponderei:

— E a polícia de Salazar? Penso que se as conferências forem realizadas em recintos com as portas abertas devíamos, antes, tentar obter do Governo autorização por escrito. Talvez sejamos bem sucedidos, já que vocês convidaram para assistir minha palestra o embaixador do Brasil, o escritor Alvaro Lins.

Matos concordou. No Palácio do Governo, na ante-sala do Chefe de Gabinete, no entanto, minha esposa Iracema Sapucaia foi avisada que não poderia entrar. Motivo: era mulher... Fantástico!

Falamos com o Chefe de Gabinete sobre assuntos variados (eu trazia uma credencial da União Brasileira de Escritores), mas não fizemos referência ao objetivo da visita. Seria inútil!

Na rua, disse-me o Matos com a voz firme:

— Faremos o trabalho sem a autorização da polícia.

Ponderei de novo:

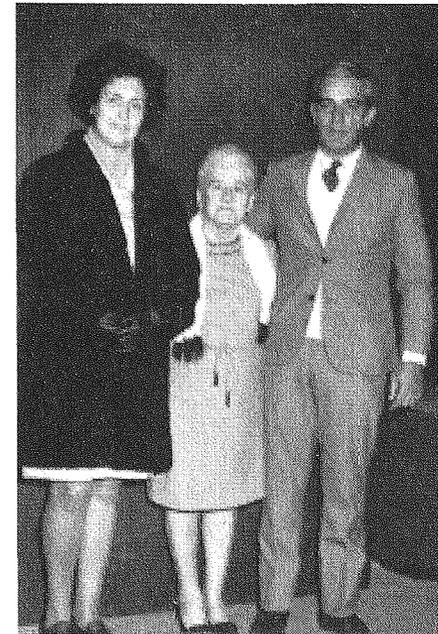
— Mas, veja bem. Se a polícia intrometer-se, o máximo que poderá acontecer-me é a expulsão do país. Quanto a você, é português, vive aqui...

Nada poderia demover o fundador da Associação de Beneficência Fraternidade. E realizei a primeira conferência sobre a fenomenologia mediúnica e exibi em seguida meu filme que mostra em cores Arigó fazendo intervenções mediúnicas com canivete, tesouras e pinças caseiras. O auditório nobre de conhecido e luxuoso edifício no coração de Lisboa ficou superlotado. Pessoas se comprimiam pelos corredores. Alvaro Lins viajara para o Brasil, mas um representante da Embaixada Brasileira compareceu e fora pelo Matos apresentado ao público. Os policiais, que lá deviam estar e, certamente, os “olheiros” do clero, permaneceram incógnitos.

Em todas as cidades que falei e exibi meus documentários cinematográficos (e fiz isso em palco de cinemas e clubes) jamais fui interpelado pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (temível P.I.D.E criada por Salazar). Mas, em Beja houve um imprevisto. O governador proibiu minha estadia e, inclusive, que os confrades me oferecessem um jantar! Era uma afronta, mas, ainda, assim, em uma residência projetei, a pedido de Matos, meus filmes para duas dezenas de pessoas de absoluta confiança, enquanto confrades vigiavam

a rua. E, como ensina o Evangelho, sacudimos a poeira do sapato e seguimos para outra cidade. Acompanhou-nos a viagem inteira a nossa valorosa e eterna amiga Laura Álem (o sobrenome está correto), então com quase oitenta anos de idade e que, por diversas vezes, fora detida pela polícia em Lisboa acusada de realizar curas através do passe mediúnico. A História do Espiritismo em Portugal não poderá esquecerê-la!

Quanto ao Isidoro Duarte dos Santos, minha admiração por esse confrade não é menor. Escritor, jornalista e oficial da Marinha Portuguesa, com sua revista “Estudos Psíquicos” manteve acesa a chama da Doutrina Espírita durante a fase ditatorial. Tive a felicidade de conhecê-lo por volta de 1950 em São Paulo e em companhia de Herculano Pires e de Batista Lino, fundador da Editora LAKE, sendo eu ainda muito jovem. Em 1970 estivemos juntos em Lisboa. Depois, em 1974, regressei a Portugal mais uma vez a convite de Casimiro Duarte para novo ciclo de palestras doutrinárias. O povo regozijava-



*Iracema Sapucaia, a médium portuguesa
Laura Álem e Jorge Rizzini.*

se ainda com o golpe de Estado efetuado pelas Forças Armadas que pusera fim à ditadura salazarista. Meu apresentador foi o conhecido escritor Lima Rodrigues, que depois presidiu por algum tempo a FEP. Com ele percorremos grande parte do país.

O Centro Espírita Perdão e Caridade (devo ressaltar agora), cujo aluguel o generoso Casimiro Duarte pagou durante quinze anos consecutivos (embora no decorrer desse tempo a polícia do ditador mantivesse as portas da benemérita instituição lacradas) fora aberto para o público

cerca de três meses após o fim do regime ditatorial. Nele funcionou, inicialmente, a FEP, com Isidoro Duarte Santos na presidência. Dias antes da eleição fiz meu trabalho nesse magnífico Centro, tendo ao lado Casimiro Duarte e Isidoro Duarte dos Santos, o qual me apresentou ao público e cuja gravação tenho em meu poder. Isidoro Duarte dos Santos assumira a presidência da FEP no dia sete de setembro de 1974.

Não posso deixar de citar, agora, para a meditação dos leitores, as seguintes palavras do admirável escritor lusitano Antônio J. Freire, escritas há mais de meio século, mas que refletem uma verdade inquestionável:

“Os espíritas de moderna geração não podem avaliar devidamente a coragem, o desassombro, a dedicação dos antigos pioneiros do Espiritismo, em Portugal, para enfrentar e vencer o ridículo, o sarcasmo, as prevenções duma sociedade fanatizada por incongruentes dogmas religiosos ou eivada de preconceitos agnósticos. Os propagandistas, vindos das profissões liberais, foram os que mais sofreram na propaganda do Espiritismo, quer na sua dignidade, quer nos seus legítimos interesses profissionais”.

E mais:

“As novas gerações entram, agora, no Espiritismo, através de



Jorge Rizzini, Isidoro Duarte dos Santos (escritor e ex-presidente da Fed. Esp. Portuguesa) e Casimiro Duarte (Fundador do C. E. Perdão e Caridade). Lisboa, 1974.

arcos de triunfo e de pórticos dourados, enquanto que os antigos pioneiros tinham de passar, na sua propaganda, pelas **forças caudinas**, forjadas de humilhações, de angústias, e de prejuízos de toda a ordem.”

Honra e glória aos velhos e destemidos pioneiros do Espiritismo que souberam sacrificar-se pelo nosso nobre Ideal, suportando as afrontas e vexames.

A chama do Espiritismo tem sua origem na Espiritualidade Maior e, por isso, é indestrutível. Políticos que exerceram o poder absoluto durante décadas (refiro-me, particularmente, ao general Franco na Espanha e a Salazar) não conseguiram apagá-la. Tal como a mitológica Fênix, o movimento espírita ressurgiu sempre das cinzas e com grande impetuosidade. E mais abrangente. Note o leitor que o moderno movimento doutrinário português apresenta uma juventude organizada e estudiosa das obras fundamentais de Allan Kardec, o que antes não existia. Portugal tinha sessenta centros espíritas legalmente constituídos: breve terá uma centena! É importante que se conscientizem de que somente a união de todos em torno à FEP poderá dar-lhes maior respeitabilidade junto ao governo e à sociedade em geral.

O movimento espírita português muito desenvolveu-se depois que Isidoro Duarte dos Santos, Jorge Raimundo e Casimiro Duarte, entre outros companheiros dedicados, reorganizaram-no. Foi tal a dedicação das diretorias posteriores que o dinâmico João Xavier de Almeida na presidência achou oportuno programar o 2º Congresso Nacional de Espiritismo (quase setenta anos após o primeiro!), o qual realizou-se no auditório do Hotel Meridien em Lisboa em dezembro de 1994 e que reuniu quinhentas pessoas. Memorável evento! Repercutiu em todo o país, graças às reportagens e notícias diárias dadas pela imprensa profana, emissoras de Rádio e Televisão. O tema central do Congresso foi pinçado de uma das obras do eminente amigo meu J. Herculano Pires: “o Espiritismo, o grande desconhecido”. Entre os objetivos básicos destaco dois: evidenciar o tríplice aspecto do Espiritismo e “a vivência de uma grande Manifestação Cultural Espírita, por forma a combater o preconceito cultural contra o Espiritismo”.

Como percebeu o leitor atento, o 2º Congresso Nacional de Espiritismo teve encontro marcado com Kardec e a Codificação.

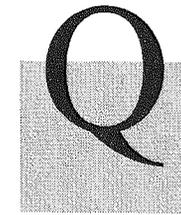
O patrono espiritual do histórico acontecimento foi o médium português Fernando de Lacerda, desencarnado no Brasil em 1918. Os Correios de Portugal confeccionaram um carimbo comemorativo do Congresso com a efigie do célebre psicógrafo. Merecida homenagem!

Parabéns, irmãos portugueses!

Aleluia, Portugal amado!

18

RELIGIÃO ESPÍRITA (E A FALANGE DA VERDADE)



Quando menos se espera uma onda umbralina desaba sobre parte do movimento doutrinário, provocando tumultos. E, às vezes, estragos. Uma dessas perigosas ondas surgiu na cidade praiana de Santos. Um grupo de confrades publicou uma série de artigos com o objetivo de (pasmem os leitores) demolir a Religião Espírita. Espiritismo não é religião – proclama o grupo e, com o escalpelo, mutila, impiedosamente, a bela face religiosa da Doutrina Espírita. A palavra religião “irrita”, de tal forma, esses confrades, que até o Cristo é por eles tratado com irreverência. Tenho sobre a mesa exemplares do jornal “Abertura” que divulga esses artigos. Em um deles lê-se este título: “Jesus, espírito puro?”. A intenção é clara – agredir o sentimento religioso do leitor. E mais. Como o articulista duvida da pureza de Jesus, pergunta: “Seria esta a última encarnação de Jesus?”.

É possível que o confrade não seja zombeteiro. Então, útil lhe será compulsar já o Novo Testamento, onde encontrará no Evangelho de João, capítulo 17, versículo 24, estas palavras de Jesus: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste: porque tu me hás amado antes da fundação do mundo”.

Aí está: antes de o mundo ser o Cristo já era. O Mestre viu, há milhões de anos, na condição de Espírito puro, a Terra se formar. Se as palavras de Jesus não bastam lembro ao confrade incauto que Paulo de Tarso, ao ver na estrada de Damasco a luz resplandecente

que o Espírito de Jesus emitia, ficou cego durante dias. Cremos que a luz resplandecente como um sol prova a pureza de Cristo. É aconselhável que o confrade, daqui para frente, use de cautela quando escrever ou falar de Jesus.

Outro participante do grupo, não menos extremista, escreve que “em nenhum momento Kardec faz menção da prece como um ato de religião”... Para esse articulista a oração “caracteriza-se, melhor, como um ato científico”... Francamente, isso não é sofismar – é fazer blague. Que a prece é ato religioso não há dúvida. Está escrito com clareza meridiana no item 659 de “O Livro dos Espíritos”: “A prece é um ato de adoração”. No entanto (acrescentemos) quem ora não é, obrigatoriamente, místico!

Quanto ao líder do pequeno grupo santista (o confrade Jaci Régis) também extremista, escreveu que “No Brasil, principalmente a partir da década de 1950, desprezou-se o trabalho de reflexão do espiritismo (ele escreve Espiritismo com “e” minúsculo), para jogar-se, literalmente, o comando de pensamento doutrinário nas mãos dos desencarnados”.

Ora, a verdade histórica é outra. O comando do pensamento doutrinário não esteve, apenas, nas mãos luminosas de alguns desencarnados como Emmanuel, André Luís e Humberto de Campos, mas, também, nas mãos não menos luminosas de mestres encarnados, como Carlos Imbassahy, Herculano Pires, Júlio Abreu Filho, Deolindo Amorim e outros. Aí estão os livros notáveis que escreveram. Lembrem-se, certamente, os leitores mais idosos que nada se fazia no movimento espírita paulista sem que antes fosse ouvido o parecer de Herculano Pires... Porque o mestre era dotado de bom senso doutrinário inabalável e cultura enciclopédica. Herculano Pires foi o grande líder do movimento espírita nacional. E, certamente está ainda para nascer quem tenha competência doutrinária para ocupar o espaço que deixou.

Vejamos, agora, a afirmação que o Espiritismo não é religião.

Nosso confrade santista no editorial que intitulou de “Uma nova visão do homem e do mundo”, escreveu que “Não tem o espiritismo um caráter religioso”. No entanto, abro o livro “Obras Póstumas”, de Allan Kardec (editora Edicel, pág.13) e leio o título: “Caráter e Conse-

qüências Religiosas das Manifestações Espíritas”... E Kardec observa no item 3 desse mesmo capítulo que:

“Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por meta o destino do homem depois da morte”.

Ora, outra base não tem o Espiritismo, senão, essa. É preciso compreender que uma religião não necessita, obrigatoriamente, de rituais, sacerdotes, altares, imagens etc. Esse aparato místico é decorrência do baixo nível evolutivo do homem. O Espiritismo possui a mais alta concepção de religião. É religião em Espírito e Verdade. E, por isso mesmo, não é “mais uma” religião e, sim, A RELIGIÃO.

É Kardec, ainda, quem está com a palavra (Vide “O que é o Espiritismo”, edição FEB, págs. 83 e 84):

“... os Espíritos (escreve o Codificador) proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável pelos seus atos, recompensado ou punido pelo bem ou pelo mal que houver feito; colocam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e a seguinte regra sublime ensinada pelo Cristo: fazer aos outros como queremos que nos seja feito. Não são estes os fundamentos da religião?”

Observemos, agora, com atenção redobrada que é a Religião que implantará na terra o Reino do Bem. Consulte-se em “A Gênese” (editora Edicel, pág. 367) o capítulo “Um só Rebanho e um só Pastor”. Leia-se:

“No atual estado de opiniões e de conhecimentos, a Religião, que um dia unirá os homens sob uma mesma bandeira, será a que melhor satisfizer a razão e as legítimas aspirações do coração e do espírito; a que não for desmentida em ponto algum pela ciência positiva; a que, em lugar de ficar estagnada, seguirá a Humanidade em sua marcha progressista, sem jamais se deixar ultrapassar; a que não for exclusiva nem intolerante; a que for emancipadora da inteligência, não admitindo senão a fé baseada na razão; aquela cujo código de moral for o mais puro, o mais racional e mais em harmonia com as necessidades sociais; a mais apropriada, enfim, a fundar na Terra o Reino do Bem, mediante a prática da caridade e da fraternidade universais”.

Qual a religião capaz de fundar na Terra o Reino do Bem? É óbvio que Allan Kardec está a referir-se à Religião Espírita. Real-

mente, o objetivo do Espiritismo é esse – fundar em nosso planeta o Reino do Bem. No último discurso que pronunciou Allan Kardec afirmou que:

“O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a felicidade aqui na terra porque lhes ensina a se contentarem com o que têm. Que os espíritas sejam, pois os primeiros a aproveitar os benefícios que ele traz, e que inaugurem entre si o reino da harmonia, que resplenderá nas gerações futuras.”

Até agora temos citado Allan Kardec. Será que a Falange do Espírito de Verdade opinou a respeito desta magna questão? Sim, opinou. Examinemos “Obras Póstumas”, de Allan Kardec, pág. 227, editora Edicel, capítulo “Primeira Revelação de Minha Missão”. Na noite de 30 de abril de 1856, em Paris, Allan Kardec fazia a revisão de “O Livro dos Espíritos”, juntamente com a Falange do Espírito de Verdade (servia de médium psicógrafa a Srta. Japhet), quando, de súbito, um dos Espíritos escreveu uma mensagem dirigida ao Codificador (no ano seguinte ele lançaria “O Livro dos Espíritos”). Nessa mensagem histórica lia-se:

“Não haverá mais religião, mas uma será necessária, porém verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os primeiros fundamentos já foram lançados. Rivail, é esta a tua missão.”

A missão de Allan Kardec fora revelada. Uma religião será necessária... Realmente, a Religião Espírita é digna do Criador pelo fato de ser eminentemente espiritual. Nela não há sacerdotes. E nem objetos mágicos. O Espiritismo é a Religião Pura – a verdadeira religião.

Na semana seguinte, dia 7 de maio de 1856, estando presente a médium Srta. Japhet, perguntou o Codificador ao Espírito Hahnemann se confirmava a mensagem anterior. Apesar da confirmação, um mês depois (“Obras Póstumas”, pág. 232.) Kardec interrogou o Espírito de Verdade. E o grande Espírito, através da psicógrafa Aline C., além de confirmar, aconselhou Kardec a ter “a maior descrição se quisesse ser bem-sucedido”. E ele evitou a palavra “religião”. Mesmo assim, a Doutrina Espírita foi com violência rechaçada pela Igreja em todo o mundo. Os livros da Codificação foram colocados no índice do Vaticano – o Papa atribuiu-os ao demônio...

No fim da vida, quatro meses antes do desencarne fez Allan Kardec um discurso da maior importância doutrinária. Intitula-se “O

Espiritismo é uma Religião?” (vide “Revista Espírita”, editora Edicel, dezembro de 1868).

Nesse documento Kardec deixou escrito com sua costureira clareza:

“Uma religião, em sua acepção nata e verdadeira é um laço que *religa* os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças”.

E, mais adiante:

“Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, MAS SOBRE AS BASES MAIS SÓLIDAS: AS MESMAS LEIS DA NATUREZA” (o destaque é nosso).

“Por que, então (prosegue o Codificador) declaramos que o Espiritismo não é religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, NA OPINIÃO GERAL, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com um cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública.”

E Allan Kardec encerra a questão de maneira definitiva com estas palavras plenas de sabedoria:

“Crer num Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento moral e felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração intelectual; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na do bem e do mal, conforme o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o

bem e o mal; crer na continuidade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver enfim nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus: eis o *Credo, a religião do Espiritismo*, religião que se pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os Espíritos numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal”.

Aí está a religião verdadeira, grande, bela e digna do Criador.
A Religião Espírita!

OBRAS DO MESMO AUTOR

Beco dos Aflitos (contos) – Ed. Civilização Brasileira. Obra laureada pela União Brasileira de Escritores: “Prêmio Fábio Prado”.

O Sexo nas Prisões (com um parecer do Procurador da República). Estudo Jurídico. Ed. Nova Época.

Eurípedes Barsanulfo, o Apóstolo da Caridade (biografia) – Ed. Correio Fraternal do ABC. 9ª edição.

Escritores e Fantasmas (documentário histórico – Ed. Correio Fraternal do ABC. 2ª edição.

Materialização de Uberaba – (Documentário) – Ed. Nova Luz. 2ª edição.

Kardec, Irmãs Fox e Outros – Ed. DPL. 3ª edição.

Caso Arigó – (documentário) – Ed. Supertipo.

O Regresso de Glória (contos) – Ed. DPL 3ª edição.

A Terceira Revelação. A Visita (peças teatrais) – Ed. DPL. 2ª edição.

Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec (biografia) – Ed. Paideia

A Verdade Sem Véu – inédito

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Vida de Monteiro Lobato – Ed. Correio fraternal do ABC. 3ª edição.

Histórias de Dona Santinha – contos – Ed. Piratininga.

Carlito e os Homens da Caverna – (novela) – Ed. Brasiliense.

A Cidade Perdida – (teatro) – Peça laureada pelo Departamento de Cultura do Estado de São Paulo: “Prêmio Narizinho”.

BIOGRAFIAS SONORAS

A Vida Missionária de Allan Kardec – texto gravado em um CD por artistas da televisão.

A Vida Maravilhosa de Chico Xavier – texto gravado em um CD por artistas da televisão.

OBRAS PSICOGRAFADAS

Antologia do Mais Além – Ed. Fundação Paulo de Tarso, 4ª edição.

Sexo e Verdade — Ed. Correio Fraternal do ABC – 4ª edição.

Castro Alves Fala à Terra – Ed. Correio Fraternal do ABC – 3ª edição

Guerra Junqueiro no Aquém e no Além – Ed. Instituto Maria.

MÚSICAS MEDIÚNICAS

Compositores do Além, volume 1 – LP com músicas populares brasileiras. Disco USE.

Compositores do Além, volume 2 – LP com músicas nacionais, argentinas e norte-americanas. Disco USE.

Compositores do Além, volume 3 – LP com músicas líricas italianas. Disco USE.

Marchas mediúnicas – Disco compacto. Ed. Correio Fraternal do ABC.

Músicas do Além – CD com músicas populares brasileiras. Ed. FEESP.

Próximos Lançamentos do Autor:

O Regresso de Glória

“Todas as narrativas que integram *O Regresso de Glória*, de Jorge Rizzini, desenrolam-se no trânsito entre a fronteira da vida e da morte (...) e dá continuidade à expansão daquele universo tão bem engendrado pelo grande Edgard Allan Poe nas suas *Histórias Extraordinárias*, em que pese o fato de Jorge Rizzini ser um mestre consumado, talentoso, atrelando e conduzindo o leitor de roldão, da capitular ao ponto final.”

(Eroci Santana, diretor da União Brasileira de Escritores)

A Terceira Revelação

Esta peça teatral de Jorge Rizzini é um marco na História da Dramaturgia Mundial. Revive os primórdios do Espiritismo. Desenrola-se, primeiramente, nos Estados Unidos, e a partir do segundo ato em Paris, onde Allan Kardec pesquisa os fenômenos mediúnicos, desenvolve a missão de codificador da Doutrina Espírita, sustenta debates com os opositores e desencarna. Os fatos são aqui apresentados com detalhes realistas e absoluta fidelidade à verdade histórica, pois Rizzini fez pesquisas inclusive na França. Escritor consagrado nos meios culturais, é detentor de importantes prêmios literários outorgados pelo Departamento de Cultura do Estado de São Paulo e pela União Brasileira de Escritores.

Leia Também:

Sonhos de Amor e de Liberdade

Elisabete Felípe e Adônis Heleno

A vida de uma família espanhola, no início do século passado, mostrando suas alegrias, tristezas, esperanças e as tentações do sexo e do vício, além das perseguições de inimigos de outras vidas. O livro também desmistifica, à luz da moral do Cristo, a religiosidade do Caminho de Santiago de Compostela.

***Histórias que ninguém contou,
conselhos que ninguém deu***

Melciades José de Brito

Este livro resgata a antiga tradição de transmitir importantes ensinamentos morais por meio de contos deliciosos, apresentados em linguagem simples e objetiva, o que facilita a compreensão.

***Grãos de Mostarda -
Uma Abordagem Psicológica do Evangelho.***

Spencer Júnior

Grãos de Mostarda apresenta reflexões a respeito dos ensinamentos de Jesus com o foco nos problemas do homem agora, utilizando-se das ferramentas da Psicologia Acadêmica e da Psicologia Espírita.

***Mortes Prematuras e a Vida das Crianças
no Mundo Espiritual***

Renato Maluf

Neste livro, a questão das mortes prematuras, o mecanismo da reencarnação, a Justiça Divina dentre outros temas recebem do autor abordagens interdisciplinares à luz da Doutrina Espírita, sempre com naturalidade e clareza.

Junte-se a nós

*E veja por que a DPL é a
Editora do Terceiro Milênio*

A Espiritualidade em bases amplas e o homem do Terceiro Milênio são o nosso alvo.

Livros com enfoque nas realidades da ciência, questionando os dogmas, os modelos esgotados; apresentação de novos autores e mensagens inéditas do Mundo Espiritual.

Nossas portas estão abertas aos trabalhos que visem eticamente à melhoria do homem e de nossa sociedade.

Determinação, Progresso e Luz (DPL) é nossa bandeira; o "Homem Novo", espiritualizado, nossa meta.

Se você defende esse ideal e tem alguma obra escrita, entre em contato conosco.

Caixa Postal 42467 - CEP 04218-970 - SP
Internet: www.dpl.com.br • E-mail: dpl@dpl.com.br

Para palestras, conferências, exposições, simpósios e outros eventos com os nossos autores, fale conosco.

O Espírito da Verdade entra em contato com o professor Denizard pela primeira vez em 24 de março de 1856:

"Para ti, chamar-me-ei VERDADE e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição". Em 12 de junho, ao confirmar a missão do professor Denizard, o Espírito Verdade alertava: "terás de sustentar uma luta quase contínua, com o sacrifício de teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois sem isso, viverias muito mais tempo". Então, o professor Denizard lhe responde: "Espírito da Verdade, agradeço os teus sábios conselhos. Aceito tudo, sem restrição e sem idéia preconcebida".

Em fins de 1856 os originais de O Livro dos Espíritos ficaram concluídos. Pronta a obra, o professor Denizard assina-a com o pseudônimo Allan Kardec, nome que tivera em outra existência entre os druidas, nas Gálias. A primeira obra básica do Espiritismo veio a lume, oficialmente, no dia 18 de abril de 1857.

Desde o cumprimento da profecia - o envio do Consolador prometido - aos dias de hoje, entretanto, muitos fatos da História do Espiritismo ficaram ocultos pela cortina do tempo. Jorge Rizzini faz esse resgate.

Em Busca da VERDADE PERDIDA NO TEMPO...



Jorge Rizzini realizou pesquisas em museus, bibliotecas públicas, arquivos de jornais e cemitérios, nos EUA e na França, que resultaram em muitas descobertas importantíssimas para a História Mundial do Espiritismo.

Em um dos cemitérios de Nova York, EUA, por exemplo, Rizzini encontrou a cripta que abrigou o corpo da médium Margareth Fox - e descobriu que o seu corpo sumiu do cemitério meses após o sepultamento. E mais: as irmãs Fox - ao contrário do que se supunha - não eram norte-americanas.

O lamentável atentado ao túmulo de Allan Kardec no Cemitério Père-Lachaise, em Paris, praticado por terroristas, é narrado com pormenores inéditos.

Rigorosamente documentado, Rizzini demonstra que o Espírito da Verdade não é Jesus Cristo, nem é o pseudônimo de uma falange e ainda revela sua última reencarnação na Terra.

Em Busca da Verdade Perdida no Tempo... é uma obra de inestimável valor histórico, que contribui para o enriquecimento cultural do leitor.



ISBN 85-7501-033-6



9 788575 010334